Università Ca' Foscari di Venezia

Facoltà di Lingue e Letterature Straniere

Corso di Laurea in

Lingue e letterature europee, americane e postcoloniali

Prova finale

La donna è una degenerata

di Maria Lacerda de Moura

Relatore Ch.mo Prof. Vincenzo Arsillo

Correlatore Ch.ma Prof.ssa Vanessa Castagna

Laureanda Giulia Brunello

matricola n. 788626

Anno Accademico 2009-2010

source: https://doi.org/10.24451/arbor.13764 | downloaded: 20.9.2024

Agradecimentos

Agradeço o meu orientador, Vincenzo Arsillo, que acreditou neste projecto e forneceu esclarecimentos e sugestões importantes; Vanessa Castagna por ler e corrigir o meu trabalho nas últimas semanas de escrita; Paula Siega que me ajudou com conselhos preciosos ao longo da tradução da obra. E ainda Mônica Schpun pela disponibilidade que demonstrou com o empréstimo do material, a troca de mail durante meses e a hospitalidade em Paris, e Miriam Leite, que contactei para uma opinião e foi sempre muito gentil.

Ao meu pai e à minha mãe devo um agradecimento especial, pela confiança e presença contínua; e por fim a Matteo, que apoiou a minha escolha e demonstrou ter muita paciência.

Índice

1. Introdução: um retrato de Maria Lacerda de Moura

1.1 A vida e o contexto 5

1.2 Anarquismo, feminismo e emancipação sexual 17

1.3 Antimilitarismo e anticlericalismo 21

1.4 A visão individualista-libertária e o papel da educação 27

2. Introdução à obra: as temáticas

2.1 O papel das mulheres na sociedade 34

2.2 A suposta inferioridade feminina 38

2.3 A sexualidade das mulheres e o valor da maternidade 41

3. Tradução

Questo é il mio verbo di fratellanza 49

La donna è una degenerata 53

Vantaggi dell'educazione intellettuale e professionale della donna nella vita pratica delle società 81

Ancora sull'educazione femminile 98

L'attuale regime sociale risolve il problema dell'assistenza all'infanzia? 111

Libertà! Uguaglianza! Fratellanza! Ordine e Progresso! 121

Fratellanza per l'Arte e per la Donna 131

L'inquisizione del pensiero 150

L'anima della donna 173

4. Bibliografia 184

1. Introdução: um retrato de Maria Lacerda de Moura

1.1 A vida e o contexto

A minha tese é a tradução de *A mulher é uma degenerada*, uma obra de Maria Lacerda de Moura, publicada em 1924.

Decidi analisar este escrito porque é uma obra representativa duma mulher intelectual brasileira que contribuiu para a história do feminismo no Brasil.

De facto, Maria Lacerda encarou os diversos aspectos da condição feminina, reflectiu sobre os problemas e tentou conduzir a própria vida de maneira consciente, segundo os princípios libertários da luta contra o autoritarismo, seja na educação seja na política. Defensora da igualdade entre homens e mulheres, Maria Lacerda lutou para as mulheres manifestarem as suas escolhas e os seus desejos, em lugar de subordiná-las à moral e à ordem.

Com a sua obra de jornalista e conferencista, Maria Lacerda revela uma visão crítica do mundo em que viveu e dos universos de que participou, e fornece perspectivas e ideais do seu tempo: os seus escritos trazem inquietações de uma mulher que viu e a analisou as relações entre os sexos.

A documentação oficial e pessoal – produção jornalística, apontamentos, livros publicados, cartas, impressos e gravados das conferências – exprime o pensamento e as aspirações de uma camada da população, de 1919 a 1935, época em que Maria Lacerda foi activa, mas também da população de hoje.

Através do estudo *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, Miriam Lifchitz Moreira Leite, nos meados dos anos 80, apresentou Maria Lacerda e as suas reflexões depois de cinquenta anos de silêncio sobre a sua obra[1]. De facto, se a partir dos anos 70 os questionamentos foram retomados pelos movimentos feministas, foi só após a análise de Miriam Leite que o pensamento desta intelectual libertária ganhou aprofundamento e actualidade.

---

[1] M. L. Moreira Leite, *Maria Lacerda de Moura. Uma feminista utópica*, Florianópolis, Editora Mulheres, 2005, pp. 13-14. A figura de Maria Lacerda não estava presente na história geral do anarquismo. Ela não aparece nem no clássico de George Woodcock, *L'Anarchia. Storia delle idee e dei movimenti libertari*, Milano, Feltrinelli, 1966 (ed. original *Anarchism. A History of Libertarian Ideas and Movements*, Cleveland-New York, The World Publishing Company, 1962).

A mulher é uma degenerada fornece portanto a ocasião para reflectir acerca do papel da mulher dentro da sociedade no passado e no presente, chegando à conclusão que muitas coisas mudaram e muitas outras ainda não. Apesar das mulheres terem ocupado o mercado de trabalho, ainda não houve uma transformação radical e a maior responsabilidade na vida privada – com os filhos e com o lar – ainda recai sobre ela.

Por esse motivo o movimento feminista e as lutas que as mulheres como Maria Lacerda avançaram no passado não podem ser apagados. Hoje não podemos esquecer as ideias que elas defenderam e os direitos que conquistaram. Espero que através deste meu trabalho as mulheres possam reflectir sobre a própria condição e perceber que sempre será preciso lutar em favor da igualdade social e do respeito pela própria individualidade. Se pensarmos que já está tudo perfeito, vamos recuar no percurso da história da evolução das relações entre homem e mulher e vamos perder as importantes vitórias que as mulheres que nos antecederam ganharam também para nós.

Maria Lacerda exprimiu a crise de um sistema social, que nas primeiras décadas do século XX foi perturbado por greves, mobilizações operárias, reuniões e congressos[2].

O processo de industrialização e da concentração da riqueza na sector agrícola e industrial foi mais agudo nas grandes cidades como São Paulo que nas pequenas cidades como Barbacena. Por isso o impacto que representou a mudança para São Paulo na vida de Maria Lacerda foi muito forte. A rápida urbanização provocava novas condições de vida urbana e estava a conduzir ao distanciamento cada vez maior entre as classes sociais, a fortes contrastes sociais e económicos, e a medidas repressivas através de instrumentos policiais, legislativos e educativos necessários para disciplinar e nacionalizar a população[3].

Já no início do século começavam a surgir organizações e associações de

---

2 B. Fausto, *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo, Difel, 1983.

3 M. L. Moreira Leite, *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, Ática, 1984, p. 12.

trabalhadores que colocavam questões relativas a direitos políticos e civis e à dignidade do trabalho – em primeiro lugar eles pediam a redução das horas de trabalho, o fim de turnos irregulares e o aumento dos salários. Entre 1905 e 1908, nasceu por exemplo a Federação Operária de São Paulo e realizou-se o Primeiro Congresso Operário[4].

Foi sobretudo no contexto paulista e em alguns centros urbanos do centro-sul do País que se espalhou o movimento anarquista, graças à grande presença de artesãos e operários. Num País predominantemente agrário, os anarquistas concentraram as suas actividades de propaganda nos centros urbanos e tiveram como público preferencial os trabalhadores manuais urbanos, identificados como classe operária. O principal desafio desta militância era a construção da identidade desta mesma classe trabalhadora e a criação da consciência de sua função revolucionaria[5].

Especialmente na cidade de São Paulo, a classe operária estava caracterizada por uma forte presença de imigrantes italianos e espanhóis, que formavam quase a metade de população do Estado paulista[6]. Os italianos em particular constituíam cerca de 70% dos anarquistas que participaram nos vários grupos que surgiram entre 1895 e 1920[7]. À diferença do Rio de Janeiro, São Paulo registrava de facto uma grande parte de imigrantes europeus e seus descendentes na composição total da população[8].

Muitos deles, compartilhando o sofrimento, a discriminação, a exploração, a violência e as péssimas condições de trabalho e de moradia, estavam influenciados pelo movimento anarquista. Esta doutrina, que acreditava na igualdade entre os homens e na possibilidade de criar uma sociedade mais justa e mais

---

4 Fausto, *Trabalho urbano*, cit., p. 133.

5 T. Bernardon de Oliveira, *Anarquismo, sindacatos e revolução no Brasil (1906-1936)*, Tese de Pós-Graduação, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 250, disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp090965.pdf (acesso em 3 de fevereiro 2011).

6 Leite, *Outra face*, cit., p. 14.

7 AA.VV., *Anarquismo e pedagogia libertária*, p. 5, disponível em www.portalgens.com.br/.../anarquismo_e_pedagogia_libertaria.pdf (acesso em 3 de fevereiro 2011).

8 A. Samis, *Sindacalismo e anarquismo no Brasil*, s.d., [p. 9], disponível em http://www.4shared.com/get/r68__Bw5/Anarquismo_no_Brasil.html;jsessionid=66139615DDBC9A716C9361F88E5B584D.dc278 (acesso em 3 de fevereiro 2011).

racional, foi na verdade o fruto do processo de luta de classe, uma resposta política da própria classe trabalhadora contra a sua exploração, mas dirigia-se a todos os pobres e os oprimidos que sofriam as consequências das injustiças sociais, não apenas às massas operárias, embora a maioria dos grupos fosse constituída por trabalhadores.

Aliás, era sobretudo sobre as classes populares que se abatiam as consequências da recessão que caracterizou os anos antes e depois da Primeira Guerra Mundial, e cujo efeitos principais foram a inflação económica, o desemprego e o pioramento das condições de vida urbana.

Na tentativa de aproximação com a classe operária, o anarquismo adquiriu força e notoriedade e tornou-se a base das práticas de resistências, de manifestações e de luta de classe.

Os jornais anarquistas que surgiram em São Paulo ma também em muitas outras cidades brasileiras nas primeiras décadas do século – com os quais Maria Lacerda colaboraria – revelavam uma profunda preocupação com a ampliação do acesso dos trabalhadores aos meios de comunicação da sua classe: denunciando as condições de exploração da mão-de-obra imigrante nas fazendas de café e nas fábricas da cidade, influenciavam portanto a nascente classe operária e despertavam também interesse pelo anarquismo.

Jornais publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo como *O amigo do Povo* – fundado em 1902 por Neno Vasco, Benjamin Mota, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani[9] – mas também como *A Lanterna*, jornal anticlerical fundado por Edgar Leuenroth, *O Livre Pensador*, *A Pátria*, *O Despertar*, e ainda como *Tribuna Operaria* e *O Socialista* – do Norte do Brasil –, *A Voz do Trabalhador* – de Bahia – e muitos outros[10], tornaram-se instrumentos de propaganda de grupos anarquistas constituídos por italianos, espanhóis, brasileiros e outros e constituíram o espaço de encontro para muitos dos anarquistas que actuavam em São Paulo.

---

[9] E. T. Toledo, "Em torno do jornal *O amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século", *Cadernos AEL*, Campinas (SP), Unicamp/Ifch, n.8/9 (1998), p. 101.

[10] Samis, *Anarquismo*, cit.

Em 1903, o relatório de um diplomata italiano que informava o Ministro da Relações Exteriores da Itália sobre as conversas com o Barão do Rio Branco, oferece informações sobre o movimento anarquista e a consideração que a classe média e as autoridades tinham dos operários e das suas organizações. Ele escreve:

> É na cidade de São Paulo que o grupo anarquista tem, pode-se dizer, o seu quartel general e é dele que os anarquistas dirigem os grupos menores espalhados em outras regiões do Brasil (…) Nesta cidade onde pelo menos um terço da população é italiana, os anarquistas têm vários órgãos periódicos de publicidade e é também aí que se imprime com maior frequência os opúsculos de propaganda e os folhetos e libelos subversivos que não são distribuídos somente entre os operários do Brasil mas também enviados (…) a outros centros em imigração italiana (…) Disse-me o Barão do Rio Branco que está convencido da necessidade de providências enérgicas para reprimir a audácia dos agitadores estrangeiros, os quais gozaram até agora de uma excessivamente longa tolerância por parte da qual começaram a ver-se os frutos na agitação das massas operárias e no carácter ameaçador das greves que se seguem nos principais centros industrias do Brasil.[11]

Foi mesmo no grande centro urbano de São Paulo que, poucos anos depois, num clima de intensa mobilização e de conflito entre classes sociais e onde a influência anarquista foi muito importante, Maria Lacerda chegou.

As greves e as repressões que tinham caracterizado os anos precedentes – a Greve Geral de 1917 por exemplo – nos primeiros anos da década de 20 continuaram a crescer e a mobilizar sindicados revolucionários e anarquistas libertários. Na cidade paulista Maria Lacerda encontrou grupos de intelectuais e operários envolvidos de maneira significativa com o movimento operário, com os quais exprimir a sua preocupação com a condição das camadas mais desfavorecidas.

Pensando que a transformação da sociedade e a consciência revolucionária

---

[11] P. S. Pinheiro – M. Hall, *A classe operária no Brasil*, (2 vols.) São Paulo, 1979, 1981, in Toledo, "Em torno do jornal", cit., pp.95-96.

seria possível só através da educação, os jornais e as revistas que nasciam em São Paulo representavam o principal meio de expressão de ideias, o veículo principal das campanhas políticas e educacionais. Eis porque, sobretudo nos primeiros anos, Maria Lacerda aderiu às campanhas, escrevendo artigos em vários jornais.

Maria Lacerda de Moura pode ser considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Destacou-se no meio político, cultural e literário do Brasil dos anos 20 e 30 participando activamente nas discussões políticas do seu tempo; escreveu na imprensa libertária, tratando de temas como educação e direitos da mulher, criticando as instituições familiares e o valor do casamento burguês, e defendendo ao contrário o amor livre. Adoptou posições anticlericais e dedicou-se à luta antifascista internacional e ao ataque do nacionalismo dos regimes totalitários.

Ao longo da sua vida passou por diferentes fases, e, na sua larga actividade literária, abordou temas tão diversos como o antimilitarismo, o feminismo e a pedagogia libertária.

Escritora polémica, educadora, professora, amante da literatura e oradora prestigiada, publicou inúmeros livros, artigos e folhetos em que denunciava a opressão masculina, a dominação burguesa e a exploração do capitalismo.

Entre as suas obras destacam-se *Em torno da educação* (1918); *A mulher moderna e o seu papel na sociedade actual* (1923); *A mulher é uma degenerada?* (1924); *Religião do Amor e da Belleza* (1926); *Han Ryner e o amor plural* (1928); *Amai e... não vos multipliqueis* (1932); *Clero e Fascismo – horda de embrutecedores!* e *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (1934).

Activa oradora, entre 1919 e 1935 Maria Lacerda deu conferências em cidades como Juiz de Fora (a primeira conferência fora da sua cidade, em 1920), São Paulo (em 1921), e depois Santos, Sorocaba, Barbacena, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Rosario[12].

Maria Lacerda declarava-se individualista, antissocial, anticlerical e antifascista, tornando-se conhecida não só no Brasil, mas também no Uruguai e na

---

[12] Leite, *Outra face*, cit., p. ix.

Argentina, onde esteve convidada por grupos anarquistas e sindicatos locais[13].

Os seus textos foram divulgados em Portugal, na França e na Espanha, assim como nos Países da America do Sul e, claro, no Brasil, embora aí, na sua terra de origem, o papel de Maria Lacerda nunca fosse totalmente reconhecido. Demonstração do facto de ser conhecida na Europa é por exemplo o artigo publicado na revista espanhola *Estudios*, em 1931, em que Maria Lacerda é apresentada ao público espanhol com muitos elogios[14].

Considerada incómoda pela sociedade conservadora, Maria Lacerda foi representante das causas das mulheres, embora as mesmas mulheres das elites e da classe média a recusassem.

A intelectual mineira atravessou algumas fases de maior envolvimento social e outras de isolamento, umas de optimismo e outras de pessimismo. Na sua vida promoveu uma critica à cultura da sociedade capitalista, à moral burguesa e às suas instituições, além da crítica à política e à economia da sua época. A sua posição era de oposição contra um mundo injusto, hipócrita, contra uma sociedade que distribuía bens e oportunidades de maneira desigual.

Antes de analisar de perto as ideias de Maria Lacerda acerca das várias temáticas, eis sem falta o seu pensamento presente num artigo publicado pela revista *Utopia*, em que a intelectual mineira afirma que a humanidade tem que compreender que o melhor meio social é o que se desdobra através da solidariedade e de auxílio mútuo. Para que a sociedade não tenha nem amos nem escravos, nem ricos nem pobres, protectores ou protegidos, é preciso eliminar as representações parlamentares.

E diz:

Levará ainda tantos séculos a perceber que as religiões organizadas, política e

---

[13] A. Gonçalves – J. Silva, "Maria Lacerda de Moura, Uma anarquista individualista brasileira", *Revista Utopia*, n. 9, disponível em http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda.htm (acesso em 3 de fevereiro 2011).

[14] S. Valenti Camp, "La pensadora Maria Lacerda de Moura", *Estúdios*, Barcelona, IX, n. 90 (fevereiro 1931), p. 11, in M. Rago, *Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda e Luce Fabbri*, p. 6, disponível em http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf (acesso em 4 fevereiro de 2011).

> economicamente, não são senão instrumentos de exploração dos ignorantes, dos desfibrados, dos ambiciosos, dos moluscos, dos que carecem de espinha dorsal... Ninguém cresce na sua individualidade através da consciência ou, talvez, da incosciência de outrém. Não é demais repetir que a atual organização social baseia-se na ignorância de uns, no servilismo da maioria, na astúcia de outros, no comodismo de muitos, na exploração dos espertos, na felicidade dos "proxenetas" e "souteneur"[...].[15]

É graças ao trabalho de Miriam Leite que conhecemos a vida, o pensamento e as obras de Maria Lacerda de Moura.

Maria Lacerda nasceu em Manhuaçu, em Minas Gerais em 16 maio de 1887. O seu pai chamava-se Modesto de Araujo Lacerda e a sua mãe Amélia de Araujo Lacerda. Em 1891 deslocou-se para Barbacena, Minas Gerais, com a família. Aqui estudou num colégio de Irmãs de Caridade e teve uma educação católica. Na autobiografia publicada em 1928 pelo jornal *O Combate* – um jornal de São Paulo –, diz:

> apesar da minha pouca idade (dos 6 aos 10 anos), percebi o espirito de classe, de casta e a injustiça com que os catolicos estabelecem a differença economica e de dominismo entre collegiaes e respectivas famílias, no trato aos ricos, aos potentados e, non desprezo e exploração para com os pobres, os humildes e os de cor.[16]

Aos 12 anos, o pai, anticlerical, espírita e livre pensador, tirou-a do colégio e mudou-a de escola. Maria Lacerda e a irmã foram estudar na Escola Normal Municipal de Barbacena.

Maria Lacerda casou-se aos 17 anos com Carlos Ferreira de Moura, e com ele permaneceu casada de 1905 a 1925. Mas o casamento prosseguiu com uma sólida e verdadeira amizade; a dedicatória que Maria Lacerda escreveu para Carlos Ferreira em *A mulher é uma degenerada* é a prova documentada das relações que

---

[15] M. Lacerda de Moura, "Feminismo? Caridade?", disponível em http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/10feminismocaridade.htm, que remete para *Revista Utopia* n. 9 (acesso em 4 fevereiro de 2011).

[16] Ead., "Autobiographia", *O Combate*, São Paulo, (3 ago. 1929), p. 3, in Leite, *Outra face*, cit., p. 144.

eles mantiveram ao longo dos anos.

Maria Lacerda nunca teve filhos naturais e, para realizar o desejo de ser mãe, em 1912 adoptou um sobrinho, Jair, e uma órfã, Carminda. Jair foi adoptado aos 4 anos de idade, morou com Maria Lacerda em São Paulo durante 15 anos e depois decidiu dedicar-se à carreira militar. Foi naquela altura que Maria Lacerda rompeu relações com ele declarando:

> Ha meia duzia de dias eu tive a confirmação: não só Jair é integralista como até já é tenente. Pois bem: meu filho adotivo morreu.[17]

Em Barbacena, após o casamento, Maria Lacerda tornou-se professora de Pedagogia e Higiene e em 1912 começou a escrever para um jornal local. Nos anos em que viveu na sua cidade, ela lutou pela escolarização e pela assistência a mulheres e crianças, declarou guerra ao analfabetismo aderindo às campanhas de alfabetização de adultos – a *Companha Barbacenense de Alfabetização* em 1912 por exemplo, de orientamento positivista – e fundou, com a ajuda de oficiais do Colégio Militar, a *Liga Contra o Analfabetismo*[18]. Como professora primária, ela acreditava na educação como um instrumento de transformação social e numa educação livre dos dogmas religiosos, tendo adoptado a pedagogia libertária de Ferrer.

Em 1918 publicou o seu primeiro livro, *Em torno da educação*, constituído por escritos realizados a partir das conferências feitas em Barbacena. Aqui Maria Lacerda se mostrou pioneira na difusão de reivindicações de voto, de actividades educacionais femininas e da profissionalização das mulheres.

Em 1921 mudou-se para São Paulo, começou a dar aulas particulares e interessou-se pelas questões que ao longo da sua existência se tornaram fundamentais para a sua vida intelectual e militante. A grande cidade – no início de 1920

---

[17] Ead., "Profissão de fé", *A Lanterna*, São Paulo, n. 388 (9 fevereiro 1935), p. 3, in J. V. de Miranda, "*Recuso-me"! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura,* Dissertação em História, Universidade Federal de Uberlândia 2006, p. 44, disponível em http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=719 (acesso em 4 fevereiro de 2011).

[18] E. Rodrigues, *Novos Rumos. História do Movimento Operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946)*, Rio de Janeiro, Mundo livre, 1972, p. 50.

São Paulo era o segundo maior centro urbano e contava quase 600.000 habitantes[19] – pôs Maria Lacerda em contacto com jornalistas e escritores e forneceu a ocasião para fortalecer o engajamento libertário ao ampliar o contacto directo com as misérias e as injustiças. Assim se inseriu nos movimentos que estavam a nascer e a multiplicar-se na década de 20. Maria Lacerda começou a interessar-se pelas questões da emancipação feminina e das lutas pelos direitos da mulher, assim como pela questão da livre associação e do esforço individual contra as ideais difundidas pelo Estado e pela Igreja.

Maria Lacerda chegou a São Paulo numa década alterada no quotidiano pela urbanização desigual das classes sociais e pela intervenção de jornais, revistas, telefone, gramofone, cinema, automóvel – elementos modernos que facilitaram a comunicação, influenciaram a vida urbana e activaram o processo de mudança nos comportamentos dos homens mas também das mulheres.

As mulheres começavam a ser atraídas por novas profissões e por comportamentos mais livres, na vida privada como na vida pública.

Foi mesmo em São Paulo que Maria Lacerda entrou em contacto com outras mulheres e com elas decidiu fundar, em 1922, a Federação Internacional Feminina. É o jornal *A Plebe* que traz o anuncio da fundação:

> Fundou-se nesta capital uma organização que tende a organizar todas as presenças femininas dispersas […].[20]

Neste mesmo jornal apareceu também o anúncio da inauguração do Centro Feminino de Educação:

> A emancipação da mulher não está na igualdade desta perante o homem, nas prerrogativas políticas, de mando e de trabalho, mas sim na emancipação da Humanidade da

---

[19] Samis, *Anarquismo*, cit., [p. 23].

[20] *A Plebe*, V (1 maio 1922), cit. in S. Colhado Mendes, *Anarquismo e Feminismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República*, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", s.d., [p. 9], disponível em http://unifacef.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Samanta%20Colhado%20Mendes.pdf (acesso em 4 fevereiro de 2011).

> tutela política e na igualdade econômica e social de todo o gênero humano. A mulher não é escrava do homem (salvo em caso anormais), mas sim escrava juntamente com o homem de mil preconceitos, e vítima, como ele, da exploração exercida pelos potentados de ambos os sexos, tanto sobre o homem com sobre a mulher […].[21]

A proposta da Federação Internacional Feminina era discutir acerca do papel da mulher e da criança na sociedade capitalista, das condições de trabalho, da subjugação da mulher aos dogmas católicos e da possibilidade de inserir entre as disciplinas académicas a história da mulher.

Um exemplo das mensagens que a Federação lançava é o discurso de Maria Lacerda pronunciado em ocasião do convite da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo em 1922:

> Temos em nós o fogo que purifica e o charco que mancha. Lembrai-vos do respeito que deveis às vossas mães, esposas, irmãs e filhas e tende piedade da mulher indefesa, escravas como vós. Pensai também na sua libertação. [...]
> Tenho fé num futuro em que os homens trabalhem para o bem comun. E a liberdade de ação e a igualdade econômica farão todos irmãos. Avante operários![22]

As activistas da Federação Internacional Feminina como Maria Lacerda, posicionando-se contra as iniciativas oficiais no ensino e buscando alternativas educacionais ligadas a movimentos sociais, afirmavam a união da causa da mulher com a dos trabalhadores – ambos escravos da sociedade capitalista.

No periódico sindicalista anarquista *A Plebe*, Maria Lacerda e as outras mulheres militantes anarquistas como Isabel Cerruti, Josefina Stefani, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Maria de Oliveira e Tibi[23] escreviam sobre educação e pedagogia e denunciavam o sistema explorador que mantinha o

---

[21] I. Cerruti, "Discurso de inauguração", in F. Correia, "Mulheres libertárias: um roteiro", in A. Arnoni Prado (org), *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 55.

[22] M. Lacerda de Moura, discurso publicado em *O Trabalhador Gráfico* (órgão da "União dos Trabalhadores Gráficos"), São Paulo, setembro de 1922, cit. in Rodrigues, *Novos Rumos*, cit., p. 88.

[23] Miranda, *"Recuso-me"*, cit., pp. 12-13.

poder e o saber sobre as mulheres e as crianças.

Em Fevereiro de 1923 Maria Lacerda fundou a revista *Renascença*, uma revista que teve cinco números e que circulou entre os escritores e activistas políticos de diferentes ideologias: anarquistas, progressistas e livres-pensadores.

Entre 1928 e 1937, a activista libertária viveu numa comunidade agrícola em Guararema, numa chácara à margem do rio Paraíba, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, um lugar onde, naquela altura, viviam objectores de consciência italianos, franceses e espanhóis que se tinham recusado a combater na Primeira Guerra Mundial, e que estavam reunidos à beira do rio pretendendo viver em liberdade e sem hierarquias. Aqui Maria Lacerda ensinava as crianças, alfabetizava, falava de literatura, da natureza e de problemas sociais.

Esta escolha reflecte o desejo que Maria Lacerda tinha de se afastar da vida urbana, de ficar em contacto com a a natureza e de viver com pessoas idealistas e individualistas parecidas com ela mesma. No período em que viveu em Guararema, Maria Lacerda esteve sob a influência de Neblind, intelectual francês com o qual colaborou e que a pôs em contacto com Han Ryner. Maria Lacerda começou assim a desenvolver as ideias da não-violência, de oposição à guerra e da resistência passiva. O livro *Amai e... não vos moltipliqueis*, publicado em 1932, foi dedicado a Neblind: "Ao meu querido amigo A. Neblind, homem livre, desertor social que se basta a si mesmo na luta heroica pela subsistencia por um nobre ideal de solidariedade humana"[24].

Estes anos correspondem ao período mais intenso da sua actividade intelectual: participou em muitas conferências no Uruguai e na Argentina, colaborou com *O Combate*, publicou livros e artigos, depoimentos de leitores e público. A autora descreve esse período como uma época em que esteve "livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais"[25].

A partir de 1935, a comunidade – fundada em 1888 por Arturo Campagnoli[26] –

---

[24] M. Lacerda de Moura, *Amai e... não vos moltipliqueis*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932, p. 7.

[25] Ead., "Autobiographia", cit., p. 148.

[26] E. Rodrigues, *Lavoratori italiani in Brasile*, Casavelino Scala, Galzerano, 1985, pp. 25-26.

foi reprimida pelo governo de Getúlio Vargas, através de queima de livros, invasões de domicílio, denúncias, inquéritos e deportações. Quando Maria Lacerda voltou para Barbacena, em 1937, tentou viver como professora de preparatórios para o ginásio.

No ano seguinte foi viver para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Mairinque Veiga e se dedicou cada vez mais à astrologia, à leitura de horóscopos e ao esoterismo, abandonando a actuação pública, os contactos políticos e o trabalho educacional. Nos últimos anos, as suas condições de saúde pioraram e a obrigaram a mudar constantemente de casa, até que faleceu em 20 de março de 1945 na Rua Mem de Sá, aos 58 anos de idade.

1.2 Anarquismo, feminismo e emancipação sexual

Anarquismo e feminismo sempre foram duas doutrinas políticas que estiveram próximas: ambas pregavam a luta pela liberdade e igualdade social através da educação, a construção de uma cultura e moral operária não contaminada pelos dogmas da Igreja e do Estado, a critica às hierarquias e às formas de dominação de classe, género e etnia. Por isso a bandeira da emancipação feminina sempre esteve presente ao lado das reivindicações de quem se opunha ao capitalismo, seja dos anarquistas, socialistas ou dos comunistas.

Para além dos direitos civis e políticos, o movimento anarquista deu importância, dentro do seu programa de lutas, ao direito ao próprio corpo, em defesa do prazer sexual e do amor livre, também para as mulheres, e questionou claramente a ideologia da domesticidade, segundo a qual as mulheres estariam destinadas ao lar e à família porque inferiores ao homem por natureza.

Os anarquistas de São Paulo promoveram uma crítica à moral e às suas instituições, além da crítica à política, à economia e à cultura da sociedade capitalista.

Considerada uma militante anarco-feminista, Maria Lacerda foi uma das activistas que se envolveram directamente com o movimento anarquista. Originária da classe média, ao se mudar para a cidade de São Paulo em 1921, Maria

Lacerda forçou suas ligações com anarquistas e comunistas que lutavam pela igualdade de condições sociais.

As mulheres como Maria Lacerda propunham as bases teóricas do anarquismo como meio para a emancipação moral, sexual, intelectual, política e cultural da mulher, emancipação – a da mulher – que não se podia realizar sem a emancipação da inteira humanidade.

Elas são "mulheres como Maria Lacerda de Moura, Isabel Cerruti, Isa Ruti, Tecla Fabri, Teresa Carl, Maria Lopes, além de muitas outras que a História, como disciplina sexista e machista, tentou apagar, mas que estudos recentes têm tentado buscar"[27].

Elas propunham uma sociedade não autoritária, baseada na cooperação, no cuidado e no apoio mútuo e criticavam as hierarquias, tanto sexuais como sociais. Para construir essa sociedade era precisa a luta de classe, uma luta pela construção de uma sociedade igual e livre.

As mulheres anarquistas colocavam portanto questões que o anarquismo clássico nunca tinha colocado: o amor livre, a maternidade consciente, a livre união, a crítica do casamento monogâmico e contratual, o exercício livre do sexo e a escolha do parceiro. Elas conseguiram trazer para dentro do movimento anarquista a expressão da opressão sentida e vivida e fizeram-no como mulheres. A maioria delas escreviam nos jornais *O amigo do Povo* e *A Plebe*, colocando a instrução como importante arma para a libertação da mulher. Em geral, nos jornais oposicionistas operários militantes aliavam-se a intelectuais de classe média e ganhavam expressão.

Este movimento cresceu num período em que o modelo da mulher era único: a mulher tinha que ser esposa, mãe e dona de casa. Este modelo estava ligado à moral burguesa e permitia manter a ordem na sociedade. A mulher estava no centro da sociedade e, sendo o pilar dela, era responsável pela educação dos filhos; através da educação no lar transmitia os valores burgueses e mantinha a instituição da família. Na ideologia anarquista, a moral burguesa oprimia a

---

[27] Mendes, *Anarquismo e Feminismo*, cit., p. 4.

mulher, obrigava-a a desempenhar os seus papéis numa sociedade que não respeitava as suas necessidades, que violava o seu corpo e os seus direitos e que castrava as suas potencialidades.

A luta pela emancipação feminina foi heterogénea, foi um conjunto de diferentes lutas de diferentes plataformas. As mulheres envolvidas em vários níveis adoptaram concepções diferentes acerca do significado de emancipação. As anarquistas como Maria Lacerda propunham a ruptura dos padrões estabelecidos pelo Estado, pela Igreja e pela família burguesa; as feministas sufragistas por outro lado pensavam na emancipação através do direito ao voto e na ocupação de encargos públicos.

Este feminismo liberal que se assentava em reivindicações políticas e educativas era conservador, não questionava as estruturas profundas da sociedade burguesa e não enfrentava claramente a questão da moral sexual imposta. Estava formado por mulheres da classe média, influenciadas pelos movimentos femininos que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos.

Para Maria Lacerda e as outras militantes anarquistas, as sufragistas eram apenas mulheres privilegiadas em busca de mais um privilégio. A este respeito em *A mulher é uma degenerada* a autora diz:

> De que vale a igualdade de direitos juridicos e politicos para meia duzia de privilegiadas tiradas da propria casta dominante, si a maioria feminina continúa vegetando na miseria da escravidão milenar?[28]

O feminismo anarquista foi portanto muito mais radical: os direitos políticos não chegavam para romper o modelo de sociedade exploradora: apesar das vitórias em campo jurídico e político, as mulheres permaneciam escravas e vítimas de uma opressão social. A condição duplamente escrava da mulher só se podia desmobilizar com a superação das desigualdades sociais.

A igualdade social estava em conexão com a liberdade humana que, para Maria

---

[28] M. Lacerda de Moura, *A mulher é uma degenerada*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932[3], p. 12.

Lacerda, correspondia em primeiro lugar à liberdade de pensamento, mais do que a factores económicos e políticos. Essa liberdade só se podia ganhar através do auto-conhecimento, do domínio do próprio corpo e do distanciamento dos dogmas religiosos.

No jornal *O Ceará* Maria Lacerda escreve:

> É a razão por que não posso aceitar nem o feminismo de votos e muitos menos o feminismo de caridades. E enquanto isso a mulher se esquece de reivindicar o direito de ser dona do seu próprio corpo, o direito da posse de si mesma. Sou "indesejável", estou com os individualistas livres, os que sonham mais alto, uma sociedade onde haja pão para todas as bocas, onde se aproveitem todas as energias humanas, onde se possa cantar um hino à alegria de viver na expansão de todas as forças interiores, num sentido mais alto – para uma limitação cada vez mais ampla da sociedade sobre o indivíduo.[29]

Nos seus escritos, Maria Lacerda analisou a condição feminina da sua época e a do passado; denunciou a opressão de género; criticou a estrutura social na qual estava inserida e lutou pelos direitos civis e políticos. Mas tratou também a questão da sexualidade da mulher e do direito ao próprio corpo, em defesa do prazer sexual e do amor livre, em defesa do direito ao divórcio, ao aborto e à maternidade consciente e voluntária.

Em particular na obra *Religião do Amor da Belleza* a autora destaca a importância da Maternidade Espiritual, da auto-deliberação sobre a vida sexual e reprodutiva e da consciência de si e do próprio corpo: a mulher deveria ter o controlo reprodutivo e a possibilidade de escolher o parceiro – o pai do seu filho –, assim como o momento certo para se tornar mãe.

Maria Lacerda sempre questionou a distribuição dos papéis dentro da família, lugar em que a mulher tinha que obedecer em primeiro lugar ao pai e ao irmão, e depois ao marido. Na época em que Maria Lacerda viveu, os papéis tradicionais eram de facto aceites como indiscutíveis: a imagem da mulher era a dum ser

---

[29] Moura, "Feminismo?", cit.

obediente, inferior ao homem, que devia cumprir as tarefas sem reclamar, submetida à tutela familiar e à tutela da Igreja.

1.3 Antimilitarismo e anticlericalismo

> Recuso-me a me contribuir para a carnagem civilizada da proxima guerra cientifica.
> Recuso-me a me alistar ou a comparecer á chamada geral de mobilização.
> Recuso-me a cooperar, de qualquer modo, no exercito de exterminio da vida humana e do desrespeito á liberdade individual.
> Desde já me considero alistada ao lado daqueles que serão sacrificados, voluntariamente, á sanha nacionalista.
> Prefiro morrer a matar.[30]

Maria Lacerda ganhou destaque na luta contra o fascismo declarando-se individualista, ou seja criticando a sufocação da consciência individual em favor da conscientização colectiva, difundida pelas autoridades políticas.

Divulgando a doutrina da não-violência, escreveu muitos artigos sobre a guerra, entre os quais um apelo às mulheres brasileiras no jornal *A Lanterna* em 1935:

> Mulheres do Brasil! – O atentado que a Itália fascista esta praticando contra a soberania da Abissínia, deve ser, para nós mulheres do Brasil, um sinal de alerta e um apelo à união de todas as nossas forças em defesa da paz e da humanidade. […]
> Mulheres brasileiras! Ergamo-nos contra esta exploração dos sentimentos femininos; contra as mentiras dos armamentistas; contra os massacres guerreiros atuais e vindouros.[31]

Maria Lacerda sempre recusou o serviço militar e os imperialismos europeu e

---

[30] M. Lacerda de Moura, *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*, São Paulo, A Sementeira, 1933, p. 30.

[31] M. Lacerda de Moura, "Apelo às mulheres brasileiras para a fundação do Comité Feminino Contra a Guerra", *A Lanterna*, São Paulo, novembro de 1935, cit. in Rodrigues, *Novos Rumos*, cit., pp. 385-386.

norte-americano na América Latina. O combate à tirania contribuiu para o delineamento do seu perfil pacifista e libertário. Nas conferências declarou "Guerra à Guerra"[32], chamando a atenção para os perigos da guerra e afirmando a importância da objeção de consciência e do papel da mulher.

Para Maria Lacerda, o objector de consciência, negando as instituições e os valores que domesticavam os indivíduos, opunha-se aos mecanismos de poder baseados na violência e na repressão, e propunha a defesa do ideal revolucionário através da priorização da vida humana. Situava-se portanto entre a doutrina da não-violência e o anarquismo, recusando-se a auxiliar as várias formas da guerra, desde o apoio às industrias de armas até a reprodução de filhos do acaso.

Em lugar da tomada do poder com armas, Maria Lacerda propôs aos intelectuais para liderarem a revolução social reforçando-a com o trabalho educacional.

Visando combater as atrocidades da guerra, as mulheres tinham que defender a paz contra a força bruta masculina. Daí a necessidade de as mulheres se conscientizarem para reverter as organizações estabelecidas. Uma das estratégias era, por exemplo, limitar os nascimentos de filhos que seriam incorporados às forças armadas.

Segundo Maria Lacerda, as transformações viriam pela capacidade de evolução humana, a partir de uma educação libertadora.

Em *Serviço militar obrigatório* a autora afirma:

> A guerra é a bestialidade acordada no homem: enquanto os seres humanos não souberem resolver os seus problemas ou as suas necessidades pela razão, enquanto os seus recursos de animalidade se limitarem à força bruta e erigirem em lei o principio da violencia carniceira, estraçalhando-se como animaes ferozes sem mesmo o objectivo da luta pela nutrição imediata – inutil falar em razão, espiritualidade, fraternismo, solidariedade, sentimento de amor ao proximo, verdade, justiça ou evolução humana.[33]

---

[32] Ead., "Guerra à Guerra", *O Combate*, novembro 1927, in L. Peters Richter, *Emanicipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*, Dissertação de Mestrado, Campinas (SP), Unicamp, 1998, p. 44.

[33] Moura, *Serviço militar*, cit., p. 21.

Se antes de 1928 Maria Lacerda defendia particularmente a mulher e a criança, ambas submetidas dentro da família a um jugo tirânico, desde 1928 passou à esfera da defesa do indivíduo dentro do Estado e diante da Igreja.

De 1928 é a polémica originada num artigo assinado pela Lacerda e que saiu no jornal *O Combate*, que ridiculizava a ostentação, o espectáculo demagógico e as homenagens prestadas pela imprensa ligada ao fascismo italiano – *Il Piccolo* e *Il Fanfulla* – a Carlo del Prete, piloto da aviação italiana morto perto de Natal num *raid*[34]. No artigo de *O Combate* criticavam-se valores importantes do fascismo, quais a pátria, a religião e a família. Por isso as reacções foram imediatas e violentas. Maria Lacerda comparava a superficialidade de Del Prete com as qualidades humanas de Amundsen, morto para salvar Nobile e a tripulação. A jornalista foi defendida só pelo jornal mas a movimentação em sua defesa dos estudantes – que viam nos insultos a Maria Lacerda os insultos à mulher brasileira – foi considerável.

Contra o Estado autoritário fascista Maria Lacerda realizou sempre críticas ferrenhas: segundo a sua opinião, o estado matava o poder de criação e acção individual, incitava à violência e subjugava os indivíduos. Além disso, defendia só os interesses de poucos, só os das elites.

Na década de 30, observando a subida do fascismo e um sempre maior investimento na militarização da população, Maria Lacerda escreveu *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*, onde diz:

> A atmosfera moral do mundo civilizado está infeccionada pelo virus da violencia. Não se póde conceber sociedade mail vil, mais hipocrita e mai perversa. É um crime inominavel conhecer essa verdade simples que os fatos de todos os dias compróvam – e querer perpetuar a brutalidade e a tiranía que vae até a morte da conciencia humana – na mobilização da covardia e na tolerancia legalizada do crime.[35]

Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio! foi publicado em 1933 como resultado duma conferência organizada no Rio de Janeiro em

[34] E. Scarzanella (org.), *Fascisti in Sud America*, Firenze, Le Lettere, 2005, p. 37.
[35] Moura, *Serviço militar*, cit., pp.10-11.

1932. Neste texto a militante aponta os horrores causados pelas guerras e a preocupação pela influência do fascismo no Brasil, além de recusar o projecto de lei de tornar obrigatório o serviço militar também para as mulheres.

Na primeira metade da década de 30, Maria Lacerda aprofundou a temática dos mecanismos ideológicos utilizados pelo regime fascista para conquistar o apoio de multidões. Neste período, a autora ampliava o interesse pelos movimentos de pensadores antifascistas e antimperialistas internacionais, especialmente a associação pacifista Internacional do Pensamento. Nos dois livros publicados em 1934, *Clero e Fascismo – horda de embrutecedores!* e *Fascismo – filho directo da Igreja e do Capital*, ela manifestou oposição ao fascismo e à violência da guerra, priorizando a educação e enfatizando a auto-aprendizagem. A primeira obra punha ênfase no carácter trágico do fascismo, identificado na opressão e no estímulo à rivalidade e ao ódio. A autora respondia à necessidade de se revigorar contra o regime totalitário do Brasil e criticava os modos com que os intelectuais influenciavam a formação de indivíduos. Ao celebrar o poder e a violência, os escritores reforçavam o terror e a obediência ao dogmatismo. A segunda encarava os instrumentos de poder e de repressão da Igreja.

A aliança entre Estado e Igreja Católica no fascismo foi de facto muito forte. Nesse período as duas instituições mantiveram uma "proximidade excepcional", fundando a conexão nos valores de "ordem, patriotismo e anti-comunismo"[36].

O Estado, a Família e a Religião representavam os três instrumentos de controlo social, que oprimiam os indivíduos e os mantinham num estado de domesticado. Segundo Maria Lacerda estas instituições eram utilizadas para a manutenção de uma classe privilegiada e de uma maioria de indivíduos explorados.

O Estado forte, destruidor e nacionalista, sustentava o projecto bélico e fortalecia o exército, e por isso tinha que ser recusado.

Além disso, o Estado infligia a disciplina sobre o indivíduo e todo um conjunto de leis e de regras necessário para manter a desigualdade económica e social; através das leis era possível manter privilégios e proteger alguns sectores da

---

[36] S. Mainwaring, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*, São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 47, in Richter, *Emancipação feminina*, cit., p. 51.

sociedade.

Só num caso a intelectual mineira se proclamou nacionalista e patriota. Em *Clero e Estado* afirma: "Ha só um caso em que me posso tornar patriota, nacionalista: é quando os interesses humanos se confundem com os interesses nacionais"[37]. Ou seja, o Estado tem que acompanhar e cuidar os interesses dos indivíduos, em favor duma convivência livre, igualitária e pacífica.

O Estado, sustentado por uma estrutura patriarcal e hierárquica, baseava-se na família – única união legítima e autorizada pelas leis e que por isso tinha que ser rejeitada.

De facto, Maria Lacerda considerava a família um óptimo mecanismo de controlo social, responsável pela estrutura de poder, uma instituição que não deixava liberdade ao indivíduo e que causava ignorância. Por isso Maria Lacerda sempre considerou as relações familiares definidas pela burocracia como uma mentira, como uma forma de coerção. O amor que surge entre os indivíduos devia ser uma escolha e não uma obrigação; as pessoas deviam ter o direito e o dever de se governarem. Ao analisar o sentimento entre homem e mulher e entre pais e filhos, a autora declarou: "A minha família sou eu quem a escolhe"[38].

Maria Lacerda esteve fortemente ligada à religião e à Igreja durante uns anos da sua vida, mas depois passou a criticá-la, num primeiro momento por interferência do seu pai, que a levou ao estudo da filosofia e a pôs em contacto com o espiritismo, em segundo lugar por José Oiticica, professor anarquista, que visitou Barbacena por volta de 1919, fascinou a jovem Maria Lacerda e foi fundamental para o seu crescimento intelectual e a escolha do anticlericalismo[39].

A religião católica foi de facto substituída muito cedo pelo espiritismo[40].

O espiritismo opunha-se à liderança da Igreja Católica e tinha-se desenvolvido como força de oposição anticlerical clandestina, através de lojas maçónicas.

---

37 M. Lacerda de Moura, *Clero e Estado*, Rio de Janeiro, Liga Anticlerical, 1931, p. 4.
38 Ead., *Serviço militar*, cit., p. 5.
39 Miranda, *"Recuso-me"*, cit., p. 36.
40 Crença religiosa baseada em crenças orientais que, através de sessões, formas de terapia e experiências directas, acredita que os seres humanos, não só os vivos mas também os que já viveram o que viverão, estariam em processo de evolução (Leite, *Outra face*, cit., p. 9).

Maria Lacerda não recusava os ensinamentos religiosos de Jesus Cristo; ao contrário, ela admirava Cristo, revelando assim o seu lado mais espiritual que ao longo da sua vida se tornou cada vez mais forte. O que ela recusava era a Igreja Católica, uma instituição que se tinha distanciado nos séculos da posição pura de Jesus Cristo, que fortalecia a família burguesa e que apoiava o sistema capitalista, o autoritarismo e a violência do Estado fascista.

Foi a aliança entre fascismo e clero que fez recrudescer em Maria Lacerda um forte anticlericalismo. Assim como o Estado, a Igreja era considerada uma instituição adversa à verdadeira cultura, responsável pela coerção do indivíduo, inimiga da liberdade e instrumento de exploração da humanidade.

Embora reivindicasse o amor pelo próximo e o desapego dos bens materiais, a Igreja nunca se manifestou contrária às contínuas violências fascistas, aos assassinatos e às torturas e calou-se diante do ódio e do terror.

Apesar dos seus propósitos de se responsabilizar unicamente por si mesma, foi sobretudo na década de 30 que a intelectual mineira manteve contactos com grupos intelectuais e políticos anticlericais declarados (como por exemplo a Liga Anticlerical, a Liga Antifascista italiana e a Liga Antiimperialista Argentina[41]).

A devoção religiosa representava também um obstáculo para o desenvolvimento intelectual e a consciência das mulheres, promovendo apenas as funções de mães, as atitudes de generosidade e de moralidade. Portanto para Maria Lacerda a Igreja era uma instituição opressora, cujo objectivo era, entre os outros, manter a mulher domesticada, anulada, escrava dos homens e da família, considerada o "sexo fraco", um ser humano inferior ao homem.

A Igreja tinha um papel fundamental na criação e fixação do modelo resignado e subserviente da mulher e queria uma mulher ignorante, que defendesse a instituição mesma. Exercia um poder sobre a mulher para lhe imputar um sentimento de inferioridade e impureza, devido ao pecado original. Além disso, obrigava homens e mulheres a viver eternamente ao lado de alguém que não amavam, proibindo o divórcio e apresentando o casamento como união divina e indissolúvel. Quando

---

41 Richter, *Emancipação feminina*, cit., p. 32.

Maria Lacerda se afastou completamente dos posicionamentos da Igreja, publicando artigos e livros sobre a questão, foi considerada uma inimiga, uma pecadora e herética, e viu a grande imprensa fechar-se a seus escritos e iniciativas.

Ao combater os dogmas religiosos, Maria Lacerda afirmava que só assim homem e mulher podiam conquistar liberdade, individualidade e amor. Através da sua acção, ela desejava despertar todas as mulheres da sua época, incapazes de reconhecer a exploração da sua própria condição. Para apagar esta situação de submissão era necessária uma mudança, uma reacção, dos homens mas sobretudo das mulheres.

1.4 A visão individualista-libertária e o papel da educação

Maria Lacerda foi uma anarquista que nunca se denominou anarquista, definição exposta com força no artigo publicado no jornal *A Plebe* em 1933 onde afirmou: "A política não me interessa".

Ao priorizar a consciência e a vontade pessoal para romper as relações de domínio e de exploração produtiva e domestica, Maria Lacerda denominava-se apenas individualista, embora nos anos 20 e 30 se tenha tornado com os seus escritos porta-voz da luta contra as guerras. Mas já em 1921 afirmava: "Quanto a mim tenho os meus princípios, defendo-os responsabilizando-me pelo meu verbo. Penso e digo o que sinto, corajosa, ousadamente"[42].

Quando os dirigentes do partido comunista após a fundação do partido tentaram aliciá-la, ela declinou porque não queria abandonar a sua visão anarquista-individualista, visão que manteve até ao fim da sua vida. O seu individualismo era tal porque negava as leis impostas pelo Estado, negava os valores religiosos e os valores familiares burgueses.

Já em 1921, no quadro de opressão das perseguições e prisões de operários militantes e grevistas em várias cidades pelo governo de Epitácio Pessoa, Maria

---

[42] Ead., "Para o despertar da mulher", *A Tribuna*, São Paulo (8 outubro 1921), disponível em http://www.sitinn.hpg.ig.com.br/para_o_despertar_da_mulher.html (acesso em 4 fevereiro de 2011).

Lacerda ficou desiludida quanto à possibilidade de emancipar as mulheres através de acções políticas. Um primeiro efeito deste comportamento foi seu afastamento do grupo feminista liberal, quando em 1922 convidou Bertha Lutz – com a qual tinha fundado a Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino – a substituí-la na Conferência Pan-Americana de Mulheres em Baltimore[43].

Nos anos seguintes Maria Lacerda afastou-se completa e definitivamente do sufragismo e do envolvimento em movimentos políticos constituídos, e aprofundou as suas ligações com o movimento libertário. Desse modo, ela começou a propor com maior força a iniciativa individual para a independência de homens e mulheres.

Como libertária, a intelectual brasileira propunha reverter a exploração do trabalho e concretizar a solidariedade fortalecendo a mobilização e reforçando o apoio em greves e manifestações públicas.

Avessa às instituições de controlo social, Maria Lacerda demonstrava o seu lado anarquista e libertário em considerá-las responsáveis da domesticação do indivíduo. Para ela, o ser humano domesticado é um indivíduo anulado, curvado perante o mundo injusto e cheio de conflitos.

Em busca da liberdade do pensamento e de acção, muito cedo Maria Lacerda intensificou a militância social destacando a dimensão individual: só através da conscientização do indivíduo e da luta contra o modelo tradicional doméstico, podia-se chegar a uma sociedade nova, baseada na emancipação social feminina.

As mulheres deviam-se valorizar como pessoas, desafiando as desigualdades sociais e sexuais, que traziam consequências negativas na sociedade, vinculando as mulheres ao casamento ou condenando-as à prostituição ou ao suicídio. *Amai e... não vos moltipliqueis* foi publicado num período que via o fortalecimento dos regimes totalitários em vários países, incluído o Brasil. Neste livro a autora condena a subordinação da condição actual feminina aos interesses institucionais e afirma que "só caminha para a emancipação que se coloca fóra da lei, fóra dos

---

[43] Richter, *Emancipação feminina*, cit., p. 78.

prejuisos, dos dogmas, dos preconceitos religiosos e sociais"[44].

Na movimentação revolucionária, desde o fim do século XIX os militantes libertários destacavam a educação como meio de engajamento e contestação contra as desigualdades sociais, e defendiam o desenvolvimento do raciocínio, da sensibilidade e das relações humanas.

Já a partir do seu primeiro livro, *Em torno da educação*, Maria Lacerda começou a divulgar a luta pelo direito à educação, visando alfabetizar e considerando o ensino a condição fundamental para a libertação pessoal e social, sem nenhuma distinção de raça, cor, nacionalidade, sexo, idade, profissão.

Ainda em 1922, as escolas oficiais eram poucas, os filhos dos trabalhadores não as podiam frequentar, e além disso, ensinavam só o que o Estado burguês queria[45].

Eis o que afirmava um trabalhador no jornal *A Plebe* em 1922 acerca da necessidade duma verdadeira educação:

> Sem instrução não pode haver compreensão nítida do ideal libertário. Abraçar uma ideia sem conhecê-la a fundo, é afirmar uma causa que não se sabe o efeito.
>
> Para que se saiba compreender a origem dos nossos sofrimentos e os seus efeitos, necessários se faz que tenhamos instrução clara, racional.
>
> Pois, enquanto perpetuar em nós um único átomo de misticismo e ignorância, seremos sempre os eternos palradores, capazes de tudo, sem nunca fazermos nada.
>
> A disseminação do erro, a propagação da mentira pela burguesia e pelo Estado, em verdade são suas armas preferidas, nos seus escritos, nas suas palestras, conferências e reuniões. Sua divisa é: instruir para corromper! […]
>
> Urge, pois, que criemos as nossas escolas para salvaguardarmos a parte maior do proletariado adulto e a totalidade dos pequenos operários, se quisermos triunfar futuramente. Instrução! - deve ser o nosso brado, a nossa divisa instruir para redimir.[46]

E assim também falava Maria Lacerda: "Operários do meu país, não vos esqueçais

---

[44] Moura, *Amai*, cit., p. 39.

[45] Rodrigues, *Novos Rumos*, cit., p. 84.

[46] J. Bernardo, discurso publicado em *A Plebe*, São Paulo, dezembro de 1922, cit. in Rodrigues, *Novos Rumos*, cit., p. 84.

de que o homem se eleva pela moral e não pelos instintos baixos"[47].

Para que os homens e as mulheres se elevassem pela moral, a educação era de fundamental importância, sobretudo para as crianças.

Desafiando as autoridades políticas e religiosas que ao longo dos anos tinham aumentado a intervenção nas escolas oficiais e particulares[48], Maria Lacerda considerava negativa a difusão de valores religiosos ou políticos na escola, até denunciar a situação na obra *Ferrer, Clero Romano e a Educação Laica*, em 1934.

Defensora da pedagogia libertária e da educação revolucionária – que se originava pelos ensinamentos do professor Oiticica, dos intelectuais libertários como Faure, Ferrer[49], e Robin e de outras propostas liberais em emergência no século XIX como por exemplo a Escola Nova[50] – Maria Lacerda afirma:

> A educação póde então ser definida: o aperfeiçoamento de todas as qualidades e faculdades tendentes a um fim social sempre melhor em vista do futuro; o completo desenvolvimento da individualidade para a expansão, para a plenitude de toda a nossa vocação.
>
> A obra de educação cientifica, racional para ambos os sexos, é o mais perfeito instrumento de liberdade. É a extinção da miseria universal, é o acumulo de riquezas, é a contribuição para a solidariedade – a moral do futuro.[51]

Apesar das ligações com vários movimentos políticos, ligas e associações, ao longo da sua vida Maria Lacerda manteve sempre coerência com os princípios que

---

47 M. Lacerda de Moura, discurso publicado em *O Trabalhador Gráfico* (órgão da "União dos Trabalhadores Gráficos"), São Paulo, setembro de 1922, cit. in Rodrigues, *Novos Rumos*, cit., p. 88.

48 As intervenções aumentaram a partir da reforma de ensino João Luis Alves, instituída em 13 de Janeiro de 1925. Na constituição editada em 16 de julho 1934 o governo provisório de Getúlio Vargas reafirmou o acordo entre Estado e Igreja, estabelecendo o carácter religioso da escola e subsídios para as escolas católicas.

49 Sobre a *Escuela Moderna* de Francisco Ferrer ver Francesco Codello, *"La buona educazione". Esperienze libertarie e teorie anarchiche in Europa da Godwin a Neill*, Milano, Franco Angeli, 2005, pp. 472-488, e Juan Avilés, *Francisco Ferrer Y Guardia. Pedagogo, anarquista y mártir*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2006, pp. 93-125.

50 Instituição pedagógica liberal, introduzida no Brasil no fim do século XIX e que se desenvolveu na primeira década do século XX. A "Escola Nova" fundava-se no princípio de "educação pela acção", valorizando a experiência concreta, as actividades de observação e de reflexão.

51 Moura, *A mulher*, cit., pp. 71-72.

reivindicava e na sua obra educacional mostrou-se inovadora, defendendo valores quais a auto-disciplina, a auto-educação, o amor-próprio, a solidariedade e o apoio mútuo.

Ao enfatizar o desenvolvimento da consciência e a independência do indivíduo, e liberta de preconceitos sociais e religiosos, a educadora mineira propunha que as pessoas aprendessem por si mesmas, através da observação e da reflexão a respeito do que ocorria ao redor, baseando-se na iniciativa pessoal.

Foi no período em que viveu na comunidade de Guararema que Maria Lacerda chegou à conclusão que a educação era impossível e que a única solução era o autodesenvolvimento de cada um.

Maria Lacerda observava na sociedade em que vivia uma forma de educação, ou melhor dito, de deseducação, responsável pela ignorância da população – sobretudo das mulheres – e dos prejuízos sociais; uma educação que não desenvolvia as faculdades latentes e que produzia mulheres melindrosas, *bibelots*, tuteladas ou prostitutas. Por isso era indispensável destruir o sistema antigo e construir os novos fundamentos da educação moderna, científica e racional.

Através da educação e especialmente da educação sexual, Maria Lacerda achava que as mulheres podiam adquirir o controle racional sobre suas emoções, seus actos e suas funções reprodutivas, e aumentar desta maneira os seus espaços de actuação na sociedade.

Como o progresso da sociedade e o sucesso da luta contra desigualdades instituídas dependiam seja do homem seja da mulher, Maria Lacerda afirmava que o apogeu da grandeza masculina estava em íntima conexão com a educação feminina. Daí a necessidade da coeducação, uma proposta educativa que baseava a aprendizagem e a regeneração da sociedade – ou seja a elevação do nível moral da sociedade – na espontaneidade das experiências, no respeito mútuo e na moralização das relações entre homens e mulheres.

Em 1924, com o lançamento do livro *A mulher é uma degenerada*, a autora destacou a necessidade da complementaridade de homens e mulheres, possível só

através da "educação scientifica, racional para ambos os sexos"[52].

Maria Lacerda tentou conscientizar as mulheres para que elas pudessem percorrer o caminho da participação social, ganhar auto-estima e moralizar a sociedade. Elas seriam responsáveis pela conquista da independência humana: ao se afastarem do domínio da Igreja Católica e do Capital, e ao ficarem conscientes do próprio papel na educação e formação das crianças e na esfera da vida privada, as mulheres poderiam atingir a verdadeira educação e ter assim clarividência moral.

A partir de 1928, e sucessivamente ao golpe militar de 1930 e à influência crescente do fascismo, Maria Lacerda impulsionou a associação entre a condenação ao militarismo e a ênfase na educação das mulheres: responsáveis pela formação das crianças, elas construiriam a individualidade dos futuros homens e através da função educacional poderiam contestar o controlo autoritário do Estado e da Igreja.

[52] Ibid., p. 72.

2. Introdução à obra: as temáticas

Como diz a autora, "*A mulher é uma degenerada* é uma serie de reflexões", que se apoiam nos conhecimentos dos cientistas para analisar o papel da mulher na sociedade da sua época.

Escrito em 1924 em São Paulo, o livro *A mulher é uma degenerada* trata de todas as temáticas que Maria Lacerda tomava muito a peito: emancipação feminina, papel da mulher na sociedade, maternidade consciente e educação, associando o questionamento feminino à luta contra as desigualdades económicas e políticas vigentes. A obra encara também temas dificilmente discutidos como a educação sexual dos jovens, a exigência ou não da virgindade feminina até ao casamento, a maternidade consciente, a prostituição, o amor livre e o direito ao prazer sexual.

Foi composta depois da rotura definitiva com o movimento feminino sufragista liderado por Bertha Lutz e demostra como o individualismo de Maria Lacerda não podia aceitar as formas institucionais da sociedade capitalista: para ela uma sociedade mais justa só se podia construir através da luta para as extinção das instituições, e não apenas através do direito de voto.

Entre as décadas de 20 e 30 a libertária mineira publicou livros, artigos e opúsculos que têm como visada principal a situação social das mulheres e a crítica contundente da moral sexual. Apesar se serem diferentes, homens e mulheres eram ambos indispensáveis para o bom funcionamento da sociedade. Para Maria Lacerda, o facto de estarem colocados em esferas definidas e de terem tratamentos diferenciados empobrecia a sociedade.

Ao lermos os seus escritos indignados, percebemos a relação que as mulheres estabeleciam com a religiosidade, com a educação, com a política, com os rituais como o casamento e com todas as tradições. Estas tradições eram, para Maria Lacerda, fruto duma história de humilhação e de falta de domínio sobre o próprio corpo.

2.1 O papel das mulheres na sociedade

Na sua época, os temas propostos por Maria Lacerda foram dificilmente discutidos e a disciplina machista e sexista sempre tentou apagar os movimentos que

ela promovia, assim como tentou silenciar as mulheres que a seguiam.

Reivindicando o fim das hierarquias sociais e sexuais, Maria Lacerda valorizava o papel emancipador das mulheres esclarecidas. A existência e a acção das porta-vozes da emancipação feminina dependiam da possibilidade de ter uma educação intelectual e profissional:

> "[...] as sociedades só poderão levantar-se do caos do vicio e da degradação moral quando as mulheres de todas as nações estiverem à altura da sua missão regeneradora para estenderem as mãos num gesto de perdão e estimulo"[53].

Na opinião de Maria Lacerda, na sociedade futura a mulher reuniria os três aspectos da educação completa: "mulher intelectual para as delicias do espirito, mulher perfeição das fórmas para a perpetuação da beleza fisica, mulher sentimento, força, moral, para a escalada do coração"[54].

Através duma educação não tradicional, as mulheres iriam colaborar para combater preconceitos legitimadores da própria condição inferior em relação aos homens; iriam enfatizar relações sociais mais humanas e iriam disseminar os ideais de bem-estar social e amor, além dos sentimentos de solidariedade e liberdade. Eis o que era preciso fazer com elas:

> é preciso, pois, eleva-la a alturas inconcebiveis, dar-lhe coragem, estimula-la ante a responsabilidade dessa missão de Beleza, missão regeneradora; fazer dela o novo Evangelho da Redenção, pronta para o sacrificio de si mesma, em busca de novas esperanças, para conforto, para força moral desses coortes de idealistas da "Cidade Futura"...[55]

Às mulheres portanto cabia recusar o papel tradicional, que as via só em função de serem mães e educadoras, sendo dóceis e sensíveis. A emancipação da mulher deveria começar pela conquista do direito de fazer suas escolhas pessoais, até se

---

[53] Moura, *A mulher*, cit., p. 195.
[54] Ibid., p. 56.
[55] Ibid., p. 15.

tornarem mães espirituais e educadoras conscientes.

Criticando a idiotice das mulheres – que se submetiam à situação vigente na época, ou que promoviam acções inúteis como as obras de caridade, as associações de mútuo socorro ou de beneficência – a autora tentava acordar as mulheres e estimular a reacção, porque só as emancipadas podiam realizar os ideais de fraternidade, de solidariedade, de amor e de humanidade. Estes ideais pertenciam às mulheres emancipadas e aos artistas sensíveis de sexo masculino. As primeiras tinham que difundir os ideais libertários, enquanto cabia aos segundos interpretar e incorporar estes ideais nas suas criações.

Maria Lacerda notava nas mulheres da classe média que operavam na sociedade nenhum conhecimento sobre o sentido de caridade, ou melhor dito de solidariedade. O pensamento idealista estava longe da vida delas, que transcorriam o tempo nos lugares mundanos em vez de se tornarem conscientes do próprio papel revolucionário. As mulheres dos anos 20 estavam influenciadas pelas modas da época, tinham novos hábitos e novos comportamentos que se reflectiam no modo de vestir, nos gestos e nos gostos femininos; iam às festas e aos bailes elegantes; participavam activamente da vida social; passeavam pelas Avenidas só para ser admiradas; praticavam desporto: uma mulher "sem nenhuma densidade, preocupada apenas com frivolidades"[56].

E assim Maria Lacerda declarava:

> Não é, de certo, entre os tango e as fanfarra das musicas de dança da atualidade, não é na confusão do Jazz-Band – reflexo do nosso estado de desordem num periodo tumultuoso de decadencia, – que se encetam reformas educativas.
>
> E não é em recepções ou por meio de chás elegantes que se tratam das questões sociaes, e sim no recolhimento do pensamento idealista, no gabinete de trabalho, revendo os processos de ação e combinando meios de propaganda libertaria, não folheando os poetas de carne mas os pensadores, os cientistas e os verdadeiros

[56] M. Rago, *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p. 26, cit in F. F. Macena, *Madames, mademoiselles, melindrosas: representações femininas na revista Fon-Fon (1920-1930)*, Dissertação de Pós-Graduação, Brasília, Universidade de Brasília, 2010, p. 111, disponível em repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/.../2010_FabianaFranciscaMacena.pdf (acesso em 4 de fevereiro

> artistas […].[57]

Para Maria Lacerda, mais importante da beneficência caridosa era a equidade, e acerca do êxito das obras de caridade afirmava:

> A caridade não so humilia como é antiprogressista. Caridosos nao, solidario sim; egoismo collectivo. A desgraça de A o B me deve ferir: somos todos irmaos.[58]

As emancipadas constituíam o grupo das idealistas; elas tinham o dever "de pensar, de sonhar, de agir para o advento de outra sociedade, em busca de outros sonhos para a vida melhor"[59]. A sua divisa era: "Paz, Beleza e Bem-estar para todos", para que na sociedade não houvesse nem mulheres escravas e subjugadas, nem crianças famintas, nem doentes, nem párias abandonados.

Na produção intelectual de Maria Lacerda, a palavra Ideal aparece muitas vezes. Ao observar a ausência de um ideal na vida das mulheres – ausência responsável pela inferioridade intelectual, da atrofia cerebral e de existências vividas apenas dentro do lar – a intelectual mineira pôs em relação o papel das mulheres na sociedade com a impossibilidade do progresso das civilizações futuras.

Se não houver um ideal e se as pessoas não tiverem uma disciplina interior, as revoluções, dizia Maria Lacerda, degeneram em barbárias. Por isso ela via no ideal consciente um elemento fundamental na história humana. Assim como os intelectuais revolucionários e rebeldes que Maria Lacerda tanto admirava[60], as mulheres tinham que alargar os seus horizontes e lutar para o bem-estar da sociedade: com o esforço, com a ambição de se realizarem e com a iniciativa, elas iriam atingir a verdadeira educação e a altura da beleza que merecem mas que séculos de escravidão apagaram. Ao se tornarem esclarecidas, elas poderão

---

2011).

[57] Ibid., p. 193.
[58] Ibid., p. 147.
[59] Ibid., p. 12.
[60] Bruno, Ferrer, Faure, Réclus, Gori, Malatesta e muitos outros, in Moura, *A mulher*, cit., pp. 171-174.

libertar-se da protecção masculina e evitar a escravidão económica.

Substituindo o amor pela frivolidade e pelo sentimentalismo fútil que criam bonecas, *bibelots* e mulheres escravas do trabalho e do homem, com a humanidade e com o verdadeiro sentimento de fraternidade humana, elas conseguiriam levantar o País e fundar uma sociedade nova.

2.2 A suposta inferioridade feminina

Em *A mulher é uma degenerada* o que Maria Lacerda acha acerca da inferioridade feminina é bem expresso. Ela diz:

> A mulher é um atrasado pedagogico. Não é mentalmente anormal: seu cerebro não foi desenvolvido, não teve exercicio. A mulher não é inferior, é ignorante, é infantil. Sua sensibilidade exagerada é o resultado da falta de adaptação, do pouco dominio sobre si mesma, falta de *self-control* muscular talvez.
> Se tudo vem do cerebro, tudo nela é rudimental ou desviado porque seu cerebro pouco tem trabalhado ou se extraviou para um ponto de vista inferior.[61]

Ou seja, ela é um ser humano que precisa de desenvolver a sua inteligência através da educação e "tem em si o germen hereditario para preencher suas funções"[62]. No que diz respeito às funções, Maria Lacerda é muito clara: ser esposa e mãe não é tudo na vida da mulher e ainda que não houvesse estas funções ela seria igualmente completa como indivíduo. Porque o homem é homem antes de ser pai enquanto "a mulher nasceu para esposa e mãe, para o lar?"[63], perguntava a autora aos seus leitores.

Observando os efeitos que o sistema de protecção tinha na sociedade, Maria Lacerda atacava a moral e a ciência burguesa, assim como a ideologia da domesticidade, em plena ascensão no mundo urbano-industrial. Ela afirmava que ao incutir-lhe uma série de preconceitos e obrigações, a ideologia burguesa – assim

[61] Ibid., pp. 73-74.
[62] Ibid., p. 69.
[63] Ibid., p. 70.

como a Igreja Católica – promovia a submissão feminina, através da imposição de algumas condições sociais, e impedia à mulher o desenvolvimento psíquico, físico e o amadurecimento pessoal.

Daí que para Maria Lacerda a mulher não seria votada perpetuamente à inferioridade intelectual. Mas se a preguiça, o comodismo e o desejo de sentir-se protegida foram cultivadas através de milénios, e se "a mulher foi escrava em todos os tempos, […], como exigir dos escravos as virtudes e a desenvoltura dos homens livres?"[64]

Ao reparar que a maioria das mulheres eram ignorantes e servis, Maria Lacerda acusava o homem como principal responsável desta dependência, porque ele tinha sempre cultivado uma tendência autoritária para se considerar o senhor, superior e protector. Ao protegê-las ou ao lhes impor a obediência, os homens corromperam as mulheres moralmente, "lhe ataram a razão, deram asas à sua imaginação, deixaram-ma adejar pelo mundo da fantasia e bordaram a sua vida com lentejoulas, brilhantes, purpuras e velludos e camafeus e, dessa especie – nasceu a melindrosa"[65]

As melindrosas para Maria Lacerda eram o fruto da deseducação que caracterizava as civilizações decadentes: mulheres passivas, acomodadas, interessadas só no gozo e nas diversões, nos prazeres do jogo, na toilette e na aparência; mulheres insatisfeitas e infelizes, sem ideais e sem pensamento.

Outra degeneração da sociedade era o almofadinha, que a autora chama "o terceiro sexo"[66], "um «caso» a parte na evolução da especie"[67]: um homem que carece de energia e de carácter, histérico como as melindrosas, interessado apenas nos salões e nos café elegantes.

Declarando que a degenerência e o atraso da melindrosa seriam causados pela mentalidade masculina e pela deseducação, Maria Lacerda chegava à conclusão que quem fazia degenerar a sociedade não era o feminismo mas sim o capitalismo.

A própria anatomia feminina e o mito da inferioridade cerebral das mulheres

[64] Ibid., p. 54.
[65] Ibid., p. 61.
[66] Ibid., p. 85.
[67] Ibid., p. 185.

foram o ponto de partida de médicos, religiosos e estudiosos para argumentarem a respeito da suposta inferioridade física feminina: eles utilizaram esta convicção para considerar as mulheres seres passivos, dessexualizados, aptas só a procriar.

Em geral, os homens cultos – principalmente médicos – justificavam a exclusão das mulheres do mundo público por suposta inalterável inferioridade biológica e psíquica devida a determinadas características naturais, à má formação dos ossos ou à leveza do cérebro: dessa maneira legitimavam a reclusão doméstica e consideravam "degeneradas" as mulheres que ousassem contestar os papéis estabelecidos.

Desautorando a verdade constituída pela ciência médica da época, Maria Lacerda tentou combatê-la, apontando que, em vários períodos da humanidade, indivíduos de ambos os sexos possuíram órgãos e funções em desenvolvimento igual e que a causa da subjugação e da atrofia da mulher era a dominação exercida pelo homem graças à maior força física e ao uso da violência.

Só através da educação, as mulheres podiam contestar os argumentos que médicos e intelectuais formulavam acerca da justificada inferioridade biológica feminina.

Foi mesmo discutindo com o médico português Miguel Bombarda – autor do livro *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*[68] onde responsabilizava as mulheres pela degenerência da espécie – que Maria Lacerda escreveu *A mulher é uma degenerada*.

Bombarda julgava que ao se instruírem e ao se entregarem às fadigas intelectuais, as mulheres acabavam estéreis. Como afirma Maria Lacerda, Miguel Bombarda "considera ridiculo qualquer esforço em pról da independencia da mulher e da sua elevação até o homem"[69].

Maria Lacerda analisou a teoria positivista e determinista dos cientistas da segunda metade do século XIX, em particular a teoria da pureza das raças. Ao estudar a estrutura craneológica de vários povos, ao tomar as medidas da cabeça e

---

[68] M. Bombarda, *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 1896.

[69] Moura, *A mulher*, cit., p. 19.

ao comparar características quais o índice cefálico, a cor da pele, a estatura e os cabelos, eles tentavam encontrar uma regra para definir a superioridade duma raça e a inferioridade de outra.

Ao rebater as afirmações de Bombarda e os resultados da teoria das raças, a intelectual brasileira acreditava na igualdade de potencial entre homens e mulheres. Em *A mulher é uma degenerada* ela conseguiu apresentar o seu pensamento graças às obras de vários médicos, cientistas e antropologistas.

Citando Colajanni, que diz "não há raças, há povos", ou Finot que considera a antropologia "uma ciência mal definida e sujeita a toda sorte de erros"[70], Maria Lacerda achava que a superioridade e a inferioridade das raças dependesse do momento em que elas se observavam: assim como acontece entre duas raças, também entre homens e mulheres seria uma questão de desenvolvimento e de civilização, não de características inatas e inalteráveis.

Os resultados de Broca, de Parchappe, de Topinard, de Manouvrier e de outros estudiosos, demostravam que a inteligência não era proporcional ao volume da cabeça; ao ver que não havia qualquer correspondência, Maria Lacerda pôde concluir que a inferioridade do volume da cabeça feminina não significa menor inteligência. O que desenvolvia os órgãos seria a actividade; sem isso o órgão ficava atrofiado. Portanto, se à mulher fossem permitidas actividades intelectuais e educativas, ela não permaneceria num estado inferior e já não seria domesticada.

2.3 A sexualidade das mulheres e o valor da maternidade

No ideário de Maria Lacerda, a mulher tinha as mesmas necessidades e direitos sexuais que os homens. Ela diferenciava-se do homem especialmente pela maternidade, pela qual a intelectual brasileira tinha um encantamento especial.

Ao incorporar ao seu discurso a ideia de amor livre defendida pelos libertários, Maria Lacerda desafiou as instituições. Amor livre era para ela a livre união entre homem e mulher, a condição necessária para relações baseadas na harmonia e no

---

[70] Ibid., p. 29.

verdadeiro sentimento. Num segundo momento, após ter estado em contacto com as ideias de Han Ryner, ela adoptou a noção de amor plural, ou seja a possibilidade de amar mais de um homem ao mesmo tempo, porque a verdadeira fidelidade seria a fidelidade da alma.

Ao contrário das suas propostas de relacionamentos, a sociedade que Maria Lacerda criticava estava constituída por pessoas incapazes de amar ilimitadamente: tanto o homem quanto a mulher baseavam as suas relações no amor exclusivista, num sentimento mesquinho e baixo. Nesta sociedade, a maternidade e o sexo eram aceites desde que o casal fosse unido por leis divinas, enquanto para ela a maternidade e a gravidez não precisavam de nenhuma convenção, porque divinas por si só.

Com olhar preocupado, Maria Lacerda demonstrava o perigo corrido pelas mulheres que agiam fora das leis e que se opunham ao *status quo*. Tais mulheres, chamadas "desgraçadas", tinham dois possíveis destinos: o suicídio ou a prostituição. De facto, muitas mulheres tornavam-se prostitutas quando não conseguiam encontrar um homem após ter tido relações sexuais sem serem casadas. Mas a prostituição era também considerada um mal necessário porque permitia proteger as raparigas das elites, que deviam permanecer puras e virgens até ao casamento.

Como possível solução, além do abandono de preconceitos religiosos, políticos e sociais, Maria Lacerda reivindicava que as mulheres conhecessem e controlassem o seu corpo e as suas funções reprodutivas.

Foi sobretudo na obra *Religião do amor da beleza* – mas encontramos os mesmos conceitos também em *A mulher é uma degenerada* – que a autora destacou a importância da maternidade, da consciência de si e do próprio corpo: ela deveria ter o controlo reprodutivo, e a possibilidade de escolher o parceiro – o pai do seu filho –, assim como o momento certo para se tornar mãe.

O despertar da mulher era possível graças à educação, através da utilização da razão, como afirma aqui a intelectual brasileira:

> A verdadeira educação feminina não é empecilho à faculdade, porém, equilibria as

> funções genitoras: evita a fecundidade absorvente que mata a mãe de fraqueza, inanição e trabalho, prejudicada pelo excesso de filhos, e faz nascer o desejo da maternidade na razão das que ora se furtam a esse belo sacrificio.[71]

Evitando gravidezes indesejadas, a faculdade de reprodução daria assim espaço ao desenvolvimento do cérebro, e as mulheres poderiam canalizar as energias físicas e mentais para o activismo revolucionário. "O que é preciso", dizia Maria Lacerda, "é dar tempo a mulher para recuperar as forças e fazer circular livremente sangue novo banhando o cerebro"[72]. Desse modo na sociedade "haverá mais higiene, mais saúde, menos mortalidade infantil, mais amor de mãe, menos *amor de macaca*, acrescimo da população, sem paradoxo"[73].

---

71 Ibid., p. 103.
72 Ibid., p. 116.
73 Ibid., p. 77.

3. Tradução

Maria Lacerda de Moura

La donna è una degenerata

"Honni soit qui mal y pense"

3ª edizione
Civilização Brasileira Editora
Rio de Janeiro
1932

A Carlos Moura

La prima e la seconda edizione di questo libro sono dedicate a te, mio grande amico. La terza anche. Le condizioni della nostra vita coniugale sono cambiate totalmente. Oggi siamo solo due grandi e veri amici. Siamo solo due buoni fratelli, solidali in qualsiasi situazione dell'esistenza difficile e piena di sorprese, davanti alle quali non siamo sempre stati preparati.

Tuttavia, oggi siamo più amici di ieri. La tua dedizione nei miei confronti è stata eccezionale e molte volte mi ha profondamente commosso.

Voglio presentare l'opera al mio pubblico, come un omaggio del mio cuore al tuo cuore generoso e forte, alla tua anima stoica.

Che esempio il tuo, mio nobile amico!

La donna è una degenerata

Si tratta di una serie di riflessioni e, visto che non possiedo l'autorità dell'uomo di scienza ma solo letture e osservazioni quotidiane, ho bisogno di appoggiarmi agli scienziati.

Non rubo; non faccio come quelli che non citano anche se copiano... Non seguo l'esempio di tutti quegli scienziati che ci offrono, come se fossero di prima mano, tesi che conosciamo benissimo. Rivendico i miei diritti: ciò che è mio, è completamente mio.

Questo è il mio verbo

di

Fratellanza

Questo è il mio verbo di Fratellanza

Tutti sappiamo valutare il potere e l'influenza benefica esercitata in un ambiente da una donna pura e di talento, in proporzione al suo esempio e alle sue qualità.
Compito di questi spiriti eletti è allargare ancor più questa influenza, spargere in altri cuori le scintille della gioia di vivere la "vita intensa" e utile, e lasciare lungo il passaggio una traccia di luce che illumini altri sentieri e altri cuori.
Chi sente il Dolore Universale desidera far straripare la gioia intima che si prova nel fare qualcosa sognando il bene per amore del bene, e idealizzando un mondo migliore, una vita più pura, una società meno egoista e più giusta.
Essere educatrici coscienti di questo sacerdozio, rinascere dentro se stesse, rivivere dentro un sogno più grande, quasi inaccessibile, vorrebbe dire portare il cielo sulla terra in un'alba di nuovi sogni e nel risveglio di nuovi ideali.
Come riuscire a educare queste future madri spirituali, se nella società di oggi tutto è pregiudizio, se tutto è ripetizione di principi già vecchi a causa del tempo e del processo implacabile che distrugge pratiche e tradizioni e sostituisce formule vissute dall'uomo qualunque come cadaveri ancestrali?
Come educarle?
Quante cose ripetono le madri e le insegnanti che non si rendono conto di servire da sostegno alla conservazione della propria schiavitù!
Bisogna aprire gli occhi della donna, anche se lei ci potrà odiare per questo, perché forse vede in noi intellettuali delle pericolose avversarie...
Generosa, fiduciosa, essa si lascia portare dal più forte, e "la ragione del più forte è ancora quella predominante"...
Dice bene Henriette Roland-Holst[74]: "La democrazia borghese ha realizzato, o sta per realizzare, l'uguaglianza politica e giuridica tra i due sessi: tuttavia non ha ancora potuto far finire la schiavitù domestica della donna, alla quale vengono

[74] Henriette Roland Holst-Van der Schalk (1869-1952), scrittrice olandese, autrice di raccolte poetiche, poemi, biografie, drammi e studi di carattere sociale, politico ed economico. Dopo aver appoggiato la rivoluzione russa, ruppe con il comunismo bolscevico, accusandolo di militarismo e di autoritarismo.

chiusi i grandi orizzonti, sulla quale vengono perpetuate le idee ristrette, le tradizioni secolari, e della quale si mantiene lo stato di inferiorità di fronte all'uomo, ostacolandole il libero sviluppo delle facoltà" ("L'Humanité", 10 aprile 1921).

Quanto vale l'uguaglianza di diritti giuridici e politici per una mezza dozzina di privilegiate, provenienti dalla casta dominante, se la maggioranza femminile continua a vegetare nella miseria della schiavitù millenaria?

Bisogna sognare qualcosa di più alto e abbracciare tutto il mondo femminile attraverso lo stesso legame di uguaglianza sociale, attraverso lo stesso vincolo di solidarietà umana, attraverso lo stesso desiderio di Fratellanza Universale.

Finché ci sarà un solo paria, finché ci sarà una sola donna sacrificata, finché ci saranno bambini affamati, donne schiave del salario, noi idealiste abbiamo il dovere di pensare, di sognare, di agire per l'avvento di un'altra società, alla ricerca di altri sogni di una vita migliore.

Tante voci generose nell'aridità della semina per lenire il dolore universale! Queste voci sbocceranno in nuovi germogli, alimenteranno gli embrioni di altre forme sociali che diffonderanno, chissà, più giustizia.

Non si tratta della consueta filantropia, ma di un rinnovamento sociale per una società dove si eliminerà la carità che umilia, perché la solidarietà umana tra fratelli esclude ogni gesto di beneficenza.

Se non si strappa l'anima femminile da questo rigido settarismo che fa della donna una palla prigioniera in balia del mutare delle opinioni altrui, se non la si educa alla vita, se non si fa di lei una creatura cosciente e non un giocattolo delle forze del passato reazionario, è impossibile pensare a una società nuova.

La schiavitù femminile ha attraversato tutte le generazioni, ha avuto ripercussioni in tutte le civiltà e ha percorso città antiche e moderne. Ecco perché gli antropologi ci considerano come coloro che non hanno alcun ruolo nell'evoluzione sociale. Se lo abbiamo avuto è stato per intuizione, incoscienti: siamo sempre state molto lontane dalla nostra missione sociale.

La storia registra più donne fatali per il destino dei popoli, che donne capaci di sollevare regni e nazioni grazie a un ideale cosciente.

Queste ultime – le eroine, le stoiche – hanno conservato l'anonimato, e avrebbero contribuito molto di più all'elevazione morale della società se il pregiudizio, la schiavitù, i codici, la timidezza ancestrale, la debolezza e l'egoismo maschile, non le avessero vietato di agire e di lavorare fuori dall'ombra. La paura, la rassegnazione passiva, il servilismo di schiava, sono sempre state il suo scudo. E con queste armi chi ha mai vinto nella vita?

La causa della donna è come la causa dei paria di tutte le civiltà: è una causa internazionale.

Vincerà quando l'odio generato dalla razza, dal pregiudizio e dalle superstizioni nazionaliste, crollerà sotto i colpi audaci di picconi fecondi, oppressori e forti...

Il lavoro femminile è stato fino ad oggi del tutto dispersivo: anche la beneficenza lo è.

E la soluzione non è la carità umiliante o filantropica, anche la più altruista, ma l'evoluzione e lo sviluppo del cervello femminile, in modo che possa comprendere il ruolo individuale della donna nella diffusione del benessere.

La religione non ha risolto il problema. La politica ancora meno. Le guerre ci hanno mentito barbaramente; la beneficenza è una goccia d'acqua nell'oceano della vita, nel vuoto immenso dei dolori morali e delle miserie fisiche.

Manca quindi l'ampia comprensione delle questioni sociali necessarie a una soluzione più elevata.

Bisogna impugnare la fiaccola dell'immane incendio, distruggere gli inutili vecchiumi, estirpare dall'inconscio collettivo l'influenza ancestrale dei pregiudizi e sostituirli con abitudini nuove e arricchite da esperienze: così come bisogna impugnare la bandiera della Pace, esortando all'impegno nei momenti decisivi, quando si girano le pagine dell'inesorabile libro delle causalità...

È finito il tempo della beneficenza caritatevole.

La donna ha bisogno di imparare di più, per agire in modo migliore.

L'equità vale più della carità.

Non possiamo passare davanti a una donna del popolo, quasi selvaggia tanto è ignorante, senza rivolgerle uno sguardo di fratellanza, denunciando l'indifferenza e protestando contro l'egoismo dei popoli e delle nazioni.

L’ingiustizia sociale è una piaga aperta dentro l’immenso seno della Terra.
E finché la Terra avrà anche un solo schiavo, non abbiamo il diritto di abbandonare i sogni di giustizia.
Tutti gli oppressi sono nati da ventri femminili, da cuori soffocati dall’improvvisa comparsa di dolori e di benedizioni.
Per ciascun bambino generato dalla società abbiamo un dovere da compiere.
La creatura nasce con il diritto alla luce della vita, all’aurora del pensiero, al bacio dell’amore.
Ciascun cuore femminile dev’essere un immenso “nido” che contenga l’Umanità.
E per ospitare tutti i ventri fecondi, ciascun anima di donna dev’essere un’infinita maternità.
La Terra arde in un braciere... Serve una “tempesta di speranze” e un “ flagello di sogni” per spazzare dalle coscienze gli imbonitori della fratellanza.
Tutta l’Umanità passa per la culla. Chi dondola la culla, chi canta le prime ninne nanne, chi sveglia i bambini per le aurore delle prime albe dell’anima? La donna.
Chi indaga nel cuore dell’adolescente e vi fa nascere l’angustia o la gioia di amare? La donna.
Chi accompagna da vicino l’uomo nell’età virile, portandolo nelle pianure illuminate dal sogno o negli abissi del vizio e della degradazione? o ancora, chi lo può far addormentare nell’indifferenza della mediocrità? La donna.
Bisogna quindi elevarla ad altezze impensabili, darle coraggio, stimolarla alla responsabilità di questa missione di Bellezza, una missione rigeneratrice: fare di lei il nuovo Vangelo della Redenzione, pronta a sacrificare se stessa alla ricerca di nuove speranze, e per il conforto e la forza morale di queste schiere di idealiste della “Città Futura”...
Pace, Bellezza e Benessere per tutti. Questo dev’essere il nostro motto.
Questo è il mio verbo di Fratellanza.

La donna è una degenerata

Il famoso psichiatra Miguel Bombarda[75], nel libro *L'epilessia e le pseudo epilessie*[76], ha lanciato sulla donna questa condanna: "la donna è una degenerata".

Egli considera "ridicolo" qualsiasi sforzo "a favore dell'indipendenza della donna e della sua elevazione a livello dell'uomo".

"Il che non sarebbe grave", dice lui, "se si trattasse solo di qualche decina di degenerate, le più attive, che, sterili come sono, renderebbero inutile un elemento che degenera la specie". "Ma la propaganda, come le esigenze dell'esistenza, attira sempre più donne; e questo è un ulteriore fattore di decremento della popolazione, perché la maggior parte di esse diventa sterile. E, peggio ancora, è un elemento in più perché si propaghi l'incendio della degenerazione. Gli eccessi e le fatiche intellettuali, con la loro azione degeneratrice, riducono d'importanza il ruolo dell'uomo. È interesse delle razze e della loro purezza combattere ad ogni costo l'invasione nelle società di questi barbari moderni, che sono tanto amati dall'uomo. È necessaria una contro propaganda e una difesa delle posizioni consolidate. La tolleranza in questo campo è un errore che i nostri figli dovranno pagare caro".

Studieremo nei dettagli la teoria di Bombarda, una teoria accettata da una parte considerevole della società. Combatteremo con tutte le forze di cui disponiamo la teoria imbevuta di scienza di cui si è fatto apostolo un rappresentante dichiarato dell'anti-femminismo.

Bombarda considera "ridicolo" qualsiasi sforzo a favore dell'indipendenza della donna e della sua elevazione a livello dell'uomo. Di che elevazione si tratta? Quel che si nota oggi è un'allarmante mediocrità del "sesso forte"; nessuna traccia di consapevolezza, niente che provochi il desiderio di imitazione. Al contrario, se la mentalità maschile normale, comune, possedesse qualcosa di cosciente, la donna non sarebbe di certo così ignorante, così arretrata. E dal punto di vista morale? Credo che il signor Bombarda non

---

[75] Miguel Bombarda (1851-1910), medico psichiatra e politico repubblicano portoghese.

[76] Bombarda, *Lições sobre a epilepsia*, cit.

si riferisca a questo. Inoltre, è molto limitativo il desiderio di essere uguale all'uomo... Si tratta piuttosto di rivendicare i propri diritti, in questa organizzazione sociale di schiavi e di macchine al servizio della classe media e dell'industrializzazione. Noi ci spingiamo ben oltre.

Ho ascoltato uomini di vero valore affermare con acume che la donna – per lo meno la donna brasiliana – è sempre più intelligente dell'uomo brasiliano. Ma anche se non avessi mai sentito questa opinione ineccepibile, sono convinta da molto tempo, grazie alle mie osservazioni, che la donna brasiliana è molto più intelligente dell'uomo brasiliano. Il fatto è che lei vuole le comodità, approfitta della situazione, utilizza l'astuzia, unica arma che le hanno lasciato per difendersi. La donna è pigra, si sistema come può: quando si tratta di tagliarsi i capelli *alla garçonne*, non come misura igienica ma per obbedire a una regola della moda; quando si tratta di mascherarsi e andare con il marito ai *cabaret* eleganti; quando è l'ora di bere uno champagne nei veglioni[77] degli hotel *chic* ed essere "compagna" nei "bagordi" dei concorsi di belle gambe; quando si tratta di uscire da sola, ecco che lei vuole essere indipendente, *femminista*, libera. Ma se c'è da lottare per la vita, trovare un lavoro per guadagnarsi da vivere, o sacrificare la moda o i suoi capricci, ecco allora che si appoggia a una stampella e che preferisce esser *protetta*. E così concilia i due aspetti: è indipendente quando le conviene, è "sottomessa e finge tenerezza" quando crede sia necessario. E quelle "dell'alta società" vivono tra "questo e quello", distribuendo carezze e mettendo in gioco tutte le loro "virtù" di dedizione e di "sensibilità". E anche gli uomini di cui ci sentiamo "invidiose", il cui livello mai potremo raggiungere, sanno conciliare tutte quelle situazioni, passando dall'una all'altra, tra coppe di champagne o nei *cabaret*, accompagnati o meno dalle loro sempre "virtuose consorti".

Degenerazione

Miguel Bombarda parla tanto di degenerazione, ma chi degenera o chi è più responsabile della degenerazione della discendenza: la mezza dozzina di femministe

---

[77] Nel testo: *reveillon*

ultramoderne (cosa dell'altro ieri) o i milioni di uomini che fanno uso e abuso di alcool, di morfina, di cocaina, di oppio e di vizi inconfessabili?
Il femminismo è nato ieri, creato dalle necessità di difesa dentro la società capitalista: ed è forse da oggi che le società degenerano?
A Roma non esisteva ancora il femminismo, e allora perché si sono corrotte e sono degenerate le civiltà romane?
E la sifilide? Non è stata inventata dal femminismo, né ai tempi moderni delle rivendicazioni femministe. Varrà la pena cercare di raggiungere l'*altezza* dei tanti cervelli maschili che sono affetti dalla malattia?
E quegli uomini goderecci parlano di eccessi e di fatiche intellettuali? e perché no di eccessi e di fatiche di altro genere e che fanno degenerare più in fretta?
Se l'eccesso è sempre dannoso, concordiamo che i lavori intellettuali da un lato comportano fatica per l'organismo, ma dall'altro esaltano le energie latenti. Da essi traiamo nuove forze ristoratrici, che si mettono in atto solo quando c'è vita interiore, e rimangono al contrario addormentate se gli eccessi provengono dai balli, dai divertimenti banali, dai *cabaret*, dalle sensazioni del gioco o dal corpo.

Sterilità

E ancora: questi parlano solo della sterilità femminile, ma nel frattempo la medicina riflette sulla sterilità maschile. Ci sono donne che hanno figli solo con il secondo matrimonio. Però si è stabilito che molte cose sono naturali per la donna e avvilenti per l'uomo...
Ecco quindi una serie di assurdità e di pregiudizi difesi non solo dall'uomo, ma protetti perfino "dall'innocenza o dalla sottomissione e dall'incoscienza della donna". Tuttavia la faccenda viene rimossa perché impropria, scomoda, anche perché gli uomini si "irritano" e sentono offesa la loro dignità... Bombarda considera l'istruzione femminile e l'emancipazione della donna come una potente forza degeneratrice, come un fattore di sterilità.
Cominciamo dal mio caso, visto che mi hanno chiamata *leader* dell'emancipazione femminile in Brasile.

Di fatto, sfortunatamente non ho figli, ma mia madre che *non ha studiato* ha avuto solo due figlie.

Quanto a me, mi sono sposata a diciassette anni: prima ho studiato ciò che tutti sanno per non rimanere analfabeta. Le mie colleghe della Escola Normal di Barbacena sono strapiene di figli, sono autentiche balie e madri di famiglia; mia sorella ne ha avuti cinque e tre prematuri.

Quest'argomentazione poco interessante ha come fine quello di provare che non è stata l'istruzione primaria, o il diploma della Escola Normal, a rendermi sterile. È ovvio.

Una volta sposata, per dieci anni ho fatto la vita che fanno tutte le donne appena sposate: ho ricamato, ho cucito, ho dipinto addobbi per la casa, ho suonato il piano, ho passeggiato, ho chiacchierato di futilità, ho dormito bene e mangiato ancora meglio, ho letto romanzetti, ho goduto di buona salute, senza avere figli.

Da soli dieci anni (1924) leggo seriamente, e da 6 anni a questa parte la mia vita è quella di scrittrice e di propagandista dell'emancipazione femminile.

Possiamo attribuire all'attività di oggi la mia sterilità degli anni passati? Più che puerile, sarebbe mala fede.

E perché non sono arrivati dei figli prima che mi dedicassi a una vita più cosciente e più utile?

La donna ottentotta, dicono gli antropologi, ha in media solo tre o quattro figli. È fortunata se ne ha in media uno, due o nessuno. Sarà la straordinaria vita di pensiero (!) dell'ottentotta a provocarne la sterilità?

Al contrario, la donna tedesca è molto più feconda: ed è istruita.

Le cause sono altre e il peggior cieco è colui che non vuol vedere. E poi, se la donna è venuta al mondo solo per fare figli, quanto incoerente è la natura nel creare la sterilità nella donna quando questa è una cosa così eccezionale negli animali? Non si tratta di una degenerazione, di eccessi o di altre cause che potrebbero essere evitate o allontanate, in quanto la sterilità femminile è esistita in tutti i tempi: nella Bibbia la verifichiamo in ogni passo. Quindi, non è il risultato della civiltà moderna e delle sue sregolatezze.

Ma tutto ciò tende a rendere più materiale la vita. La sete di Verità ci rende coscienti,

l'ansia di sogni e di ideali ci mette nelle condizioni di adorare gli dei che vivono nel mondo interiore delle nostre visioni superiori.
E se l'uomo si spinge oltre il ruolo di maschio, fino all'ignoto, perché la donna deve rimanere assoggettata esclusivamente, eternamente, inevitabilmente al ruolo di femmina?
Si tratta di un'ulteriore prova della brutalità, della sensualità e dell'egoismo maschile: l'uomo vuole andare lontano con le sue speculazioni scientifiche, filosofiche, artistiche, ma quando scende sulla terra ha bisogno di trovare qualcosa di materiale e di concreto per soddisfare la sua natura inferiore. Così, prova piacere con la sua mente e con l'istinto. Alla donna rimangono solo l'incoscienza, la debolezza indifesa, la maternità con il suo seguito di dolori e di amarezze, e il giogo maschile. E va tutto benissimo. Ma è da qui che nasce la donna che protesta, la donna che ha il coraggio di dire qualcosa al di fuori delle norme stabilite.
Questa ha fatto il minimo delle letture, senza assimilarle, senza digerirle: mette insieme parole sconnesse, ha perso la speranza e così via.
Per questo, solitamente mi chiamano signorina... E ogni volta io protesto: sono sposata e posso parlare a nome delle donne nubili. Non ho perso la speranza: non sono vecchia, e non ho passato la vita tra le nuvole, come qualcuno ha supposto. Non parlo per me, io rivendico i diritti del mio sesso, di tutte le donne. Oltretutto, il fatto di aver figli non deve e non può impedire di pensare. Non sono cose incompatibili.
Al contrario, è necessario che le due idee trovino un'armonia, è imprescindibile per il beneficio degli individui stessi, quali organismi animali.
Siamo arrivati alla seguente conclusione: se l'ottentotta selvaggia non ha più di quattro figli, è spesso sterile o ha solo uno o due figli, è chiaro che la donna civilizzata non può attribuire la sua sterilità all'istruzione rudimentale che riceve, ammesso che sia fortemente determinata a far fronte alla valanga della reazione antifemminista.
Ciò che rende sterile la donna civilizzata è l'ansia del piacere e la lotta per la vita, il lusso e l'esibizione dei saloni, l'egoismo degli uomini e delle donne senza intelletto e senza coscienza, l'affarismo dei contrabbandieri della salute, di quei medici trafficanti e libertini. E ancora, è l'ansia delle soddisfazioni materiali al prezzo dell'assassinio dei propri figli indifesi (crimine più grave dell'assassinio di uomini, che almeno si

possono difendere): marito, moglie, medico e infermieri, tutti complici di questi attentati quotidiani.

E perché la società condanna la maternità libera?

Quante grandi anime femminili al mondo desiderano ardentemente il figlio senza desiderare affatto il marito? E queste giustamente sono le cosiddette "emancipate", quelle intelligenti, quelle di carattere, che non si sottomettono al giogo del "signore" mediocre e presuntuoso, che sta molto al di sotto di esse, ma che si sottometterebbero invece con piacere al giogo di una maternità cosciente.

Si tratta di un'offesa al carattere femminile, di una lotta contro la ribellione, contro la superiorità morale, contro l'insubordinazione, contro il desiderio di libertà e Amore, nel più ampio significato della parola.

Delle razze e della loro purezza

Quanto al combatterci nell'interesse delle razze e della loro purezza, ecco un'altra ingenuità.

Vediamo ciò che si può sapere a proposito di tale decantata "purezza delle razze". Le teorie delle razze si fondano sull'indice cefalico, sulle differenze di cranio, sul colore della pelle, statura, capelli, eccetera eccetera, senza basi giustificate, e nonostante tutto ciò sia sbagliato. L'argomento merita uno sviluppo: non può stare nei limiti di una pagina. Sintetizzeremo. Voglio solo giustificare le mie parole di protesta contro l'affermazione di Bombarda.

"Non ci sono razze, non ci sono popoli", lo dimostra Colajanni[78]. L'antropologia è una "scienza mal definita e soggetta a tutti i tipi di errori", dice Finot[79].

Cominciamo con un esempio: l'indice cefalico dei greci moderni va da 76 a 81 "e non possono di certo fornire grandi uomini!"[80], mentre gli antichi greci avevano un indice di

---

[78] Napoleone Colajanni (1847-1921), scrittore e politico socialista italiano. Dopo aver conseguito la laurea in Medicina partì per l'America del Sud, prima di tornare in Italia per dedicarsi allo studio della sociologia e continuare la sua attività politica.

[79] Louis Finot (1864-1935), archeologo e ricercatore francese specializzato nelle culture del Sudest Asiatico.

[80] In francese nell'originale.

76! Le contraddizioni sono evidenti.

Aristotele diceva che l'uomo arriva a essere più intelligente degli altri animali perché la sua testa ha dimensioni relativamente piccole.

Gli antropologi delle "razze" ricercano la proporzione tra grandezza della testa e grandezza dell'intelligenza.

Parchappe[81] e Broca[82] dubitano che l'imbecillità e l'idiozia corrispondano alla limitatezza determinata dalla testa. Paragonando i dati, su 50 teste di uomini di intelligenza normale, Parchappe ne ha incontrate 7 di dimensioni inferiori a quella dell'imbecille sottoposto a osservazione, mentre 13 di loro presentavano dimensioni di poco superiori. Lo stesso professore ha trovato una testa di donna intelligente di dimensioni pari alla testa di uno stupido!

Parchappe è dell'opinione che l'intelligenza possa essere normale in una testa di volume inferiore, uguale o appena superiore al volume delle teste di persone stupide.

Secondo lui, l'intelligenza non è mai proporzionale al volume della testa. Nella collezione di imbecilli di Parchappe, quello con la testa più piccola (460 millimetri di circonferenza orizzontale) era il più intelligente del gruppo, l'unico che parlasse e conoscesse il valore del denaro.

Sergi[83] crede che, oltre alla misura dell'indice, tale cranio, che avrebbe dovuto essere dolicocefalo, possa essere brachicefalo e viceversa.

E il cranio varia a seconda della costituzione fisica. E che dire delle deformazioni del cranio per motivi estetici di alcune popolazioni?

La forma del cranio si modifica anche per effetto dell'alimentazione, tanto nell'uomo

---

[81] Jean-Baptiste-Maximien Parchappe de Vinay (1800-1866), psichiatra francese, convinto che le cause di molte malattie mentali potessero essere localizzate anatomicamente.

[82] Paul Pierre Broca (1824-1880), antropologo, neurologo e chirurgo francese. I suoi interessi sulla craniometria lo portarono a fare studi e scoperte eclatanti, sviluppando il settore degli studi antropometrici craniali e definendo relazioni tra caratteristiche anatomiche del cervello e capacità mentali come l'intelligenza. Nel 1859 fondò l'*École d'Anthropologie* a Parigi, che rappresenta il punto di riferimento di tutta la moderna antropologia.

[83] Giuseppe Sergi (1841-1936), antropologo italiano. La sua fama è legata soprattutto allo studio dei tipi umani fossili e al grande lavoro di classificazione antropologica, nel quale, fra l'altro, si avvalse di un metodo di misurazione del cranio da lui ideato descritto nell'opera *L'uomo, secondo le origini, l'antichità, le variazioni e la distribuzione geografica* del 1911. Seguace delle teorie evoluzionistiche formulò ipotesi originali che ebbero, ai suoi tempi, notevole risonanza.

che negli animali.

Manouvrier[84] crede sia difficile far corrispondere alle variazioni del cranio le variazioni dell'intelligenza e dice: "è una vera e propria pazzia voler fare della variazione dell'indice cefalico una sorta di frenologia delle razze, poiché nessun fattore biologico la giustifica. Al contrario, le variazioni dell'indice cefalico sono insignificanti. Nella brachicefalia, il cranio acquista in larghezza quel che perde in lunghezza"[85].

Dolicocefali e brachicefali

Il tipo ideale per gli antropologi delle "razze" è il dolicocefalo. Ebbene, questo è il tipo che si incontra più di frequente tra i selvaggi e i popoli primitivi.

Finot cita cifre su cifre a favore di questo caso. Riguardo il peso del cervello, conclude con l'esempio di un gatto e di un leone: nel gatto la proporzione tra peso del cervello e corpo è di 1 a 106, nel leone è di 1 a 546. Il gatto è quindi 5 volte più intelligente del leone? Si conclude quindi che gli animali più piccoli sono relativamente più intelligenti degli animali grandi (più piccolo è l'animale, più vantaggioso è il rapporto tra cervello e corpo)?

Broca considera ridicola la pretesa di voler far dipendere il grado di intelligenza dalle dimensioni e, di conseguenza, dalla forma della testa.

Broca, Parchappe e tanti altri affermano che l'esercizio intellettuale aumenta il peso e il volume del cervello e, di conseguenza, l'intelligenza.

Alle stesse conclusioni sono arrivati Lacassagne[86], Cliquet, Ferri[87], Vitalis, Galton[88], Vann, e altri.

---

[84] Léonce Pierre Manouvrier (1850-1927), medico e antropologo francese noto soprattutto per i suoi studi osteometrici che condussero all'elaborazione di indici e di tabelle al fine di determinare la statura attraverso la misura delle ossa.

[85] In francese nell'originale.

[86] Alexandre Lacassagne (1843-1924), un medico francese, uno dei fondatori dell'antropologia criminale.

[87] Enrico Ferri (1856-1929), politico, scrittore, giornalista, e criminologo italiano, direttore del quotidiano del PSI *Avanti!* e allievo di Cesare Lombroso.

[88] Sir Francis Galton (1822-1911), esploratore, antropologo e climatologo britannico e patrocinatore dell'eugenetica, termine da lui creato. Contribuì all'affermazione di diverse discipline sperimentali, tra cui la psicometria.

Nyström[89] è giunto agli stessi risultati, e cioè a conclusioni opposte a quelle dei predicatori della teoria dei dolicocefali superiori.

Finot esce dalle norme stabilite dagli antropologi delle "razze" e dice: "la forma arrotondata (brachicefalia) presenta il vantaggio di poter contenere in meno spazio più massa cerebrale: il futuro è dei crani allungati, dei brachicefali!"[90]

A tal proposito, lo studioso tedesco Ammon[91] consiglia l'alcool, la "dissolutezza" e tutti i tipi di vizi: bisogna mettere a disposizione degli *inferiori* la *cachaça*, la sregolatezza, per provocare rapidamente la degenerazione e farli scomparire. Gli *inferiori*, per lui, sono brachicefali! E Kant, Laplace, Voltaire erano dunque brachicefali!

Il professor Langer[92], austriaco, anatomista di fama, crede che la modifica della struttura e della forma del cranio non dipenda solo dal lavoro intellettuale ma anche dal nostro sistema di masticazione.

Riguardo alla cubatura si potrebbero citare molti studi.

Morton[93], in questo ambito, è giunto alla conclusione che i negri dell'Africa e dell'Oceania sarebbero di molto superiori agli americani.

Il peso dipende dalla statura, dall'età e dal sesso. E secondo Finot "nessuna delle teorie basate sulla craniologia può resistere, da questo punto di vista, alla critica più leggera".

L'affermazione più interessante è la seguente: "Più invecchiamo, più il peso dell'encefalo diminuisce sensibilmente. A partire dal quarantacinquesimo anno il cervello comincia a diminuire; a ottant'anni ha perso circa 120 grammi nell'uomo e meno di 90

---

89 Anton Kristen Nyström (1821-1931), medico, educatore e scrittore svedese. Nyström si interessava di educazione portata avanti attraverso insegnamenti sociali, politici e religiosi del positivismo; difendeva la formazione dei sindacati, la libertà di culto e la separazione tra Stato e Chiesa. Nel 1880, convinto della necessità di un'educazione pubblica, fondò l'Istituto dei Lavoratori di Stoccolma per lottare contro l'alcolismo, contro il comportamento antisociale, contro la criminalità e contro l'influenza di gruppi estremisti all'interno della classe proletaria. Nel campo dell'antropologia tra i suoi scritti si ricorda *Le variazioni della forma del cranio e le sue cause. L'antropologia* (1902).

90 In francese nell'originale.

91 Otto Ammon (1842-1916), antropologo tedesco.

92 Karl Langer (1818-1887), anatomista e zoologo austriaco.

93 Samuel George Morton (1799-1851), medico e scienziato naturale americano. Creatore della scuola americana che ha originato il cosiddetto razzismo scientifico. Morton utilizzò la craniometria soprattutto per cercare di dimostrare che alla morfologia cranica poteva essere assegnata una scala di valori di merito: la forma del cranio dei neri era associata a qualità mentali scadenti mentre, tra i bianchi americani, gli emigrati dai paesi dell'Europa meridionale sarebbero risultati meno dotati rispetto ai discendenti degli anglosassoni.

nella donna (calcoli di Broca, di Topinard[94] e di altri). Il peso dell'encefalo aumenta anche con l'esercizio e diminuisce in mancanza di attività intellettuale"[95].

Ecco una legge antropologica con la quale tutti gli antropologi concordano, e che mette in dubbio le loro stesse teorie, affermando che al di sopra della materia con la quale s'inventano e si deducono leggi e teorie, ci sono altre leggi e altre forze sconosciute alla scienza ufficiale: forze, leggi ed energie che stanno molto al di sopra della scienza presuntuosa, sfidandone le deduzioni inconsistenti che servono a interessi propri e a opinioni personali e mosse da passioni.

Se con la vecchiaia il peso del cranio diminuisce in maniera sensibile, e se l'intelligenza è proporzionale al peso dell'encefalo, allora anche l'intelligenza dovrebbe diminuire sensibilmente dopo i 45 anni nell'uomo, e ancora prima nella donna.

Ma questo non avviene. Centinaia di esempi potrebbero esser utili in questo caso. Mi limito all'esempio classico: Rousseau. Dopo i 45 anni l'uomo produce molto e con tutta l'intensità dell'intelligenza. Alcuni cominciano solo a questa età la propria carriera. Quanto alla donna, l'opinione del celebre antifemminista e antropologo è giustamente contraria: la donna potrà essere qualcosa solo dopo essere entrata nell'età della vecchiaia...

Che contraddizione!

Anche la proporzione di perdita di peso del cervello tra uomo e donna dà spazio a deduzioni interessanti. Com'è che il peso dell'encefalo dopo una certa età diminuisce "in mancanza di attività intellettuale?"[96]

Da cosa dipende allora il peso dell'encefalo?

Queste leggi sono state osservate con esperimenti, o con la misurazione o il calcolo del peso dell'encefalo? Sono state osservate seriamente, senza un'idea prestabilita, le età dell'individuo, degli uomini e delle donne? È stato fatto il calcolo proporzionale di

---

[94] Paul Topinard (1830-1911), medico e antropologo francese. Dopo una breve attività di medico, si dedicò agli studi di antropologia e contribuì a sviluppare, sotto la guida di Broca, un moderno indirizzo scientifico di tale disciplina. Dal 1877 al 1900 diresse il laboratorio dell'*École d'Anthropologie* fondata da Broca.

[95] In francese nell'originale.

[96] Ibid.

questa perdita?

Se dopo i 45 anni di età il peso dell'encefalo diminuisce sensibilmente e con esso, per conseguenza logica, deve diminuire l'intelligenza (in ordine inverso, il peso del cervello cresce e cresce l'intelligenza), com'è che l'età dell'oro dell'uomo va ben oltre? E com'è che gli intellettuali, i saggi, i pensatori, arrivano a volte ad età molte avanzate in piena facoltà e con i sensi vivi e penetranti più dell'uomo comune, con una produzione febbrile? È chiaro che a 90 anni si ha un salto incredibile all'indietro, ma questo non solo nel cervello, in tutto l'organismo. *Nella scienza non ci sono eccezioni. L'eccezione è la prova dell'esistenza di una legge sconosciuta*.

Bisognerebbe studiare i crani e gli encefali di uomini mediocri, di anormali, di pensatori e di artisti.

Fatto ciò si giungerebbe a una conclusione soddisfacente? Sicuramente non ancora.

Ci sono leggi a noi sconosciute, imbevute di una scienza sbagliata e pretenziosa.

Continuando nel nostro ragionamento: "I selvaggi di ieri possono facilmente diventare i civilizzati di domani; e nel giro di 150 anni, ci dice E. Réclus, il Negro ha recuperato un buon quarto della distanza che lo separa dai Bianchi"[97].

E Finot dice ancora: "*Europeo* non è che una parola; essa riguarda il cranio civilizzato, che si distingue dal cranio dei popoli non civilizzati, e che si distingue dal cranio dei popoli non civilizzati e privi dell'esercizio cerebrale che esso impone"[98]. Se è così, cosa impedisce alla donna infantile di oggi di pensare domani?

Ci sono prove che gli europei siano discendenti dei negri dell'Africa in tempi immemorabili. Così la pensano Sergi, Brinton[99], Verneau[100], Menton, Albert Gaudry[101], Pittard[102] e altri.

Essi osservano che dal punto di vista fisiologico non esistono razze. La vita sessuale, la

---

97 Ibid.

98 Ibid.

99 William Brinton (1823-1867), medico inglese. Studioso e docente di fisiologia e di medicina legale, ha svolto importanti studi sulla fisiologia e sulla patologia dell'apparato digerente.

100 René Verneau (1852-1938), antropologo francese. Importanti i suoi studi di paleo- antropologia.

101 Jean Albert Gaudry (1827-1908), geologo e paleontologo francese. I suoi studi dei fossili furono usati per supportare la teoria evoluzionistica.

102 Eugène Pittard (1867-1962), antropologo svizzero, insegnante all'università di Ginevra e direttore del museo di etnografia.

fertilità, il periodo di gestazione, sono sempre gli stessi, in qualsiasi luogo, per tutte le creature umane.

Tra gli animali non è così.

Anche secondo Buffon[103] la razza non è che una varietà creata e fissata da influenza climatiche, dall'alimentazione e dai costumi.

Un'altra cosa interessante osservata dagli antropologi è che le misure craniche degli ebrei austriaci corrispondono a quelle degli uomini intellettuali degli Stati Uniti; le misure degli ebrei del Caucaso corrispondono a quelle degli abitanti del sud della Russia. È questione di attività.

I primi sono usurai, calcolatori, economisti, negozianti, avvocati, medici; gli ultimi lavorano manualmente, nell'agricoltura, eccetera.

E ancora, il colore della pelle corrisponde alla temperatura, all'alimentazione, all'umidità atmosferica, all'abbondanza o alla mancanza di foreste, alla latitudine.

Gli abissini delle montagne sono diversi da quelli delle pianure. Gli arabi della Mecca non sono gli stessi arabi dello Yemen, della zona a sud di Damasco o della Nubia: nei climi gradevoli sono chiari, alla Mecca sono giallo scuro e perdono i tratti caratteristici dei beduini; nello Yemen hanno il profilo classico dei greci; a Damasco sono più bassi e con molti capelli; in Nubia sono negri (osservazioni di Escayrac de Lauture[104], citate da Finot).

"La pigmentazione della pelle sembra un condizionamento o una difesa dall'azione dei raggi chimici o forti del sole, molto dannosi alla sostanza vivente, da cui deriva che a una maggior irradiazione corrisponde una pigmentazione più forte"[105].

Impossibile citare le tante osservazioni contro l'antropologia delle "razze".

Vediamo ciò che ci dice Oliveira Martins[106] nella sua "Antropologia": "Broca credeva

---

[103] Georges Buffon (1707-1788), naturalista e matematico francese. Fondatore del Museo di Storia Naturale di Parigi, fu sostenitore del metodo sperimentale fondato sull'osservazione. Descrisse il mondo vivente nella monumentale opera in 44 volumi *Histoire naturelle générale et particulière* (1749). Si oppose per primo alla teoria del preformismo (cioè dell'idea che un organismo fosse già preformato nell'uovo non ancora fecondato), ammettendo la tesi di una variabilità delle specie.

[104] Pierre Henri Stanislas d'Escayrac de Lauture (1822-1868), viaggiatore ed esploratore francese. Ha intrapreso numerosi viaggi in Africa e in Oriente.

[105] A. Peixoto, *Noções de Higiene*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1935.

che tra i crani della fossa comune e quelli dei cimiteri dei ricchi a Parigi, ci fossero maggiori differenze che tra razze antropologicamente ben distinte: da ciò si desume che a Parigi convivono due *razze naturali*, quella dei poveri e quella dei ricchi? No, sono solo disgraziatamente due razze *sociali*! Questo basta per conoscere l'opinione di Oliveira Martins.

Se è così, non esistono neanche razze pure. Gustave Le Bon[107] contesta l'esistenza delle razze pure: "Nelle popolazioni civilizzate non ci sono più razze naturali, ma solo razze artificiali create dalle condizioni storiche".

E Colajanni dice: "la superiorità e l'inferiorità delle razze dipende dal momento in cui si osservano".

Visto che gli antropologi demoliscono l'esistenza o il mito della razza ariana o della discendenza ariana degli europei, è ovvio che l'intera teoria delle "razze" cade: "Quelli che chiamiamo Ariani non sono mai esistiti sotto forma di un popolo primitivo ma solamente come un'invenzione di eruditi"[108] (Hartmann[109]) oppure: "L'Ariano allo stato d'unità topica non è mai stato scoperto"[110] (Virchow[111]). L'intera teoria delle razze è quindi uscita da studi teorici.

E la discendenza dei Celti, dei Gallesi, dei Germanici? Anche tutto ciò è problematico.

Bene, se non ci sono "razze", non ci sono neanche uomini eternamente votati all'inferiorità. È questione di sviluppo, di civilizzazione. Ha ragione Finot: "Uno studioso che oserebbe pronunciare un verdetto di barbarie in eternità contro un popolo, qualunque sia, meriterebbe d'essere accolto con ilarità"[112].

In questo caso la donna non è votata perennemente all'inferiorità intellettuale, a meno che non costituisca una "razza" a parte. Ecco cosa avviene: "se l'Europeo di oggi esclu-

[106] Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), politico e scienziato sociale portoghese. Tra le sue opere si ricorda *Elementos de Antropologia*, qui citata da Maria Lacerda, pubblicata nel 1880.

[107] Gustave Le Bon (1841-1931), psicologo e sociologo francese. Tra le opere principali si ricorda *Psicologia delle folle* del 1895. Per Le Bon la razza è identificabile con una comunità geografica, ma ciò non implica assolutamente giudizi di superiorità di una razza rispetto ad un'altra.

[108] In francese nell'originale.

[109] Robert Hartmann (1832-1893), naturalista, anatomista e etnologo tedesco. Propose di bandire la definizione di "ariano" dall'antropologia.

[110] In francese nell'originale.

[111] Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821-1902), medico, patologo, antropologo e politico tedesco.

[112] In francese nell'originale.

de la donna da così tante carriere, con il pretesto che la sua natura non è fatta per questo, allora questa logica assomiglia alla massima schiavista, andata avanti anche troppo, che rifiuta allo schiavo o all'oppresso in generale la condizione di essere libero e di conseguenza la libertà, nell'interesse dell'oppressore"[113].

Come può la scienza giudicare a priori fenomeni di quest'ordine e, di conseguenza, le sue leggi?

Ciò che è provato è che l'attività sviluppa l'organo, e che la biologia ci parla dell'atrofia degli stessi organi a causa dell'inattività. Modificata la causa, anche l'effetto sarà alterato. Tutte le grandi e potenti civiltà sono nate dalle barbarie, da gruppi e perfino da infimi seguaci della selvatichezza primitiva. Quel che si dice della donna si dovrebbe dire della maggior parte degli uomini, della massa: l'incapacità mentale di chi è volgare, mediocre, ignorante. L'uomo ha ereditato la tendenza autoritaria mentre ha coltivato la sottomissione femminile; continua a essere il signore, il superiore, il protettore e vuole conservare il servilismo, l'*inferiorità*, la dipendenza della protetta. Da una parte l'interesse maschile e l'egoismo, dall'altra la pigrizia della donna, la sua ignoranza e il servilismo, coltivati in modo calcolatore nel corso dei millenni.

Solo l'ovulo si salva nel grande disastro

Passiamo a un altro punto del libro di Bombarda: "La degenerazione della donna è parziale: l'interno organismo è una decadenza, solo l'ovulo si salva nel grande disastro". È possibile? Mi rispondano gli scienziati di buona fede. Si tratta di decadenza o di non essere arrivata al pieno sviluppo?

La natura "ha sbagliato" nella metà del genere umano facendo una legge di tale "mostruosità"?

Uno "sbaglio" benefico che ha creato due metà che si completano, indispensabili una all'altra per la vita del sentimento e per la moltiplicazione della specie. Uno "sbaglio" di questo tipo è ciò che possiamo chiamare "legge naturale", legge biologica: due individui diversi essenzialmente dal punto di vista fisiologico e psicologico, insieme per l'armonia

[113] Büchner, *L'homme selon la science. Son passé, son present, son avenir. ii partie: qui sommes-nous?*, Paris, G. Reinwald et c., 1870. Citazione in francese nell'originale.

sociale, per la creazione di un terzo individuo che cerchi la sua metà e avanti così.

Continua Bombarda: "Non serve conoscere approfonditamente i fatti embriologici per sapere che la sessualità femminile rappresenta semplicemente una sospensione dello sviluppo; basterebbe questo per caratterizzare in modo teratologico (quale mostruosità!) l'organismo della donna". Quello che lo psichiatra chiama "teratologico" è ciò che costituisce un'altra legge biologica nella formazione dell'individuo incaricato di portare il figlio in seno.

Superiorità biologica e fisiologica della donna

Affronto anche l'opera del dottor Alexandre Roster, citata nel libro *Eve Réhabilitée* di Claire Galichon[114]. Ecco il frammento: "La superiorità del sesso femminile è tanto biologica e fisiologica. Ovvero, la potenzialità dinamica, la forza che un organismo può sviluppare con le migliori condizioni, è estremamente grande nel feto femminile, e il suo valore è enorme. L'ovulo maturo, l'elemento femminile, nella sua essenza completa e con il suo valore assoluto ci presenta la cellula ben nutrita, esuberante di materia nutritiva, pronta a rompersi in due.

Al contrario, lo spermatozoo, l'elemento maschile, con le sue forme agili, ci indica la cellula misera, affamata, inquieta, rivestito a malapena della membrana, con poche tracce di sostanze nutritive, inadatta a svilupparsi da sola.

A questa contestazione si aggiunge il fatto che l'embrione femminile, nelle prime fasi di sviluppo ovulare, è superiore a quello maschile, perché, oltre che essere più ricco di materie nutritive, richiede per il suo nutrimento una maggior quantità di tessuti plastici[115] e fissa tale superiorità all'interno del periodo mestruale... e come se ciò non bastasse, la natura dona alla femmina, come patrimonio, delle qualità latenti che la rendono il centro di attrazione, capace di attirare il maschio all'interno del campo di influenza e di domi-

---

[114] Claire Galichon, *Ève réhabilitée, plaidoyer «pro femina»*, Librairie des sciences occultes, Paris, 1905. In portoghese: *Femmina superiore*, 1906.

[115] È stato notato che una donna incinta di una bambina reca molti più segni di fatica, evidenti sul suo viso, che una donna incinta di un bambino. Lo sviluppo del feto femmina consumerebbe più energie rispetto a quello del feto maschio. A tal proposito, nella *Revue* dell'1 gennaio di quest'anno leggiamo un'opinione simile: "Sembra", dice M. Paul Gsell, "che la donna sia una creatura più preziosa dell'uomo, poiché la natura richiede elementi più ricchi per formarla". [NdA]

narlo successivamente in vista delle funzioni riproduttive determinate".

"La donna rappresenta il tipo e l'uomo la varietà. Una volta che l'individuo è formato, il maschio ha le mammelle che lo fanno assomigliare alla femmina, ma per tutte le altre caratteristiche del suo scheletro e della sua pelle, egli *ricorda una bestia*. Il bacino che, tra le femmine ha una conformazione a parte, tra gli uomini somiglia al *bacino delle scimmie*. La superficie del corpo, coperta più o meno interamente da peli, lo fa nuovamente assomigliare agli animali"[116].

Ancora la questione del cervello

Riguardo il peso dell'encefalo, la bilancia del signor Bombarda pende dalla parte dell'uomo. Ho già discusso e trattato la questione (di nessuna importanza come abbiamo visto) in lavori precedenti e in questo stesso libro. Ecco l'opinione di Topinard: "Non c'è differenza di sesso che tenga per quanto riguarda lo sviluppo cerebrale, e si potrebbe anzi sostenere – tenendo conto di ciò che l'anatomia comparata indica come il vero progresso dell'encefalo, che la donna, nell'evoluzione cerebrale, è più progredita dell'uomo"[117]. Ne consegue che "la velocità dell'evoluzione cerebrale della donna non è costantemente inferiore, ma, in determinati periodi, è inferiore, uguale o superiore alla velocità dell'evoluzione cerebrale dell'uomo"; e che "uno dei principali fattori responsabili della superiorità del volume cerebrale acquisito *post natum* dall'uomo è la superiorità iniziale acquisita nella fase intrauterina"; e che infine "la donna ha una psiche infantile e un cervello infantile anch'esso *perché e solo perché* è stata sottomessa a una selezione che ha cercato questo risultato"[118].

La "superiorità iniziale" e questo "perché e solo perché" sono in evidente contraddizione.

Il tipo umano legittimo, il tipo virile

"La femminilità", dice il signor Bombarda, "è una variazione dell'unico tipo umano

---

[116] In francese nell'originale.
[117] Ibid.
[118] Tito Livio de Castro, *A Mulher e a Sociogenia*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1893.

legittimo, il tipo virile; è una variazione di lunga data, radicata nel profondo".

Ecco una cosa che mi ha lasciata perplessa. Tornando ai tempi preistorici, sappiamo o pensiamo che l'uomo e la donna avessero la stessa muscolatura, lo stesso grado di selvatichezza, la stessa rozzezza, e vivessero in gruppi nomadi, quasi senza linguaggio. Essi lottavano con la stessa arma: la forza fisica. Ma in quello stesso periodo l'uomo era già uomo e la donna già donna. Non c'era un unico tipo virile legittimo o un unico tipo umano legittimo, quello virile. Nella donna funzionavano tutti gli organi e le funzioni di quegli organi. Possedeva la forza e la selvatichezza dell'uomo, ma fisicamente, fisiologicamente era donna, è ovvio.

Vediamo adesso come è avvenuta la variazione dal tipo maschile verso il tipo femminile di oggi. Prima del periodo neolitico, prima che l'uomo addomesticasse la renna, il primo animale che l'uomo abbia cercato di addomesticare, riuscendoci, è stata la donna! Per l'uomo era molto difficile lottare corpo a corpo con gli animali primitivi, e gli serviva qualcuno che gli obbedisse, qualcuno che lo aiutasse con un atteggiamento di sottomissione: ha lottato con la donna, l'ha vinta, l'ha soggiogata, l'ha addomesticata.

L'uomo le ha assegnato delle attività, le ha richiesto servizi e compiti, l'ha punita, e ha ripetuto il castigo brutalmente fino a che lei si è data per vinta e *ha cominciato ad ammirare la forza bruta*... Lei è rimasta in casa, occupandosi delle primitive faccende domestiche e da quel giorno fino ad oggi, tutti conoscono il risultato di questo attentato alla libertà femminile: la sottomissione, il servilismo, la mancanza di temperamento proprio degli schiavi, di coloro che sono sotto tutela, dei subalterni. Questo dal punto di vista morale. Dal punto di vista fisico propriamente detto, la funzione sviluppa l'organo, è una legge biologica. Le forme della donna, il suo corpo, le dimensione dei suoi arti, l'intero organismo non più abituato alla lotta corpo a corpo con gli uomini né con gli animali è andato assottigliandosi, i muscoli hanno perso forza e sono diventati più delicati. Si è sentita *protetta* ed è diventata pigra, egoista, e, non avendo problemi seri da risolvere, non ha avuto bisogno del cervello.

Riguardo l'evoluzione del *tipo umano legittimo*, *il tipo unico*, *virile*, non conosco altre

spiegazioni. Ciò che ci dice l'opinione non sospetta di Tito Livio de Castro[119] è che "l'inferiorità femminile è costante nel presente e nel passato umano". "L'evoluzione dei primati è maschile", "negli antropoidi così come nell'*homo sapiens* il sesso maschile ha più cervello". In questo caso l'uomo primitivo non ha avuto nessuna difficoltà a soggiogare la donna primitiva. È stata la sua prima prigioniera.

L'inferiorità femminile è costante nel presente e nel passato umano

Ragionando ancora su ciò che dice Tito Livio de Castro, se "il tipo maschile ha attraversato un maggior numero di trasformazioni e adattamenti cerebrali di quello femminile", e "siccome l'inferiorità femminile è costante nel presente e nel passato umano, non è ammissibile che il fenomeno embriologico abbia come causa determinante una condizione sociale relativa ai primitivi tempi della specie. La craniologia applicata agli antropoidi dà gli stessi risultati, dimostrando così di trattarsi di una eredità a partire dai primati. Lo studio minuzioso delle specie zoologiche, che ci mostra tipi caratterizzati da uguale evoluzione tra i sessi o dalla superiorità femminile, rifiuta a priori l'opinione che potrebbe sorgere, ossia che l'inferiorità femminile sia un corollario della differenziazione sessuale. D'altra parte, la maggiore evoluzione cerebrale è un carattere perfettamente distintivo in relazione al sesso; caratterizza il sesso maschile quasi quanto le ghiandole mammarie quello femminile". È tutto sbagliato, incompleto. Da ipotesi non dimostrate, si traggono principi e si enunciano teoremi e corollari immaginari, servendo opinioni sospette e interessi personali. Se il cervello caratterizza l'uomo come le ghiandole mammarie la donna, allora perché non ammettere l'ipotesi che si tratti di caratteristiche dei sessi, di un corollario della differenziazione sessuale? Ma tutto ciò non è altro che un'ipotesi; ciò che è provato è che la donna, non avendo avuto bisogno del cervello, ha avuto un organo che si è atrofizzato dall'inutilizzo, e che l'attività intellettuale aumenta il potere mentale tanto nell'uomo che nella donna. È provato che il

[119] Tito Livio de Castro (1864-1890), studente di Medicina brasiliano, morto subito dopo aver concluso il Dottorato in Medicina a Rio de Janeiro. Le opere *A Mulher e a Sociogenia* e *Questões e Problemas* furono pubblicate postume dal padre Manuel de Costa Pais, e da Sílvio Romero, suo professore al college Pedro II.

negro dell'Africa ha reso possibile il cervello del francese di oggi: Édouard Schuré, Romain Roland, Anatole France, Barbusse e altri, oltre a M.me de Stael, George Sand, Clemence Royer, e perfino M.me Curie... Stando così le cose, che cosa impedisce "l'elevazione della donna a livello dell'uomo" (sic) o lo sviluppo dell'intelletto femminile? Rimane solo un'obiezione: l'egoismo, l'indolenza, le abitudini servili della donna di oggi, selezionata per un unico obiettivo: la schiavitù e la tutela sociale.
Potremmo spingerci oltre: cos'è che chiamano inferiorità? qual è la differenza?

Il ruolo dei genitori è assolutamente equivalente nella produzione di embrioni.
Felix Le Dantec[120] dice che il ruolo dei genitori, dal punto di vista ereditario è *assolutamente equivalente* nella produzione dell'ovocita, dell'embrione: in questo modo, non si pensa a "una continuazione equivalente da un essere all'altro, perché c'è collaborazione *equivalente* di due esseri differenti"[121], eccetera, eccetera.
Come può allora la superiorità del cervello maschile essere memoria organica, se gli embrioni maschile e femminile sono assolutamente uguali, se *non hanno sesso* o più esattamente, se *hanno entrambi i sessi*?
Com'è che la memoria organica si lascia sfuggire un genio? Se l'inferiorità del cervello femminile contribuisce alla degenerazione della specie da questo punto di vista (Tito Livio), o se per lo meno impedisce il massimo sviluppo; se la sua incapacità cranica e psicologica è un dato di fatto, e se questo fatto ha importanza alla nascita del nuovo essere; e infine se questa incapacità si può attivare nel nuovo organismo: allora sarebbe naturale che l'Umanità, nello stadio in cui si trova, con le sue donne dal cervello infantile, non potesse generare un Edison, un Tarde, un Topinard, un Binet, una Montessori, un Broca, un Pointcaré, o lo stesso Bombarda.... Per quanto poca, anche solo minimamente, la pressione femminile non lo dovrebbe impedire?
Sì, sono d'accordo che l'inferiorità femminile deve esercitare un'influenza sull'embrione, ma non è neppure la superiorità maschile a promuovere la comparsa dei geni o dei talenti.

[120] Felix Le Dantec (1869-1917), biologo e filosofo materialista francese.
[121] In francese nell'originale.

Chi sono stati gli antenati di Omero, di Ipazia, di Socrate, di Dante, Victor Hugo, George Sand, Curie, Clemente Royer, di Comte, Schuré, Rousseau, Michelet, Racine, Molière, Corneille, e così via? Per non parlare che degli esempi classici.

Mi accontenterei di conoscere l'influenza ancestrale maschile, mettendo da parte l'influenza materna *deprimente*.

La scienza ufficiale non spiega la comparsa del genio e afferma con presunzione cose assurde, non provate.

Decretare categoricamente ciò che non è provato con esperimenti, equivale a negare in assoluto quel che sfugge alla nostra comprensione, o quel che va oltre la mentalità ristretta degli idioti e presuntuosi sotto l'etichetta della scienza ufficiale. Non è così che si riesce ad arrivare alla conoscenza della verità. Il ruolo dello scienziato deve consistere nel mettere insieme fatti, osservare, catalogare, formulare ipotesi e.... aspettare.

Il signor Bombarda, o l'opinione da lui sostenuta, dice della donna ciò che dovrebbe dire della *massa*, della mediocrità.

Le nature eccezionali sono altre – anormali superiori e inferiori.

Il signor Bombarda cade in contraddizione osservando la "diversa reazione dei due sessi nell'imitazione delle pratiche criminali, e i fatti in cui si vede alla fin fine la stessa donna essere oggi una criminale di infima specie, e domani una sposa devota e tenera madre".

In questo caso, dal punto di vista psicologico, la donna rappresenta la varietà e l'uomo il tipo normale.

Più avanti Bombarda afferma che in lei c'è "un certo grado di anomalia mentale che la rende un mezzo antagonista con l'ambiente sociale".

En passant: l'ambiente sociale per il signor Bombarda è un ambiente maschile.

"La degenerazione che risulta da una costruzione cerebrale difettosa si manifesta nell'assenza o nella diminuzione della facoltà di adattamento all'ambiente".

Se la donna non si adatta all'ambiente (eccola dal punto di vista psicologico tornata a essere il tipo e non una variante), com'è che "l'uomo fa di lei ciò che vuole, com'è che essa diventa malleabile al minimo respiro dell'uomo che la domina grazie all'amore che lui le concede?"; e ancora: "Con il sentimento si fa della donna ciò che si vuole, una

creatura spregevole, una criminale o una eroina".

È sempre il professore a parlare di "impotenza dell'esempio e dell'educazione viziosa davanti a organizzazioni solide" (il che è proprio vero), e cita esempi. È il caso di domandarsi: ci sono o non ci sono donne di organizzazioni solide, ribelli a influenze esterne?

E possono nascere organizzazioni solide da genitori degenerati? L'eredità lo spiega?

L'autore stesso mette in dubbio l'assolutezza della spiegazione ereditaria, e non c'è altro da fare se non mettere un punto di domanda davanti a tali fatti.

Tuttavia egli ci getta addosso la grande condanna.

La donna è sempre stata schiava, è bene ripeterlo. Come esigere dagli schiavi le virtù e la disinvoltura degli uomini liberi?

La letteratura degli *almofadinhas*[122], dei perdigiorno, la letteratura dei *Bois de Boulogne*, dei *boulevards*, delle *avenidas*, non fa rimanere la donna irresponsabile e dipendente?

L'uomo vuole sapere di avere in sposa una donna dall'anima incorruttibile? No! Lui la desidera sempre sul punto di cadere in un baratro, la desidera fragile, incosciente, controllata, persino un po' sciocca, per accrescere il suo ruolo di protettore, di guardiano, per consigliare, per essere rispettato, temuto – ecco l'influenza ancestrale, ecco il ricordo del gineceo e dell'harem. L'uomo ha in sé, tra le sue molteplici e contrastanti nature, l'anima di un sultano e sogna eternamente il paradiso di Maometto.

Mi sembra sia stato Max Nordau[123] a osservare: a Parigi le donne sono delineate, scolpite, create dagli stampi dei poeti e degli scrittori.

Il romanzo francese stabilisce il tipo parigino.

Lei pensa, ha gesti e atteggiamenti secondo il gusto degli intellettuali francesi.

Gli *almofadinhas* della letteratura non mirano esclusivamente alla gloria dei *boudoirs* galanti?

---

[122] Cfr. nota n. 124. "Almofadinha" si riferisce scherzosamente a un uomo che cura il suo aspetto fisico come fa la donna "melindrosa", un uomo elegante e effeminato, che bada all'apparenza più che alla sostanza.

[123] Max Simon Nordau (1849-1923), sociologo, medico, giornalista e leader sionista ungherese. Come sociologo scrisse numerosi libri oggetto di discussione. Quello più citato oggi, sebbene non fosse tra i più apprezzati quando era in vita, è *Degenerazione*. Oltre alle convenzioni religiose condannò quelle politiche e morali dei suoi tempi. A Max Nordau Cesare Lombroso dedicò il suo *L'uomo delinquente*.

Gli uomini hanno puntato a conservare l'irresponsabilità femminile, l'eterna vanità del sesso, cosicché sia più facile *comprarla* con *bonbon*, *merletti*, *ventagli* e *perle*...

Per loro è piacevole sotto ogni aspetto portare la donna sulle spalle come fosse un bambino, ingannarla con pochi metri di seta, con una caraffa di *Sèvres* o con un *Gobelin* e giocare con il maggior numero di bambini.

Il giorno in cui la donna penserà, la situazione sarà più complicata: l'uomo non vuole fare la fatica di pensare se questa situazione porterà più benessere, più bellezza e più incanto nella vita delle coppie oppure no.

Egli è egoista e non vede oltre il proprio interesse. E poi dicono che sono le *donne* ad avere un orizzonte molto limitato, quelle che hanno idee ristrette.

Solo gli uomini superiori, pochissimi in effetti, sanno apprezzarlo.

La verità è che incontriamo sulla nostra strada molti di quelli che si interessano alle nostre rivendicazioni, che accettano tutte le nostre idee, che addirittura le lodano con entusiasmo. Tuttavia in certi casi, quando i loro interessi potrebbero rimanere feriti, essi ci pongono dei limiti.

Tutti sanno che i greci all'epoca di Socrate e dell'impresa di un Xenocrate, o di un Demostene, educavano le etère alla voluttà dell'anima e alle nobili gare dell'intelligenza, le adoravano e le divinizzavano.

Molti sono coloro a cui non è dato sentire ciò che sarà la società futura quando la donna riunirà i tre aspetti dell'educazione completa: donna intellettuale per le delizie dello spirito, donna perfezione delle forme per la perpetuazione della bellezza fisica, donna sentimento e forza morale per l'elevazione del cuore.

Essi vedono solo la forma, la materia, le curve sensuali, il sesso e niente più.

E se almeno l'arte di questa gente plasmasse la più bella forma avvolgendo questa vibrazione in un velo di fantasia idealista, andrebbe ancora bene. Ma non hanno nemmeno l'arte per mascherare l'istinto.

Bombarda parla di "mancanza di vigore cerebrale che pone la donna a un livello molto differente dall'uomo": e da dove proviene la mancanza di vigore cerebrale?

Non sarà dai secoli di schiavitù, di mancanza di educazione o di diseducazione che la sottomettono?

Se mettessimo in un'isola, in una città chiusa, un certo numero di bambini – bambini e bambine – e li educassimo in maniera contraria a come si fa, gli uomini per le faccende domestiche e per *obbedire*, le donne per gli incarichi ufficiali e per *comandare*, alla fine, dopo un po' di tempo, il cervello dell'uomo non si modificherebbe verso uno inferiore?

E questo adesso, dopo che, secondo la superiorità pretenziosamente indiscutibile del signor Bombarda, la donna *è stata considerata inferiore* fin dal momento in cui è nata dalle costole di Adamo...

Si vedrebbe quindi la donna pensare a *cose serie* e ai problemi sociali, e quegli uomini preoccuparsi delle piccole inezie della vita, delle futilità, di litigate, dispetti e pettegolezzi, di cose che si attribuiscono alla donna.

Ma non serve andare tanto lontano. L'*almofadinha* è qui di fianco a noi, si cura le unghie, si massaggia il viso e le mani, si mette creme e cipria, ha le occhiaie, è nevrotico, isterico, senza esser stato creato secondo l'ipotesi formulata.

E ancora Bombarda: "se qualche volta, grazie all'energia dello spirito, la donna riesce ad alzarsi in piedi, è solo dopo che la vita sessuale è finita; solo allora anche il suo aspetto fisico tende ad avvicinarsi a quella dell'uomo, per la forma e per varie caratteristiche.

È per questo che, da molto tempo, penso che dopo la menopausa, la donna sia un uomo".

Ecco un'altra osservazione inesatta, capziosa.

Tutto quel che la donna fa di energico, di virile, è dai 30 ai 50 anni, salvo eccezioni. E aggiungo che nella vita moderna l'azione energica della donna comincia a 20 anni.

Dunque, le vecchie, senza le gelosie del mariti, senza il timore della maldicenza, viaggiano, acquistano energia nei modi e nel linguaggio, hanno dei privilegi che le ragazze non possono avere, soggiogate dal peso secolare dei pregiudizi sociali, dallo sguardo severo dei genitori, dallo *zelo* dei mariti, dalle esigenze dei figli. La donna è un'*eterna tutelata*!

Quando è vecchia, la sua assenza, la sua libertà di azione non solo è tollerata, ma bensì molto desiderata.

Mi viene in mente un'osservazione: a Rio, i mariti e i fratelli *zelanti* non lasciano da

sola la loro moglie o la loro sorella, nei luoghi dell'*élite*, lungo l'Avenida, eccetera. A volte, anzi quasi sempre il pretesto è prendere il *tram*, un incidente automobilistico, tutti i pericoli di una grande città movimentata... Tuttavia, le nonnine che camminano a stento, le vecchine raggrinzite, salgono e scendono dai *tram* e vanno da sole in qualsiasi luogo, tra automobili e camion. E quando qualcuna si perde, i giornali affermano, con il linguaggio virile dei ragazzi grandi e grossi: dopo essere stata vecchia è tornata a essere bambina...

"Qual è un nome femminile famoso nelle scienze o nelle arti, nella musica, nella pittura o nelle lettere? Un secolo intero di libertà femminile ne offre un numero miserevole, un'ulteriore riprova del cervello della donna". In tal modo l'autore conclude "questo rapido studio che non è un'inutile digressione".

Bombarda non cita nemmeno le innumerevoli eccezioni, e non ha la grandezza d'animo per affermare che nella scienza non ci sono eccezioni: l'eccezione, ripeto, è la conferma di una legge sconosciuta allo scienziato.

Le eccezioni femminili provano che la donna si fa da sola, e, per questo, ha bisogno di respingere a gomitate i pregiudizi e far volare il pensiero al di là delle piccole inezie della vita e delle futilità sociali.

È sfrontatezza, audacia, rivolta.

L'uomo non ha mai educato la donna se non per il proprio piacere. Da Ipazia di Alessandria a Blavatsky e a Curie, le donne più in vista nell'elenco delle matematiche, delle artiste, delle pensatrici, che già si contano in gran numero – tutte queste si sono educate, si sono sviluppate, grazie a uno sforzo personale, dando molte volte, o quasi sempre, un'incredibile scossa ai pregiudizi sociali.

Sì, sono state delle eccezioni. Ma gli uomini, quando si chiedono quali siano i nomi celebri femminili, perché non parlano delle eccezioni maschili?

Anche i nomi dei geni e dei talenti maschili si contano sulle dita di un mano, non sono la maggior parte.

Sono di più? Sicuramente. Se è così, la donna dimostra più bravura.

Agli uomini la libertà, le scuole, tutte le facilitazioni. Alle donne i ginecei, la schiavitù

domestica sotto tutti gli aspetti, il ridicolo: la società con la sua saggezza maschile, o meglio, gli uomini con la loro intelligenza, *hanno decretato* l'inferiorità della donna e, con il pretesto che lei sia più *pura* (la libertà non esclude la purezza), esigono la sua *modestia*: che *si faccia vedere poco*, che rispetti *quello che dice la gente*, e che *ne abbia paura*. Insomma, le hanno imbrigliato la ragione, l'hanno resa una prigioniera sociale. Dopo secoli e secoli, mentre cercava la sua logica, il senso e la ragione, si è trovata paralizzata.

Nell'imbrigliarle la sua capacità di ragionare e nel dare ali alla sua immaginazione, l'hanno lasciata svolazzare nel mondo della fantasia, ricamandone la vita con lustrini, brillanti, porpore e velluti, e cammei: e da qui è nata la *melindrosa*[124].

Che cosa vogliono ora? Questa è stata opera dell'uomo nella sua infinita saggezza...

E adesso, i vari Bombarda esigono che "in un secolo intero di libertà femminile" (e che libertà!) sorgano nomi e nomi di donne illustri!

Come scienziato onesto non ho il diritto di esigere da un secolo "un'ulteriore riprova del cervello della donna".

Quanti secoli saranno necessari perché la donna si svegli da questo letargo?

Quanti secoli ancora perché impari a pensare e scopra il mistero dell'Eterno Femminile?

E Bombarda è lo stesso signore che ci parla della "schiavitù nascosta in cui vive la donna sposata, molte volte aggravata da sevizie e da maltrattamenti, che il bacio dell'ora seguente fa dimenticare".

E non discuto con un uomo solamente, con il signor Bombarda, con Lombroso o con Ferri: protesto contro l'opinione antifemminista secondo cui la donna è nata esclusivamente per essere madre, per il focolare, per giocare con l'uomo e per farlo divertire.

Il signor Bombarda è stato il pretesto.

Essere madre è una missione, ma non una professione.

---

[124] Si è deciso di lasciare il termine originale anziché tradurlo per la complessità del significato e dei riferimenti culturali. Derivato dal termine che all'epoca si riferiva alle ragazze del cinema e dei cabaret, "melindrosa" è una donna giovane e seduttrice, leggera e dai modi affettati, legata all'apparenza del vestire e dei gesti, interessata allo svago e al divertimento più che all'impegno sociale e politico che proponeva Maria Lacerda. Dal termine "melindrosa" deriva "melindrosismo", atteggiamento tipico della donna "melindrosa" e "melindroso" riferito al periodo storico in cui vive Maria Lacerda.

Alla donna, che non pretendo far uscire dalla casa come l'uomo, non è impedito pensare.
Essere madre, avere un focolare, non può essere un fatto in contrasto con l'idealismo cosciente, con la vita dello spirito, con l'ascesa verso belle aspirazioni.
Per saper essere madre, la donna deve abbandonare il ruolo deprimente di bambina coccolata, di animale di lusso o di lavoro, a favore della missione del pensiero, del raziocinio e del sentimento, in modo da saper guidare meglio l'Umanità quando essa passa per la culla di suo figlio.
Come siamo lontani dal Grande Ideale! Tuttavia, l'ottimismo rigeneratore degli apostoli della società nuova scorge da lontano questo tipo di donna perfetta, avviando le società verso nuove aurore di un'alba precorritrice, tra i bagliori di agonia di una civiltà decadente e gli inni di ribellione di un'altra civiltà che sta nascendo in un battesimo di fuoco.
Dopo la stampa di questo capitolo ho ricevuto l'opinione di Roquette Pinto[125], a cui mi ero rivolta, riguardo la tanto decantata superiorità intellettuale maschile.
Questa lettera è la risposta in anteprima ai criticoni con il monocolo o con gli occhiali di tartaruga, *almofadinha* della "stampa scandalistica", autori di versetti piagnucolosi e sensuali, che si proclamano critici di opere serie quando la loro vita "seria" si svolge nelle pasticcerie ascoltando jazz, al cinema o ai balli degli hotel eleganti, critici che se ne intendono solo di colli o di gambe, di futurismo o di sport, e che si nominano giudici di opere fatte, pensatori dell'ultima ora, gente che non ha mai prodotto niente se non versetti imperfetti o stupidaggini che piacciono a un pubblico mediocre. Sono quei tali che detestano le donne che pensano, quelli che le considerano "ridicole" o "odiose", quelli che trovano "parole sconnesse" nei loro scritti meditati, quelli che strappano dai testi frasi staccate per *far dello spirito*.

---

[125] Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), medico, professore, antropologo e saggista brasiliano. Fu membro dell'*Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, dell'*Academia Brasileira de Ciências*, della *Sociedade de Geografia*, dell'*Academia Nacional de Medicina*, dell'*Associação Brasileira de Antropologia* e di altre associazioni culturali, nazionali e straniere. Fu anche uno dei fondatori del Partito Socialista Brasiliano.

Rio, 12 maggio 1924

Cara Signora,
la sua lettera del giorno 2 del corrente mese, ricevuta ieri, mi giunge in occasione di un intenso lavoro e di serie preoccupazioni.
Non posso per questo motivo dare a questa risposta l'ampiezza che vorrei. Voglio però manifestarLe una prova di quanto stimi la sua brillante azione a favore della cultura nazionale e, nel riassumere proprio le questioni trattate, spero di esporLe in poche parole ciò che penso riguardo i temi sui quali la mia opinione senza valore Le sembra di alcuna utilità.
La differenziazione cerebrale nei tipi maschile e femminile è un fatto perfettamente biologico in tutti i primati. Ciò non implica nessuna superiorità di un sesso sull'altro come si vedrà in seguito.
Non posso non riconoscere che la Specie Umana si manifesta differenziata in *razze* stabilite chiaramente da *caratteristiche biologiche* indiscutibili. Mi basti ricordarLe che, alla nascita, giapponesi e scozzesi sono lunghi entrambi 50 cm. Nell'età adulta, il primo arriva solo a m. 1,58, mentre il secondo si presenta di circa m. 1,74. Per quale motivo, se non perché la *crescita* è stata condizionata da fattori biologici differenti?
Ma penso anche che, nel mondo moderno, i supremi interessi della specie esigono che i gruppi umani siano considerati principalmente in base alle loro caratteristiche *sociologiche*, che sono determinanti per i popoli. Non è per niente strano che un *popolo* sia formato da diverse razze. Anzi, questa è la regola nel Mondo Moderno. Ci sono razze umane ancora pure? Certo. Ma non nella Lega delle Nazioni.

L'intelligenza della donna non è *inferiore* a quella dell'uomo, è *diversa*. Se è vero che, messi a confronto uno di fianco all'altro, il cervello maschile pesa più di quello femminile, questo è semplicemente dovuto alla preponderanza di altezza e peso totale dell'organismo di cui fa parte. Ma ciò che l'antropologia ha appurato è che in proporzione alla sua statura e al peso del suo corpo, la donna ha di fatto tanto o più sostanza cerebrale dell'uomo. Broca stesso, che nel 1861 credeva che la donna fosse un po' meno intelligente dell'uomo per il fatto di aver meno peso cerebrale assoluto, già nel 1879 cambiava di opinione dichiarando che l'apparente superiorità intellettuale dell'uomo era il risultato puramente dell'educazione specifica che la donna in generale non riceve.

Le opinioni del rinomato medico portoghese Bombarda sono assolutamente insostenibili, paradossali e illogiche. Incontestabilmente il tipo femminile si avvicina molto di più al tipo infantile; ma, in compenso, si distanzia molto di più dal tipo scimmiesco. Accetto in pieno l'opinione autorevole di Havelock Ellis[126]: la donna è più bambino, e l'uomo è più scimmia. Chi Le sembra superiore, cara signora, un bambino umano o un adulto scimmia? Io, dal canto mio, non ho dubbi...

Il resto di ciò che scrive lo psichiatra portoghese è un mucchio di frasi mirabolanti, senza logica e senza scienza. Perché solo l'ovulo è scampato al "grande disastro" biologico che per lui è la donna?

Non Le pare che, per lo meno la differenziazione dell'apparato galattogeno dovrebbe sfuggire a questa terribile sentenza? Non le pare cara signora che i seni della donna, senza i quali il tal tipo superiore, anche se vendicasse l'ovulo, morirebbe alla nascita, non le pare appunto che dovrebbero essere esclusi anche i seni, pur accettando il disastro?

La partenogenesi umana, accettata già dall'illustre e rimpianto Ives Delage[127], sarà forse un giorno ben vicino una realtà verificata, e riscatterà ciò che è stato rubato alla donna. Perché la verità propriamente scientifica è questa: la Natura ha fissato nella donna le caratteristiche più decisive della Specie. L'uomo ribelle, dice Havelock Ellis, ha pensato di dominare la natura, e con lei la compagna. Chi sa cosa potrà produrre, una volta libera, questo tipo senza tare scimmiesche?

Fin d'ora quel che so, cara signora, è che se la donna non ha creato la Divina Commedia né ha scoperto le leggi a cui obbediscono i Mondi che ruotano nell'infinito, da lei sono però nati Dante e Keplero. Ci sono così tante cose da scoprire nella Specie Umana! Come si genera, cresce e muore il pensiero? Come vive la memoria? Chi sa se ai *geni femminili* che sorgeranno quando l'ambiente sociale riformato lo consentirà, non sia riservata la soluzione di queste questioni che i *geni maschili* fino ad oggi non sono riusciti a risolvere!

Io credo nella donna, cara signora.

Voglia accettare i sensi della mia stima e considerazione.

Roquette Pinto

---

[126] Henry Havelock Ellis (1859-1939), fisico, psicologo e scrittore inglese.

[127] Yves Delage (1854-1920), zoologo francese, conosciuto per i suoi studi sulla psicologia e anatomia degli invertebrati.

Vantaggi dell'educazione intellettuale e professionale della donna nella vita pratica delle società

> "L'uomo è restio a compiere sforzi. Il più forte cerca allora di farlo per mezzo del più debole e di conservare per sé tutta la soddisfazione. Il primo essere che si trova in questa situazione è la donna. La donna comincia con l'essere la schiava dell'uomo. Il grado di civiltà è inverso alla soggezione della donna".
>
> Guyot, *La science economique*[128]

La vita sociale pretende dall'uomo e dalla donna caratteristiche speciali, attributi definiti al fine di assicurare il benessere collettivo. L'uomo nasce con qualità indispensabili alle azioni dell'uomo. La donna ha in sé il germe ereditario per svolgere le sue funzioni. Mettendo da parte tuttavia la questione dei sessi e la moltiplicazione della specie, domandiamoci: un'umanità solo di uomini sarebbe completa? Ragioniamo nello stesso modo per le donne: costruirebbero da sole, nel loro insieme, un mondo armonioso? Non mancherebbe a questa umanità qualcosa di virile per completarla?

L'uomo è uomo prima di essere padre. È saggio o generoso, filosofo o operaio, politico o guerriero, inventore o giramondo, indipendentemente dalle funzioni di padre. E per quale ragione ci dicono con spocchia arrogante che *la donna è nata per essere sposa e madre, per il focolare*? Se l'uomo, parlando dal punto di vista sociale, ha il fine di realizzarsi indipendentemente dal sesso, la donna non è da meno: ovvio. L'infermiera, l'operaia, la scienziata, la scrittrice, l'insegnante, la dottoressa, la farmacista, la diplomatica, la filantropa, la direttrice di ospedali e asili nidi, eccetera, si dedicherebbe meglio ai doveri sociali, se non avesse figli. Così, anche la donna, sempre parlando dal punto di vista sociale, è nata donna prima di essere sposa o madre.

Non c'è dubbio: l'uomo non raggiunse il massimo del suo sviluppo se non quando agì in funzione del bene della società dimenticandosi della missione di padre di famiglia. La donna fallisce nella vita se non ha l'occasione di spargere attorno al focolare i tesori di

---

[128] Yves Guyot, *La Science économique*, Paris, Reinwald, 1881. Citazione in francese nell'originale.

amore e tenerezza riservati a un uomo e ai figli. I due si completano. Sono diversi e indispensabili l'uno all'altro.

L'educazione ha quindi due rami:

- educare il padre di famiglia ai doveri della casa; educare l'uomo a essere utile alla comunità;
- educare la donna a essere sposa e madre; educare la donna affinché collabori nella vita sociale.

L'educazione può quindi essere così definita: il perfezionamento di tutte le qualità e facoltà che tendono a un fine sociale sempre migliore, in vista del futuro; il completo sviluppo dell'individualità per la crescita e la pienezza di ogni nostra inclinazione.

L'opera di educazione scientifica e razionale per entrambi i sessi è il più perfetto strumento di libertà. È l'estinzione della miseria universale, è l'accumulo di ricchezze, è il contributo alla solidarietà: è la morale del futuro. Nell'arte, nella letteratura e nella filosofia, promuove lo sviluppo delle attitudini. Fa scomparire il pregiudizio di classe, elevando mentalmente il proletariato, dandogli ideali. La scienza vera è tollerante, è ricerca, rispetto della verità, benessere collettivo. L'educazione moderna dev'essere scientifica, razionale.

Già dalla scuola elementare l'obiettivo dell'educazione, come diceva Diderot, è l'*utilità.* Utilità nell'educazione è fare dell'individuo un membro effettivo dell'energia sociale, capace del proprio sviluppo e della crescita materiale, morale ed estetica della società. A poco a poco, un creatore di Bellezza, di Perfezione…

Non potrà mai esistere l'uguaglianza naturale, questo è logico, e del resto nessuno ha la pretesa di andare contro le leggi naturali: è l'armonia in una apparente disarmonia. Uguaglianza nell'intelligenza, nella volontà, nell'iniziativa? tutto ciò è assurdo. Ciò che si vuole, con energia indomabile, è l'uguaglianza di doveri e diritti. Un giorno questa arriverà.

L'analisi delle questioni sociali è complessa, per quanto nella società tutto si compenetri. Parlare dell'educazione intellettuale della donna senza far riferimento alla fisiologia nervosa, senza dir nulla sulla soluzione economica e sui diritti di uguaglianza dei sessi, senza prendere di petto il problema dell'amore, dei figli, l'educazione religiosa e

tanti altri aspetti della questione, è dare solo un'occhiata di sfuggita al tutto senza approfondire niente.
Affrontiamo una questione alla volta.

Educazione intellettuale della donna

La donna è un essere arretrato. Non è che sia anormale a livello mentale: è che il suo cervello non si è sviluppato, non ha avuto esercizio. La donna non è inferiore: è ignorante, è infantile. La sua sensibilità esagerata è il risultato della mancanza di adattamento, del poco dominio di se stessa: forse manca di *self-control* muscolare. Se tutto proviene dal cervello, in lei tutto è rudimentale o mal indirizzato, perché il suo cervello ha lavorato poco o si è perso dietro inezie di poco conto. L'isteria ne è la prova. Per quanto sia una malattia di entrambi i sessi, è segno di un predominio midollare, e, nella donna, "il suo numero è legione".
Trattandosi di paralisi cerebrale e di ipercinesi midollare, ossia di atrofia del cervello per mancanza di esercizio, è chiaro che, se riusciamo a sviluppare il cervello femminile con una educazione razionale e scientifica, allora l'isteria diminuirà progressivamente. Questo esercizio deve meritare cure molto attente.
La fatica e la stanchezza cerebrale nella donna avranno conseguenze disastrose per i figli. Sempre schiava, messo da parte il cervello come cosa inutile, oggetto di servizio o di piacere, cercò armi come l'astuzia e la bugia, facendo delle lacrime e dei sentimenti un fattore di seduzione; e con questo mezzo rimase soggetta al predominio midollare e non seppe regolare le emozioni. Diede via libera all'irritabilità nervosa; se adesso l'esercizio cerebrale andasse tutto d'un tratto al di là di quanto è possibile, si avrebbero nuove predisposizioni nervose, provocando chissà quali maggiori scompigli.
Se "la donna ha un cervello e una psiche infantile, *perché e solo perché* fu sottomessa a una selezione che produsse questo risultato", per citare l'opinione insospettabile di Tito Livio de Castro, è chiaro quanto segue: la donna avrà uno sviluppo cerebrale e psichico superiore quando la selezione agirà in questo senso. La donna è fisiologicamente differente dall'uomo, non inferiore. La sua inferiorità è solo economico-sociale, è un'inferiorità dovuta a pregiudizi. I secoli di schiavitù fecero di essa l'essere più debole

fisicamente e mentalmente.

L'educazione femminile, o meglio la diseducazione della donna, ha ritardato la civiltà. L'obiezione che una diffusa istruzione femminile nuoccia alla fertilità, non ha fondamento: lo provano l'ottentotta e la tedesca. La donna tedesca, molto più sviluppata mentalmente, è anche prolifica. La donna ottentotta non è un'intellettuale, ma non è neanche prolifica. Se così fosse, non dovremmo desiderare più di tanto neanche lo sviluppo mentale dell'uomo: la fertilità non sarebbe forse pregiudicata?

L'istruzione superiore della donna non sarà certo la causa del nichilismo di Hartmann...

Se è vero che si guadagna in quantità ciò che si perde in qualità, che "un cambiamento nella condizioni dell'esistenza influisce nel maggior o minor sviluppo della facoltà di riproduzione, e se l'uomo cerca di dirigere e approfittare delle forze della natura, allora la popolazione deve esser regolata da interessi sociali".

I deboli e i malati sono prolifici. I forti e gli intelligenti lo sono di meno. È la legge della compensazione. Tutto si equilibrerà anche senza pratiche neomalthusiane. Più scendiamo nella scala economico sociale, più notiamo la fecondità delle donne, motivata dall'ignoranza e causata dalla sterilità cerebrale e dal calcolo borghese capitalista che tende ad accumulare eredità per pochi discendenti e a produrre braccia che chiedono lavoro. Che punto di vista limitato ed egoista!

Se l'intelligenza femminile si sviluppasse con l'educazione, la sovrabbondante facoltà di riproduzione (della brasiliana per esempio) si autoregolerà per dar spazio alla crescita del cervello. E ci sarà più igiene, più salute, meno mortalità infantile, più amore materno, meno amore animale, e, senza paradossi, crescita della popolazione. Ne è prova l'Olanda.

La scuola è lontana dalla sua missione. L'educazione femminile è in una condizione penosa. La donna ha bisogno di sentire la vita vera, di vivere con il pensiero, di avere *consapevolezza morale*. Dare alla donna un ideale cosciente significa sostituire il suo amore per la frivolezza con l'amore per l'umanità, a lei sconosciuto; significa sradicarle il sentimentalismo sdolcinato e futile e darle il sentimento vero della fratellanza umana; significa fare di lei una creatura utile invece di una bambola da salotto o di una schiava del lavoro e dell'uomo; significa infine salvare dalla corruzione la gioventù, fondare

indirettamente “la scuola che forma uomini”, secondo il desiderio di P. Dubois.
“L’uomo morale è il solo veramente libero”, diceva Schiller, e, a parte uomini come Epitteto, l’umanità conoscerà l’uomo morale solo quando le donne possederanno la *consapevolezza morale.* Siamo ben lontani da questo periodo aureo. Bisogna essere radicali nell’affrontare il problema dell’educazione femminile. Quando avremo almeno il forte spirito e l’iniziativa della donna inglese e dell’americana, che promuovono la protesta contro la prostituzione legalizzata? Il fatto è che le giovani americane che lottano e si istruiscono, conoscono le miserie della vita, la vita vera senza l’unica preoccupazione di divertirsi nei cinema o nei teatri poco edificanti, *godendo* di scene erotiche, come noi latini. Il fatto è che nelle scuole leggono Balzac, Zola, Rousseau, Voltaire, Flaubert, Daudet, eccetera, opere inglesi e tedesche di tutti i generi, per educare naturalmente, senza pregiudizi, senza malizia. Leggono libri realisti e leggono nella scuola della vita. Si rispettano e si fanno rispettare quando vogliono.
Anche le nostre connazionali leggono di tutto, ma di nascosto. Godono voluttuosamente dei misteri del *boudoir*, nascondendo con cura i libri *proibiti* tra le pieghe di deliziosi cuscini. E fingono, e si esaltano… e invece di Flaubert leggono *Mademoiselle Cinema!* Nei vestiti, nei modi, nel gergo che usano, nel comportamento, in tutto, ci tengono a non mostrare buon senso o raziocinio: basta loro essere appena la donna, la femmina, e niente più.
A tutto ciò contribuiscono la scuola, la famiglia, la società. Si esalta la vanità della ragazza. Inoltre, il misticismo religioso si scontra con le letture di romanzi a buon mercato e poco dignitosi, letture sensuali in un paese tropicale di fiori selvaggi… Le lingue, la pittura, il pianoforte, la danza – tutto è motivo di esibizione e di esibizione di concorrenza. La donna non ha bisogno di pensare: è indispensabile invece che sia *chic*, *piena di sé*, e che *ci sappia fare*. La gravità del problema non è buon motivo per scoraggiarsi.

Non volendo affrontarlo direttamente, gli egoisti dicono “educatela”, ma, in fondo, nessuno vuole se non un’educazione artistica e letteraria superficiale, che sarebbe dire “parlare lingue come pappagalli, senza pensare in nessuna di esse”, suonare, cantare,

danzare, dipingere e… ancora dipingere. E tutto perché alla maggioranza degli uomini basta il soprammobile o la padrona di casa.

Gli intellettuali fanno come i greci: lasciano vicino al focolare le spose con le quali non possono scambiare idee, e conversano con gli amici, vanno nei *club* o fanno infine visita alle cortigiane moderne, che vivono in modo raffinato ed elegante nei palazzi delle Rambouillet del secolo XX.

Siamo un sesso a parte, noi donne intellettuali. Non c'è dubbio che gli uomini ci ammirano, ci rispettano e hanno per noi una considerazione speciale, ma in pratica, e ingiustamente, preferiscono sposare le *melindrosas*. Una donna irreprensibile, incorruttibile, è una virago per gli uomini. Essi non vogliono la certezza, mentre accettano con piacere il dubbio: un'anima femminile dev'essere come quella celebrata dai poeti e dagli psicologi a buon mercato: sfinge, enigma, infantilismo, misto di schiava e regina che si appaga di un gioiello e ha esigenze di cortigiana. Un'anima di gatta abbandonata a se stessa per il massimo vantaggio della vita. L'uomo non è perciò nelle condizioni di pensare seriamente all'educazione femminile. Ella ci giungerà fatalmente, tuttavia per *mimetismo*, dopo aver attinto ai paesi più civilizzati. Ora, però, dopo che la donna è stata schiavizzata per secoli dall'uomo, solo l'uomo superiore potrà liberarla dalla tutela maschile, cercando di elevarla con l'educazione a un livello dal quale indicherà la strada alle generazioni future. Ma non dimentichiamoci che la sua emancipazione è un corollario dell'emancipazione dell'uomo. Solo in un altro regime sociale. E, anche dopo, la donna dovrà lottare ancora moltissimo contro l'autoritarismo del *Signore* assoluto, abituato a esigere e a esser obbedito…

Secondo Darwin la donna rappresenta la tradizione, la conservazione, l'equilibrio, la stabilità: l'uomo invece l'evoluzione, la varietà. Da ciò si deduce l'inferiorità della donna "nelle arti del progresso e la superiorità nella non minore arte della conservazione della specie e nell'arte dell'acquisizione per la specie". In ultima analisi l'illustre sociologo Bunge[129] considera la donna superiore perché possiede la facoltà di adottare

[129] Carlos Octavio Bunge (1875-1918), filosofo argentino di orientamento positivista.

"facilmente apparenze di sincerità e di intelligenza tale da attrarre l'uomo e difendere la prole": e chiama ciò *mimetismo sessuale.* Egli ci mostra la facilità e i vantaggi delle etère greche e dell'attrice dei nostri giorni, rispetto alla donna onesta, per conquistare l'uomo. Come sono fatti gli uomini! Non ci sono vantaggi in ciò. Qualsiasi donna onesta sa come sedurli. È così semplice! Loro vengono sempre sedotti…

Se c'è un vantaggio, è dalla parte della donna seria. Perciò, cosa significa essere onesta? Se essa è istinto, se è stata fatta per l'amore, allora quella intelligente, quella che non si adatta o che non segue le regole naturali, questa è la donna onesta. L'attrice maliarda, l'etèra greca seguono il loro destino – la caccia all'uomo, o meglio, la caccia al denaro. E sono loro giustamente quelle che evitano la procreazione. L'onesta si ritira, non applica il mimetismo sessuale: per superiorità morale, per pudore, per rispetto verso se stessa, e, senza paradossi, per la procreazione della specie, e… per Amore.

L'autore citato pensa che, per autosuggestione, la donna del mimetismo arrivi a ingannare se stessa, a supporre vera la sua sincerità e a credere nella propria genuinità. L'autore parla anche del mimetismo sessuale maschile: l'uomo si adatta esclusivamente quando conquista, mentre il mimetismo della donna abbraccia tutta la sua vita, dato che l'influenza dell'istinto genetico è così preponderante nella psiche femminile. E se l'istinto genetico nella donna è preponderante, chiediamoci allora: com'è che l'uomo è poligamo con la scusa di avere più necessità? E perché la società (le cui leggi e i cui costumi sono decisi dagli uomini) condanna la donna o la mette in ridicolo se essa segue il suo destino nella scala zoologica?

Questo autore consiglia pertanto di incoraggiare e utilizzare questo mimetismo della donna, in vista di un adattamento all'idiosincrasia dello sposo, e diventare un mezzo di felicità per entrambi. Egli dimentica così che l'adattamento vale per tutti gli uomini e non esclusivamente per il marito… È meglio in questo caso lasciare le cose come stanno: ci sono ancora donne oneste per le quali non esiste mimetismo. Teniamole nell'ignoranza, nella schiavitù, altrimenti tutte le donne del mondo si trasformeranno presto in etère greche o in attrici moderne…

Molto divertente! Vuol dire che le donne sono oneste quando sono ignoranti o poco intelligenti. Per questo motivo Bunge – per preservare l'*eterno femminile* di Goethe e

per evitare il terzo sesso – pensa che l'educazione moderna debba permettere e favorire le donne medico, le donne avvocato, le donne banchiere e così via, ma *non deve* aprire a tutte le donne le professioni liberali e "virili". Se vuole evitare il terzo sesso, la società "deve mantenere nella massa femminile il tipo medio di donna semplice sposa e madre, di donna mammifero femmina, di donna donna". E conclude: "questa – la donna antica – e quella – la donna moderna – possono ben coesistere: l'errore sarebbe sopprimere l'una o l'altra, dato che questa è utile e quella indispensabile…". E la mala fede è tale che egli chiude in modo reticente.

L'*eterno femminile* è eterno, non scomparirà mai.

Il tipo *madre di famiglia* esisterà in tutti i secoli. E qual'è la vera accezione della parola "onestà"?

Il genio, il talento, l'intelligenza, l'intuizione, la perspicacia o la poca intelligenza, tutto questo è un prodotto del tempo.

La disuguaglianza naturale non scomparirà. Non c'è dubbio: tutte le donne devono ricevere un'educazione particolare che le prepari ad essere padrona di casa, compagna e madre.

La donna dev'essere educata anche per aiutare l'uomo nell'evoluzione sociale e per evitare in futuro il sorgere del terzo sesso, quello degli *almofadinhas*, di cui ancora nessuno ha pesato il cervello...

Tornando all'autore citato, che rappresenta un'ottima opinione, notiamo che la sua libertà lascia accessibile alla donna qualsiasi carriera professionale.

Non ha paura della concorrenza perché la donna ha una "fisionomia propria", "non ha varietà di idiosincrasie, di vocazioni" come le ha l'uomo.

Essendo diversa, darà al lavoro un'aspetto femminile, utile alla civiltà. Se non porterà niente, la competizione con l'uomo la allontanerà in modo naturale e lei tornerà ad essere il tipo fondamentale. Non c'è dubbio.

Non c'è motivo quindi per temere il terzo sesso o per proibire in assoluto alla massa femminile le professioni liberali o virili o semplicemente l'educazione generale.

Bunge – rappresentazione viva dell'egoismo maschile – considera pedagogicamente la donna sotto tre aspetti: la donna sposa e madre; la donna di carattere e professionale; la

donna *che mima* o del *mimetismo sessuale*. E decreta: per la prima (famiglia), educazione femminile speciale domestica; per la seconda (economia sociale), educazione professionale; per la terza (famiglia ed economia, dove famiglia ed economia significano per il piacere e le idiosincrasie maschili) coeducazione dei sessi.

Così l'illustre pubblicista difende eternamente la *necessità* della prostituzione, l'istituzione delle etère greche o la seduzione delle attrici! Ogni donna deve essere educata avendo presente il benessere individuale e collettivo. La donna-donna, la mammifera animale, è incapace di esercitare con nobiltà da un punto di vista ampio, superiore, tutta la sua complessa missione. La donna educata esclusivamente a collaborare nella vita sociale, la donna medico, la donna ingegnere lontana dal focolare, non essendo stata preparata alla vita domestica – tutte queste costituirebbero il terzo sesso.

È necessaria la coeducazione. Che tutte siano educate al fianco dell'uomo. Le professioni liberali alla portata di entrambi i sessi. Ciò che serve è educare la donna per il focolare e al tempo stesso per la società: per la pienezza del suo sviluppo, per la sua individualità. Una cosa non esclude l'altra. Ma non la coeducazione con lo scopo di compiacere idiosincrasie maschili…

Non fa male ripetere sempre: *essere madre è una missione, ma non una professione.* Non facciamo confusione: ci sono o no donne che hanno bisogno di lavorare ovunque pur di non morire di fame e non cadere nella prostituzione? La società odierna protegge forse la donna, le dà forse conforto affinché essa stia a casa a badare al focolare e ai figli? E ogni individuo non ha il diritto di esser libero, di seguire i dettami delle proprie inclinazioni, e la completa espansione dei propri desideri?

In conclusione, la società così come è organizzata è una falsa convenzione, e deve crollare. La soddisfazione delle necessità dell'individuo deve spingersi fin dove non possa ledere gli altri individui: che sia libero. L'educazione femminile e maschile in questa società non può essere che un inganno: dev'essere attaccata radicalmente perché immorale e corruttrice della società futura.

È deplorevole il livello di degrado a cui siamo arrivati. La donna non va al di là di se stessa, è egoista: è necessario che allarghi i suoi orizzonti limitati, è necessario farle intravedere l'ideale, coinvolgerla nella ricerca della Verità, nella lotta sociale a vantaggio

del *benessere di tutti*. Istruita, eviterà la propria schiavitù economica. La sua debolezza fisica e mentale è mezzo di tortura, di sfruttamento. Ha bisogno di essere istruita per combattere a fianco degli idealisti del nuovo ordine sociale. Ma come? L'uomo è egoista e la donna è incapace di pensare, e di conseguenza gli ostacoli si moltiplicano…

Nel regime odierno la donna è schiava perché ha bisogno della protezione maschile. L'individuo protetto vale meno, dipende dal protettore. Non può avere dignità: la stessa dipendenza è già umiliante. E l'uomo non cede facilmente il suo dominio di protettore. Solo la donna cosciente capirà come affermarsi: *le libertà non si chiedono – si conquistano*. Lo sviluppo intellettuale della donna farà sì che essa si rafforzi o manifesti le qualità latenti del suo carattere. Non si farà sfruttare facilmente. Una volta che avrà compreso che è una unità e quanto vale, la sua sottomissione, la docilità, e la rassegnazione passiva di cui si riveste nella lotta materiale per l'esistenza saranno sostituite dall'energia e dall'indipendenza. Saprà di non essere un oggetto di sfruttamento o di piacere. Rivendicherà il diritto: *a lavoro uguale*, *salario uguale*.

Avrà più attenzioni per se stessa, rafforzerà il corpo secondo le esigenze del lavoro, avrà un'alimentazione più abbondante e scelta ed eviterà lo sfruttamento dei bambini per un salario. Il lavoro a domicilio, di notte, scomparirà; la produzione diurna di un individuo intelligente, forte, trattato bene, è maggiore: questo individuo, che capisce la necessità del suo riposo e del sonno, non si lascia indebolire. Il bambino e la donna proletari sono gli esseri più danneggiati dal capitalismo e dall'industrialismo moderno, e sono le maggiori fonti di decadenza delle generazioni future.

La donna istruita sarà forza di resistenza contro la valanga devastatrice, e preparerà l'avvento della vera civiltà, nella quale non ci sarà spazio per lo sfruttamento dell'uomo sull'uomo. È luogo comune che le donne non possono, non devono esercitare le stesse professioni degli uomini, in quanto incompatibili con la loro sensibilità e perfino con il pudore. Criticano la donna medico, l'avvocato, la scrittrice – la concorrente alla fin fine. Nel frattempo, l'*ordine morale* odierno obbliga la donna a impiegarsi nelle ferrovie, a caricare nei docks, a costruire, a fare il muratore, a lavorare in fabbriche di carte colorate e nella manipolazione del mercurio.

Sarà per gusto, per piacere che una donna lavora al carico di navi, in fabbriche di

esplosivi, o in laboratori di gas velenosi? Triste perversione del piacere! Non sento proteste contro questa aberrazione, così come gli uomini non protestano contro i *cabaret* dove servono belle ragazze: eppure si tratta di una professione contro la morale e i buoni costumi, e contro l'istituzione della famiglia che viene così difesa, in teoria, a ogni piè sospinto. È una professione indegna della sensibilità femminile di più, molto più di qualsiasi professione liberale o di alta intellettualità, se sono queste ultime a essere giudicate immorali…

Le *melindrosas* non si ricordano o non sanno quanti disgraziati soccombono nella fabbricazione di un oggetto di lusso e di piacere: quante madri vedono i figli morire al proprio seno, e li perdono irrimediabilmente quando varcano la porta delle fabbriche di specchi. Nessuno pensa a ciò: e secondo alcuni uomini, è un crimine di lesa morale se la donna vota, viaggia da sola, esprime la propria opinione su argomenti seri, legge libri proibiti dalla Chiesa cattolica. Che ipocrisia!

Viviamo di pregiudizi e di superstizioni. La donna ignorante contribuisce a perpetuare la bugia in casa, a scuola, come madre, come educatrice, come prostituta. È necessario che l'uomo veda perché essa veda! È necessario che egli scriva, perché lei le vada poi ripetendo! Idee nuove non ne ha. Non ha spirito combattivo, non discute coscientemente, non si ribella. È poco più che la schiava antica, docile, tenera, sottomessa. Se, in un lampo di luce, protesta, non sa bene quello che vuole, e torna immediatamente al fatalismo della rassegnazione passiva.

"*La vita è una lotta per l'adattamento*"[130] afferma la scienza: ma la psicologia femminile rimane ferma, perfino sviata e contro natura, e mostra fin dove può arrivare la volontà umana. È un prodigio di equilibrio! Ma la natura non si lascia ingannare.

Libri utili, letture serie: come parlare di tutto ciò nell'epoca della musica jazz?

Educare la donna e l'uomo: far sentire loro che la natura femminile, sviluppata in modo artificiale dalla schiavitù secolare, deve nuovamente trovare il suo adattamento. Questo adattamento esige uno sforzo tenace contro l'abitudine, e sarà questa la salvaguardia

---

[130] In francese nell'originale.

delle future generazioni. Il cervello femminile atrofizzato produce uno sforzo dispersivo. Irritabile, disperde l'energia in inezie: non c'è assolutamente cosa alcuna degna della sua capacità, dato che viene guidata nei movimenti e nelle idee. Il suo raziocinio si accompagna a una irritabilità mossa da passioni, e si smarrisce al punto di non avere un'opinione ben definita su niente.

"L'attività emozionale del cervello ha necessità di un oggetto"; dunque, educata la donna, il suo attaccamento, la sua passione mal indirizzata per gatti, cani e cavalli, s'incanalerà verso orizzonti più ampi – verso la scienza, la filosofia, l'arte. Questa donna del futuro sostituirà la dannosa seguace di una setta, la cui vita si svolge in chiesa tra le pieghe della paura, della superstizione e di un ristretto egoismo.

C'è tanto da fare nei confronti dell'umanità! La signorina Von Wolfring, in Austria, fonda un'associazione che si incarica di adottare orfani e bambini i cui genitori indegni sono incapaci di badare alla loro educazione e al loro benessere; consegna dieci bambini di entrambi i sessi a ogni coppia senza figli. Queste famiglie artificiali hanno vitto e alloggio forniti dalla Federazione che si è costituita. Tutti questi fratellini per l'umanità frequentano la scuola. Immaginiamo cosa sarà la società quando verrà istituita *un'unica Federazione* di questo tipo!…

Educazione professionale

L'insegnamento moderno nei paesi latini non pensa a preparare l'individuo per le necessità della vita. È molto lontano da questo. La preponderanza dell'insegnamento *classico* è una superstizione come qualsiasi altra. La vita oggi è diversa. Il disprezzo che associamo al lavoro manuale prova i nostri pregiudizi, l'ignoranza in materia di educazione. Da qui la decadenza. Da qui la piovra della burocrazia, da qui l'industria e la grande agricoltura consegnati allo straniero. Ci resta il commercio per corrompere il carattere e sfruttare tutte le classi. Le scuole di agricoltura in un paese *essenzialmente agricolo* sono oggetti di valore, un lusso per la nostra istruzione. Gli alunni di questi pochi apprendistati agricoli sono sicuri candidati fin da subito agli impieghi pubblici… Chi ci dirà l'orrore per l'agricoltura ispirato ai giovani alunni dall'insegnamento delle nostre scuole professionali? Sarebbe una cosa talmente eccezionale che l'insegnamento

professionale agricolo, ora in fase sperimentale, desse risultati meravigliosi e formasse uomini indipendenti dal regime burocratico in questo Brasile dove l'agricoltura è disprezzata e senza garanzie per gli abitanti, che mi sono convinta della quasi inutilità dei nostri Apprendistati Agricoli.

Bisogna per prima cosa dare un'altra anima ai professori. Formare educatori e non trasformare il laureato in uomo buono per tutto. È necessario educare i genitori, estirpare il pregiudizio del carattere nazionale, togliere i pregiudizi delle madri, trasformare radicalmente tutto. L'adattamento è inutile, prima di tutto il resto: dannoso perché ritarda la soluzione definitiva. Le riforme di ogni genere, elaborate nelle segreterie di qualsivoglia governo, con l'aiuto di codici e leggi e regolamentazioni antiche e moderne, straniere o nazionali, non fanno che aumentare il ridicolo.

Il lavoro professionale obbligatorio dà abbondanti risultati: dovrebbe esser legge nelle scuole. Ma può esser messo in pratica da tutti solamente dentro un nuovo regime sociale.

Così la pensavano già Saint Simon, Robert Owen, Rabeuf, Fourire, Cabet, eccetera.

I filantropici, ispirati da Rousseau, ci hanno provato con la scuola di Schnepfenthal.

Fröbel[131] e Montessori[132] hanno risolto il problema con i *Kindergarten*, con le *Case dei Bambini*[133]. Adesso resta da formare le direttrici della psichiatria italiane, le giardiniere del *vecchio pazzo* di Liebenstein. Manca ancora tutto e non mi sembra facile risolvere la questione.

La scuola elementare da noi ancora non c'è, e ciò che c'è è tanto contrario alle nostre necessità da rendere necessaria una rivoluzione nell'insegnamento, per demolire e ricostruire. L'apprendistato di una carica, di una professione, convenientemente portata a termine, conduce all'educazione generale, a prepararsi per la vita. La diminuzione o la mancanza di sapere tecnico comporta aumento delle ore di lavoro o diminuzione o inferiorità della produzione, diminuzione del salario, decadimento delle piccole industrie, sfruttamento dell'operaio da parte del grande industriale. L'apprendistato tecnico forma

---

[131] Friedrich Wilhelm August Fröbel (1782-1852), pedagogista. Definito il *Pedagogista del Romanticismo* è universalmente noto per aver creato e messo in pratica il concetto di *Kindergarten* (*Giardino d'infanzia* corrispondente all'odierna scuola dell'infanzia).

[132] Maria Montessori (1870-1952), pedagogista, filosofa, medico, educatrice.

[133] In italiano nell'originale.

eccellenti operai, mentre l'apprendistato al momento di iniziare un'occupazione esige uno forzo maggiore e giorni di lavoro non retribuito.

Stiamo attraversando un periodo di passaggio. La vita diventa sempre più corta e agitata. Il tempo è poco, dev'essere ben distribuito.

La scuola elementare è priva di strumenti per scoprire le inclinazioni, le tendenze, i gusti, i comportamenti, se ha come fine preparare "alla vita completa", come dice Spencer, se non si vuole che l'individuo fallisca nella vita, e se si pretende che egli debba essere utile e non un parassita nella collettività. Dobbiamo riempire il tempo degli studi con quello che ci servirà al completo sviluppo dell'individualità per l'opera comune. Tutto sarà più abbellito, oggetto di lusso e di piacere, destinato alle ore libere e rinviato a dopo, secondo i gusti. Il bambino deve familiarizzare con le occupazioni quotidiane: nella scuola primaria, nell'*atelier* dei lavori manuali, nella Escola Normal, nei corsi complementari, nei ginnasi, nelle scuole professionali.

Questi maestri elementari non verranno scelti a caso tra *chi abbia un po' di infarinatura* e *qualche rudimento*, proprio perché non si tratta solo di insegnare un lavoro: più importante forse è lo sviluppo delle facoltà intellettuali, delle facoltà inventive, creatrici, attraverso l'educazione dei sensi: lo riassume bene l'assioma di Anassagora secondo cui l'*uomo pensa perché ha le mani*.

La scienza sperimentale ha dimostrato lo sviluppo della mielina, dei neuroni e la crescita delle fibre nervose grazie all'esercizio dei sensi, ai movimenti delle mani, allo sforzo muscolare. Per tutti questi motivi nella scuola elementare serve l'*atelier*. Lo pensarono Rabelais, Commenius, Locke e Rousseau. Pestalozzi[134] considerava il lavoro manuale una funzione sociale obbligatoria, e nella sua Neuhof istituì il lavoro agricolo e industriale.

Ma il lavoro d'ago, l'insegnamento del cucito – essenziale, indispensabile per la donna – non dev'essere il solo a costituire il lavoro manuale femminile. Questa occupazione, un tempo motivo di ore e ore scolastiche che obbligavano a uno sforzo continuo, a una posizione unica, terribile, è fonte di tante malattie scolastiche come la miopia e altre

[134] Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogista svizzero.

ancora, e causa di affaticamento intellettuale.

Tutto ciò esige attenzioni speciali nel programma scolastico, per evitare scompensi e predisposizioni nervose. Non si tratta qui di lavori femminili. È indispensabile preparare la donna a provvedere al sostentamento lavorando in tutte le professioni accessibili al suo sesso; è necessario prepararla affinché non sia un parassita, un oggetto di lusso o sfruttamento.

Il lavoro manuale a fianco del lavoro intellettuale. Questi sono i due grandi rami dell'attività umana. L'uno non è né migliore né più importante dell'altro – sono diversi, si completano. Sono forze che si equilibrano. Non c'è superiorità né inferiorità, né antagonismo. L'ideale è fare del lavoratore manuale un'intelligenza illuminata, capace di risolvere da sé questioni di tecnica scientifica. Mettere il lavoratore intellettuale in condizioni di comprendere e aiutare il lavoratore manuale, dare al pensatore una professione manuale che gli assicuri il sostentamento, che lo distragga e lo riposi durante gli intervalli necessari all'equilibrio mentale. Oltretutto l'individuo che non produce, se si escludono le professioni liberali necessarie, è un parassita dei produttori.

Bisogna ammetterlo: di qui a poco scomparirà per davvero l'aristocrazia del nome, la borghesia del denaro e della società oziosa. Il proletariato costituirà una classe unica perché tutta l'umanità sarà produttrice, anche se continueranno per sempre l'aristocrazia del pensiero e dell'arte, e la disuguaglianza naturale. Tutti avranno bisogno di una professione manuale, e questa preparazione, una volta che sia iniziata nelle scuole materne e negli asili nidi, deve essere continuata nella scuola elementare e in quella superiore. Il laboratorio scolastico, oltre a tenere il bambino più tempo a scuola o assicurarne la frequenza, stabilisce un'unione più solida, un maggior cameratismo tra alunni e insegnanti, sviluppa attitudini nascoste, favorisce maggiormente i bambini meno intelligenti e i pigri, stabilisce un'uguaglianza nella società scolastica – innalzando di conseguenza il livello intellettuale delle masse, e infine evitando l'esaurirsi dei nervi prodotto dall'attuale scuola elementare.

Conclusioni

L'uomo assolve a due ruoli durante l'esistenza: nasce con caratteristiche speciali come

padre di famiglia e come membro della società. Essendo la donna sua compagna indispensabile nella moltiplicazione della specie e nella vita sociale, ne consegue che anche la donna ha due funzioni da assolvere durante la sua esistenza: quella di madre e quella di collaboratrice nella collettività umana.

Così abbiamo l'individuo e la società. L'individuo non ha il diritto di guardare al proprio io egoisticamente, senza pensare all'interesse collettivo, e la società non ha il diritto di assorbire l'individuo.

Nascendo per la missione di madre e per l'ordine della società, la donna deve essere educata in modo da esercitare degnamente il ruolo di genitrice, e deve avere tempo sufficiente per i doveri di collaborazione con l'uomo a vantaggio del prossimo.

La donna inconsapevole è incapace di comprendere la propria missione. Considerando che la donna, di qualunque condizione, a fianco all'uomo rappresenta il fascino, l'amore, la forza del bene e la forza del male, è indispensabile educarla, istruirla fin dove la sua intelligenza può volare, affinché essa sia il potere cosciente e la *consapevolezza* morale a beneficio della società umana nella ricerca del benessere di tutti.

Considerando la schiavitù secolare della donna, il ritardo del suo cervello sottomesso a una selezione il cui risultato disastroso ha fatto di essa un *soprammobile*, la *melindrosa*, la *prostituta*, mantenendone il midollo e la psiche infantile; considerando che l'educazione odierna, incapace di svilupparle attitudini e facoltà latenti, diseduca e mantiene il pregiudizio tradizionale; considerando che il progresso dipende da due elementi umani, e che l'uomo potrà attingere all'apogeo della sua grandezza intellettuale e morale solo quando la donna possederà consapevolezza morale: per tutti questi motivi è indispensabile una rivoluzione nell'educazione con lo scopo di distruggere l'edificio antico e ricostruire nuove fondamenta più solide, razionali, scientifiche.

La vera educazione femminile non è un ostacolo alla fecondità, anzi, equilibra le funzioni dei genitori: evita che la fecondità sia così assorbente da uccidere la madre di debolezza, di inedia e di lavoro, danneggiandola con l'eccesso di figli, e fa nascere il desiderio della maternità nella mente di coloro che ora si sottraggono a questo bel sacrificio. Quando tutte le donne sapranno essere madri, l'umanità sarà redenta dall'amore materno.

Considerando l'esperienza l'unica maestra di vita, e considerando che l'educazione professionale deve avere base scientifica, l'intera scuola deve essere laboratorio, officina. L'iniziativa, la volontà, l'ideale si raggiungono solo con lo sforzo, con l'ambizione di realizzarsi, con lo stimolo nato dalle facoltà latenti, nella scuola della vita.

Considerando impossibile nel regime attuale il lavoro professionale obbligatorio, considerando l'educazione intellettuale-professionale l'unico mezzo per educare alla *vita completa*, e considerando che l'ozio vive del sacrificio di altri, è necessario che l'*élite* intellettuale si convinca del grande rinnovamento verso nuove ere alla ricerca di altre civiltà.

Considerando la necessità dello sforzo congiunto per il mutuo sviluppo, per evitare la stanchezza e le predisposizioni nervose, per rendere l'insegnamento attraente e benefico, e per preparare a una vita utile per una migliore comprensione dell'esistenza, è necessaria la coeducazione: la donna deve essere educata a fianco all'uomo, come compagna.

Infine, se la donna è nata per perpetuare la specie, deve innalzarsi all'altezza della bellezza interiore a cui possa attingere. Deve istruirsi fino a poter concepire la finalità della vita, realizzando il suo mondo interiore: deve *conoscersi*, "per imparare ad amare". Socialmente parlando, la donna è fattore di civiltà morale: deve camminare e far camminare l'Umanità alla ricerca della Bellezza e della Verità, cose che il suo cervello non le ha ancora fatto intravedere.

Ancora sull'educazione femminile

I lavori femminili e l'irritabilità nervosa. La degenerazione della specie. La questione del cervello femminile. La scuola-società.

> "Il riposo della donna e le sue distrazioni non dovrebbero consistere in lagne, né in piaceri lussuosi e frivoli, ma in esercizi fisici, in uno sviluppo mentale sempre più elevato e in un'azione sociale seria e efficace".
>
> A. Forel, *L'âme et le système nerveux*[135]

I lavori femminili come cucito, ricamo a mano o a macchina, lavori di applicazione, eccetera, affaticando gli occhi, esigendo sforzo, facendo vagare l'immaginazione, danno come risultato l'affaticamento cerebrale. Contribuiscono all'eccitazione nervosa, all'irritabilità peculiare della donna. Sono le piccole inezie della vita che ci consumano l'energia, l'intelligenza, il senso. Metà del genere umano è totalmente sacrificato, il che impedisce il progresso delle civiltà future. Una società ben organizzata distribuisce aiuti alle madri, assistenza con balie, insegnanti, eccetera – individui educati e con vocazione decisa, capaci di prestare servizi, con piacere, quando sono necessari. Serve un'educazione che disprezzi gli assilli per gli orizzonti ristretti.

L'irritabilità femminile deriva dall'atrofia cerebrale, dall'attività mal indirizzata, mal applicata. E le esistenze femminili scivolano via e si consumano tra cuciti, ricami, pulizia di mobili e cure istintive verso figli mai troppo curati: una vita senza ideale, senza nozione di ciò che possa essere la società futura, senza visione della bellezza, senza uno sguardo volto a pro dell'azione per un maggior benessere. Sempre l'abitudine. E le povere donne protestano, in coro, se le vogliamo strappare da questa schiavitù del corpo e dello spirito. E continuano a irritarsi, trasmettendo alla discendenza l'irritabilità patologica, causa di tante disgrazie tanto permanenti quanto evitabili.

La fatica, la stanchezza devono essere obiettivo di serie indagini scientifiche. Lo sforzo

---

[135] Auguste Forel, *L'âme et le système nerveux: hygiène et pathologie*, Paris, Stenheil, 1906. Citazione in francese nell'originale.

esagerato e costante nuoce, anche quando è seguito da lungo riposo. La donna si stancherà di più: poco o nessuno sforzo cerebrale. Se lo fa, lo fa in modo disastroso, controproducente. I programmi e gli orari assurdi rompono l'equilibrio fin dall'inizio degli studi. L'intossicazione scolastica-libresca è costante. La vita di lavori o la mondanità dei tè e dei ricevimenti provoca nuovi alterazioni, coadiuva l'opera della scuola. Il sonno non recupera gli scompensi. I bambini dormono meno del necessario. Le disposizioni ereditarie sono risvegliate dallo squilibrio... Reazione inevitabile è il disgusto per lo studio serio. Lo sforzo precoce del bambino e la mancanza di riposo sono causa di tante disillusioni dopo abbondanti promesse.

Da quando, al Congresso di Igiene di Norimberga nel 1877, Finkelburg dimostrò l'importanza del grande problema pedagogico della fatica, della stanchezza e del sovraffaticamento, iniziarono inchieste e test in Germania, Svezia, Danimarca e Svizzera. Non si può stabilire, per adesso, una regola base in rapporto alla fatica e al sesso. Ci sono esperienze che rendono la ragazza più resistente e il ragazzo di meno. Binet[136] giunse al risultato opposto, studiando la fatica attraverso la diminuzione della sensibilità tattile, in ragione forse della minore resistenza dell'organismo femminile, o forse a causa della sua atrofia cerebrale. Sebbene le sperimentazioni siano ancora in corso, e ancora approssimative, la resistenza femminile è inferiore se paragonata all'uomo, il cui cervello lavora di più per le condizioni di vita, di libertà e di esercizi di cui gode dai secoli dei secoli.

La nostra educazione – l'educazione femminile – è diversa, quasi o totalmente opposta. Il nostro sforzo è molto maggiore, è un formidabile esercizio contro l'abitudine: prima di tutto dobbiamo allenare le cellule, atrofizzate da secoli di inattività e di "diseducazione". Ritengo importante un'inchiesta per sapere da tutte le donne intellettuali le sensazioni provate durante e dopo gli studi e i lavori mentali, al fine di contribuire noi stesse, con un piccolo apporto sperimentale, allo studio scientifico dello sviluppo cerebrale della donna, da tanti secoli schiavizzata persino nel pensiero.

L'istruzione femminile deve meritare attenzioni particolari, al fine di non pregiudicare

[136] Alfred Binet, nato Alfredo Binetti (1857-1911), psicologo francese, inventore del primo test di intelligenza utilizzabile, base dell'odierno test QI.

la generazione futura, in uno squilibrio di forze differenti e disordinate, in questo periodo di transizione.

Sono quasi d'accordo con Tito Livio de Castro quando parla della questione dell'istruzione elementare nelle mani della donna, della brasiliana, ma mi dispiacerebbe altrettanto che scivolasse nelle mani dei nostri aristocratici: di cervello certamente più pesante, e di idee altrettanto ristrette.

Non c'è dubbio che la brasiliana non sia in grado di sviluppare razionalmente la psiche infantile. Le madri, le insegnanti sentono di saper cogliere poco, o di non cogliere affatto, la questione. Non la sentono perché non la comprendono. Escludendo però una sparuta minoranza, dove sono in questo paese gli uomini capaci di farlo coscientemente? Cosa possiamo aspettarci da questi cervelli tanto di uomini quanto di donne? Nelle città, "per il sesso maschile elementi di preparazione che non preparano a niente; per il sesso femminile, quanto basta per strillare in un salone da ballo". Ecco l'istruzione di questo popolo che si dice civilizzato. E dalle scuole e dalle accademie escono individui incapaci di lottare per la vita, incapaci di iniziativa, capaci di imbrogliare per ottenere, con il minimo sforzo, il massimo risultato.

Da noi l'educazione femminile è tutto ciò che si vuole, tranne che educazione. E la donna continua a rimanere irritabile invece che sensibile (Sergi): piange, ride, batte le mani e applaude o fischia con la stessa facilità, incoscientemente – si tratta del midollo… I poeti, gli antifemministi, predicano graziosamente il predominio del cuore femminile sull'intelligenza. Tradizione, egoismo, ignoranza. Ed essa va perpetuando l'influenza ancestrale, l'abitudine.

A scuola dipinge il passato, dimentica il presente, non pensa al futuro. Si limita a ripetere con l'autorità dei libri e dei maestri spirituali. Che ne sarà dell'educazione nelle sue mani, anche se generose? Che ne sarà della generazione futura se continua a essere cresciuta nell'ignoranza? Il cervello è tutto nell'individuo. È lo strumento che registra la comunicazione con il mondo esterno. Opera e reagisce in rapporto con l'ambiente, con l'esercizio. Per questo motivo, tutta l'attenzione è comunque poca nell'effettuare l'esercizio. Ciò nonostante, la difficoltà di applicazione non deve costituire motivo per conservare la staticità femminile, conservazione che costa molto cara al progresso

umano. È indispensabile far lavorare il cervello della donna per arrivare alla psiche dell'adulto. Anche l'uomo ne è coinvolto: nascendo da una donna con il cervello infantile, è privato della sua potenza cerebrale. È naturale.

C'è perfino chi ammira Schopenhauer quando sostiene l'idea che il carattere sia eredità del padre, e l'intelligenza una eredità materna. E chi poteva dirlo se non l'autore della celebre frase dei "capelli lunghi, intelligenza corta!". Anche oggi, il lavoro intellettuale, fonte più alta e nobile dei piaceri, è considerato cosa degna solo dell'uomo. E i difensori del "cuore femminile", della "sensibilità della donna", della "funzione materna" ci sottraggono per egoismo questo unico e immenso piacere. All'uomo piace l'inferiorità femminile, l'infantilismo della donna.

La corrente favorevole al nostro completo sviluppo intellettuale è ancor oggi estremamente ristretta. E per questo, a proposito di qualsiasi cosa, torna fuori la questione antropologica della differenza di peso e di volume del cervello maschile e femminile. Analizziamola.

Secondo Stuart Mill[137], per esempio, il sesso femminile presenta una serie di superiorità quanto alla psicologia. Büchner[138] considera il cervello femminile più delicato nella sua struttura. Bischoff[139] pensa che la donna sia meno intellettuale per colpa di un cervello più piccolo. Spencer[140] la considera inferiore per la logica astratta, per la concezione ampia di giustizia e così via. Finot crede che la diversità risulti dalla diversità di lavoro al quale fu sottomessa, dalla differenza di educazione e di esercizio. Émile Faguet[141] arriva a dire: "la donna è un uomo capace di maternità".

E tanto varia il peso del cervello dei grandi uomini che è inutile stabilire una legge a

---

[137] John Stuart Mill (1806-1873), filosofo ed economista. Definito da molti come un liberale classico, J. S. Mill riteneva che solo le leggi di produzione fossero leggi naturali, e quindi immutabili, mentre considerava le leggi di distribuzione come una fenomenologia etico-politica, determinate da ragioni sociali e, quindi, modificabili. Tra le sue opere, *The Subjection of Women* (*Sull'asservimento delle donne*) del 1869.

[138] Ludwig Büchner (1824-1899), medico e filosofo, autore di *Natura e spirito* – una sorta di vangelo materialistico nella cultura laica dell'Ottocento – e fondatore della "Deutsche Freidenkerbund" (Società dei liberi pensatori tedeschi).

[139] Theodor Ludwig Wilhelm von Bischoff (1807-1882), fisico e biologo tedesco. Insegnò anatomia patologica e contribuì agli studi nel campo dell'embriologia e del metabolismo animale.

[140] Herbert Spencer (1820-1903), filosofo. Nel 1902 venne candidato al Premio Nobel per la Letteratura.

[141] Auguste Émile Faguet (1847-1916), critico letterario francese.

priori. Secondo il professor Reclam, citato da Bebel, *La donna*[142], il cervello di Cuvier pesava 1861 gr., quello di Bryon 1807 gr., quello del matematico Gauss 1492 gr., quello del filologo Hermann 1358 gr., quello del dotto Hausmann 1226 gr.

Pesando i cervelli femminili:

Nazionalità	*Autori*	*Peso*
34 inglesi e scozzesi	Peacock	1260 gr.
2 nere africane		1232 gr.
18 francesi	Parchappe	1210 gr.
13 tedesche	Wagner	1209 gr.
19 austriache	Weisbach	1260 gr.

Tabella di Davis:

Razze	*Peso*
Cinesi	1298 gr.
Nere del Dahomey	1249 gr.
Eschimesi	1247 gr.
Inglesi	1222 gr.

(M.F. Pinto Pereira, *La donna in Brasile*[143])

Possiamo notare che il cervello di Hausmann pesa meno di quello delle nere africane, meno del cervello delle donne eschimesi, cinesi o delle nere del Dahomey; inoltre queste donne primitive possiedono cervelli più pesanti di quelli delle inglesi, austriache, tedesche e francesi.

Davanti ai fatti, la teoria antropologica difesa da alcuni appassionati dell'inferiorità femminile sulla base del minor peso del cervello, non sta più in piedi. Questo argomento della misura e del peso è ridicola. Alcuni si erano già accorti che il bue è meno intelligente dell'ape e della formica…

Nella misura in cui la civiltà avanza, cresce la differenza tra cervello femminile e cervello maschile, dicono. Prendendo a riferimento le tabelle citate, proprio questo è pro-

[142] August Ferdinand Bebel, *La donna e il socialismo*, 1883.
[143] M. F. Pinto Pereira, *A mulher no Brasil*, São Paulo, C. Teixeira, 1916.

blematico se non falso. Büchner sostiene che la differenza di cervello di uomini e donne tra i popoli civilizzati non è la stessa. La più evidente è tra olandesi e tedeschi, un po' meno tra inglesi, italiani, svedesi e francesi. In Francia i cervelli maschili e femminili sono quasi uguali. Perché? Büchner non ne spiega il motivo. È sicuro che le condizioni sociali influiscono potentemente nella conformazione cranica. Tra i popoli primitivi la differenza tra i due cervelli è quasi insignificante. Perché la funzione sviluppa l'organo, e l'esercizio lo perfeziona.

Ha ragione il "giovane saggio" quando dice: "il cervello femminile attuale, con tutte le sue imperfezioni, non è un organo che dà il massimo dell'energia di cui è capace: la sua energia attiva è inferiore alla sua energia potenziale; esso può dare più di ciò che dà". Oltretutto la gravidanza assorbe la linfa femminile per un certo tempo, indebolendone le facoltà intellettive a favore delle funzioni riproduttive. È logico: come è logico l'indebolimento intellettuale a favore dello sviluppo organico nei periodi di crescita umana. La natura opera secondo le necessità del momento. Ciò che serve è dare alla donna tempo per recuperare le forze e far circolare liberamente sangue nuovo che irrori il cervello. E, sulla base delle leggi della compensazione, la donna dovrà essere idonea all'esercizio intellettuale, con lucidità di spirito e intelligenza acuta, dopo il riposo che segue un periodo di lavoro. Ma non è solo per il fatto di essere madre, che la donna smette di lavorare mentalmente: e la maggioranza femminile non feconda? È la mancanza di stimolo, di sviluppo, di educazione, di libertà.

Molte cause concorrono alla degenerazione nervosa della specie. L'alcool non è più dannoso della miseria e del lavoro industriale delle classi proletarie. "L'esaurimento dovuto a una vita miserabile e insana può far degenerare una razza anche senza l'alcool", dice un illustre scienziato. L'alcolismo di un tempo e l'alcolismo di oggi, protetto dallo stato capitalista, continua a produrre la rovina. L'ozio degli uni, l'inedia degli altri, l'attività eccessiva di terzi concorrono a produrre gli stessi risultati. L'alimentazione impropria e scorretta accelera l'opera di distruzione. La vita sedentaria della madre di famiglia e la vita mondana della donna *chic* hanno le stesse conseguenze. Le guerre, distruggendo i forti, i capaci, ed escludendo dalla strage gli inadatti, sono fonti

straordinarie di degenerazioni. Il matrimonio tra consanguinei, tra alcolisti, tra sifilitici, tarati e tubercolotici si fanno senza tante formalità, senza che nessuno lo impedisca. Tutte queste cause sono ingrandite e decuplicate dall'eccesso dello sforzo cerebrale mal indirizzato, che stimola la precocità, i cui risultati, molto dannosi ed estenuanti, vengono alla luce solo molto più tardi.

L'abitudine sancita ufficialmente paralizza ogni iniziativa. Cosa serve sapere che è tutto sbagliato, mal indirizzato, mal fatto, ed essere obbligati a degradare l'insegnamento, a disprezzare, insultare e offendere la ragione, a non aver compassione degli alunni disadattati? Ricordiamoci dell'esame nel quale si richiedono *materie e programmi imposti dai regolamenti decretati nelle segreterie*! Lo sforzo è ingente e il risultato pessimo, con conseguenze terribili per le generazioni che verranno. Anni e anni di studi mnemonici che compromettono la capacità di ragionamento e allontanano il pensiero da argomenti seri! A che cosa serve il diploma del laureato, per esempio, o le nozioni incomplete e incomprensibili impartite da un'accademia fatta di diplomi, se poi il neo avvocato va a chiedere spiegazioni ad avvocati avventizi o a funzionari del tribunale? L'individuo intraprendente fa di quel diploma un blasone per mostrare le sue capacità: e si afferma. Si affermerebbe anche senza il diploma, in quanto non è stato il diploma a sceglierlo in mezzo agli altri: è stata l'energia, il vigore intellettuale.

A ogni passo ci imbattiamo in individui che hanno studiato latino, e poi hanno studiato il greco eccetera, e intanto aspettano un collocamento, chiedendo il favore di un posticino come pubblico ministero o come delegato di polizia all'interno del paese, e alla fine svolgono di malavoglia uno qualsiasi di questi o altri impieghi subalterni e poco redditizi. Tante accademie in mezzo a tanti analfabeti!

L'insegnamento teorico come quello pratico ha il suo spazio. Di certo, la medicina, l'ingegneria e il diritto si basano su studi specializzati, fanno parte dell'insegnamento professionale. Ciò che è improprio e non ha ragione di essere è la scuola professionale teorica, l'insegnamento classico teorico sempre uguale, e la scuola elementare che pretende di preparare alla vita. È indispensabile togliere al diploma il valore soprannaturale che esso conferisce al brasiliano, e approfittare invece delle capacità e delle inclinazioni. Ogni scuola elementare, ogni gruppo scolastico, ogni accademia deve

essere laboratorio per la vita e non fabbrica di diplomi. Il diploma – ecco la grande questione in questo paese.

Il piccolo industriale, l'uomo semplice, l'agricoltore, non è che un Jeca Tatu[144] disprezzato, ridicolizzato.

E, tra un bel ragazzo minorenne, spendaccione, habitué di *cabaret*, consumatore di oppio o morfina, e un onorato agricoltore con la stessa poca o nessuna istruzione, è preferito in tutto e per tutto il primo: o se non altro, è questi che viene premiato con un collocamento in ambasciata e che va all'estero a godere cinicamente delle imposte prelevate a scapito dell'uomo serio e lavoratore. Bisogna richiamare l'attenzione di tutti verso questo stato di cose spiacevole, battere sullo stesso tasto, protestare, far sentire la necessità di una reazione energica.

Dewey[145], professore alla facoltà di pedagogia dell'università di New York e il professor Richards, della stessa università, difendono il principio della "Scuola e società": l'evoluzione del bambino, sotto l'influenza dell'educazione, attraversa le fasi per cui è passata l'umanità nella sua evoluzione. Il primitivo manipolava le cose nell'ambiente in cui viveva: il bambino prova viva eccitazione davanti agli accadimenti, al concreto. Le occupazioni infantili risvegliano istinti, tendenze, inclinazioni, spingono verso nuovi punti di vista, fanno attraversare ostacoli per giungere allo stato civilizzato. Così, il fine dell'educazione è far scalare tutte le fasi dell'evoluzione fino a raggiungere un grado di perfezione sempre maggiore in vista del futuro. Le prime nozioni fissate nel cervello dell'uomo primitivo sono quelle di nutrimento, abbigliamento e rifugio: dev'essere questa la base sulla quale fondare il programma di lavori manuali nella scuola elementare. Questa è la tesi.

I processi di lavori manuali hanno un fondamento scientifico e un carattere sociale. I

---

[144] Personaggio creato dallo scrittore Lobato Monteiro (1882-1948), protagonista del racconto Urupês, pubblicato nel 1914. Attraverso Jeca Tatu l'autore descrive la situazione del contadino delle zone interne del Brasile, in particolare dello stato di São Paulo. Jeca Tatu diviene quindi il simbolo della miseria e del ritardo economico dei contadini discendenti dei colonizzatori bianchi e degli indios.

[145] John Dewey (1859-1952), filosofo e pedagogista. Ha collaborato alla Scuola di Chicago, di impianto neopositivista e neoempirista. È stato anche scrittore e professore universitario. Ha esercitato una profonda influenza sulla cultura, sul costume politico e sui sistemi educativi del proprio paese. Intervenne su questioni politiche, sociali, etiche, come il voto alle donne e sulla ingiusta condanna degli anarchici Sacco e Vanzetti.

risultati sorprendenti della scuola di Reddie[146] (Abbotsholme, Inghilterra), di Ferrer[147], di Roches[148], di Robin[149], di Montessori eccetera, lo provano. In Francia, la scuola industriale di Fichet[150], con ammirevole programma, *contro l'esame e il diploma*, è un buon esempio di cosa sarà la scuola futura. In America del nord il processo tecnico di origine russa, il "sistema Della-Voss" e il processo di Fröebel furono adottati ed estesi secondo le necessità del popolo.

La Williamson Free School of Mechanical Trades, il Girard College di Philadelphia, il Pennsylvania Museum and School of Industrial Art, il Pratt Institute a Brooklyn, il Drexel Institute a Philadelphia, le scuole di Saint Louis, la Normal Art School di Boston, la Young Women's Christian Association e tante, tante altre che sarebbe inutile enumerare, scuole professionali che sono grandi musei, immensi laboratori, quasi Università professionali sparse ovunque: qui è l'origine dell'educazione e del *self-control* di

---

[146] Cecil Reddie (1858-1932). Dopo essersi laureato in medicina e scienze naturali a Gottinga studiò pedagogia e sotto l'influenza di Carpenter si convinse della necessità di una riforma radicale del sistema scolastico inglese che, a suo parere, per adeguarsi al processo dello sviluppo industriale, aveva trascurato i problemi del mondo infantile. Con questo scopo fondò nel 1889 nella proprietà di Abbotsholme nel Derbyshire una scuola, da lui denominata *New School*, che servì da modello ad altre simili in Inghilterra e all'estero, dando così l'avvio al movimento delle "scuole nuove". I principi metodologici di base erano la collaborazione fra studenti e insegnanti, la valorizzazione della creatività e della spontaneità vitale dell'alunno e della vita di comunità.

[147] Francisco Ferrer (1859-1909), anarchico, libero pensatore e pedagogo catalano. Nel 1901 aprì la *Escuela Moderna*, una scuola che si presentava diversa dalle altre scuole laiche perché aveva un carattere apertamente rivoluzionario, volto ad emancipare i bambini delle classi povere rifiutando qualsiasi principio di autorità sia da parte dello Stato che della Chiesa. In essa si applicavano i principi degli ideali sociali e umani contrari alle convenzioni e ai pregiudizi della società. Nel 1906 Ferrer fu accusato di esser complice e mandante dell'attentato contro il re Alfonso XIII e la scuola dovette chiudere. Il 13 ottobre 1909 venne fucilato nella fortezza di Montjuich con l'accusa di aver sobillato la rivolta della "Semana tragica". Il pensiero di Ferrer influenzò enormemente le idee di Maria Lacerda riguardo l'educazione.

[148] *École des Roches*, sorta in Francia – presso Verneuil, in Normandia – nel 1899 ad opera di Edmondo Desmolin, si ispira all'esperimento di *Abbotsholme*. Desmolin organizza la scuola sul modello di una grande famiglia; le attività di studio si basano sull'esperienza diretta e sull'esperienza e vengono svolte in un ambiente sano di campagna.

[149] Charles Robin (1821-1885), biologo e storico francese. Animato dal proposito di esporre un sistema di educazione fondato sulle dottrine positivistiche e tendente a sovrastare il malessere educativo dell'epoca, nel 1877 pubblicò *L'instruction et l'éducation.* Secondo l'autore solo coniugando insieme i due termini – istruzione e educazione – si può pervenire al raggiungimento dell'ordine e del progresso e, dunque, al formarsi e reggersi di una civiltà.

[150] César Fichet è stato un insegnante e il fondatore della scuola industriale a Ménars (vicino a Blois), una scuola simile a quella di arti e mestieri basata sull'organizzazione dell'insegnamento del lavoro manuale. Tra i suoi scritti *Mémoires sur l'apprentissage et sur l'education industrielle*, Faubourg de Paris: Imprimerie de Galban, 1847.

quel popolo straordinario.

Il Congresso di Kassel (giugno 1882) fu contrario al lavoro manuale nelle scuole elementari, dichiarando che sono scuole di studio, "laboratori di lavoro intellettuale" e che "ci sono seri inconvenienti nel sovraccaricare il programma scolastico di un maggior numero di ore e di lezioni, e nel trattenere i bambini lontani da casa per un tempo più lungo".

L'aumento del numero di ore, in un orario ben organizzato, è insignificante. Si tratta solo di trasformare l'insegnamento teorico in insegnamento pratico. Il giardinaggio, l'orticoltura, la silvicoltura, l'apicoltura, la sericoltura, sono lavori pratici. In altre parole, la fisica, la chimica, la storia naturale richiedono laboratori e musei. La calligrafia, la stenografia, la dattilografia, la tachigrafia – anche questi sono insegnamenti pratici. La geografia deve essere disegno e rilievo. L'istruzione non può essere l'obiettivo della scuola elementare, il cui fine è preparare l'intelligenza, fortificandola e sviluppandola. La scuola elementare deve essere l'*atelier* del pensiero e non dell'istruzione. E per insegnare al bambino a pensare non c'è niente di meglio della natura, degli oggetti che ci circondano, di tutto ciò che è concreto, movimento e azione. Il libro verrà buono in un momento successivo. I nostri primi maestri di filosofia, diceva Rousseau, sono i nostri piedi, le nostre mani, i nostri occhi.

La seconda obiezione è che i bambini stanno lontani da casa per molto tempo. E così sarebbe, non c'è dubbio. Ma i bambini oggi crescono come monelli, per strada, o infastidendo i vicini e gli amici, o chiusi in collegi o lavorando in officine e fabbriche, allo scopo di assicurare riposo ai borghesi e una bocca in meno ai proletari. Le madri lo dichiarano francamente: vogliono tranquillità. Nelle classi alte, le *istitutrici* assumono tutta la responsabilità. Il bambino è una cosa a parte, vede i genitori solo per obbligo. Così, se i bambini borghesi e proletari imparano con i monelli cosa sono le miserie della vita, con le balie o nelle taverne; se vanno a infastidire altre persone; se le madri vogliono vedersi libere dal lavoro, o se le ore di riposo sono riservate ad altre materie (anche teoriche): perché non rimanere invece in un laboratorio scolastico dove l'insegnamento attraente alimenta l'immaginazione, sviluppando il cameratismo e perfezionando l'istinto sociale della solidarietà?

In Germania, nel 1881, si discusse la questione in una conferenza riunita a Berlino. Un giornale di Brema, diretto dal dottor Lammers – il *Nordwest* – la fece propria. Più tardi, nel 1882, un nuovo congresso a Lipsia, sotto il nome di Congresso per l'insegnamento manuale e industriale domestico, trattò la questione dell'*atelier* scolastico come problema centrale per assicurare i maggiori vantaggi nella vita pratica sociale.

Non c'è tempo né bisogno di abbozzare un programma di educazione professionale o di lavoro manuale nella scuola elementare, proprio perché la questione da risolvere, per il momento, tra di noi, non consiste nei programmi, ma nella formazione degli insegnanti. È sufficiente dire che lo esige l'insegnamento moderno, per il suo carattere scientifico e per l'utilità pratica.

La scienza prova che tra i fattori di sviluppo mentale c'è il gioco, in cui le diverse posizioni si completano scambiandosi molteplici vantaggi. Sia come motivo di svago, sia per sfogare il superfluo di energia (teoria di Schiller, sostenuta e sviluppata da Spencer, studiata da Ryssen e altri), sia per la teoria dell'imitazione di Wundt, Vierordt, Wallaschek eccetera, sia per la teoria dell'atavismo di Stanley Hall, sia infine per la teoria di Gross o dell'esercizio preparatorio – di sicuro il gioco è così necessario, così naturale da poter essere considerato un istinto, quasi un atto fisiologico. "Senza di esso l'individuo sarà mal preparato davanti a gran parte degli eventi della vita". È come un preludio all'iniziazione nella vita pratica.

Il lavoro manuale è la continuazione del gioco, se non addirittura gioco stesso. Carr[151] sostiene la teoria dello stimolo della crescita degli organi, provando che il gioco ha un'alta funzione biologica. Il gioco ha ancora una potente funzione sociale, oltre a essere stimolo del sistema nervoso. È più di tutto ciò, è "più di un passatempo, è anche lavoro intellettuale, e di conseguenza una scuola del pensiero e della volontà". E l'*atelier* scolastico non è altro che un insieme di giochi motori, di immaginazione, giochi intellettuali, sensoriali, di attenzione, artistici e di pungolo alla volontà.

---

[151] Harvey Carr (1873-1954), psicologo, figura di rilievo nel campo del funzionalismo, in particolare della Scuola di Chicago. Nel suo pensiero il termine *funzione* in psicologia può essere utilizzato per indicare sia un'attività sia l'utilità che l'organismo trae da tale attività. Parlando di utilità ci si deve riferire agli effetti che l'attività produce e che possono essere descritti in termini empirici. La sua opera principale è *Psychology*, del 1925.

Nonostante non si debbano sostituire i giochi naturali, gli sport o i divertimenti infantili con l'*atelier*, quest'ultimo rappresenterà un ruolo preponderante nell'educazione elementare. La scuola deve rappresentare la società. Nella famiglia la vita si svolge naturalmente; ogni membro vede intorno a sé la vita, la nascita, la morte, il lavoro distribuito, inquietudini e allegrie, i giorni che si succedono tra piaceri e necessità. La scuola, così com'è, non lascia intravedere la vita sociale, e quando il ragazzo entra incauto nel forte vortice della vita, sente un grande squilibrio. Non è questa la missione della scuola.

Infine, alla donna vengono consegnati i destini dell'educazione popolare. E l'istruzione e l'educazione che riceve sono lontani da una così alta responsabilità.

Conclusioni

Nonostante siano necessari, i lavori femminili non devono assorbire il cervello, le capacità e il tempo della donna. L'irritabilità femminile ha come cause originarie le piccole inezie della vita, che sprecano l'energia, creano malumore, e sono fonti di degenerazioni e di predisposizioni nervose.

La fatica del cervello femminile, causata dai lavori domestici, dalle preoccupazioni banali o dallo studio, è problema degno di maggiore attenzione, avendo di vista l'eugenetica e il progresso sociale. *Inchieste*[152] e *test* dovrebbero costituire oggetto di osservazione e analisi prima di predisporre programmi e regolamenti scolastici.

La scuola elementare nelle mani della donna irritabile e ignorante, è dannosa alla civiltà. Ma dove sono gli uomini capaci di dirigere, adatti a educare i nostri figli? Il cervello femminile non produce tanto quanto la sua capacità può dare. L'educazione popolare scivola giorno dopo giorno nelle mani della donna: è urgente elevarla all'altezza dei risultati a cui è necessario attingere in vista di un futuro sempre migliore.

L'educazione deve avere come base il principio di SCUOLA E SOCIETÀ. Il civilizzato percorre le fasi per cui è passato il primitivo. Se il bambino ha le caratteristiche fisiche e mentali del passato, la sua educazione deve essere indirizzata in vista dell'evoluzione

[152] *Enquêtes* nell'originale.

sociale per cui è passato l'uomo primitivo. Così, la scuola elementare deve essere manipolazione pratica: non può avere come obiettivo l'istruzione, ma la vita.
Se il cosciente può passare all'incosciente, se l'abitudine si trasforma in seconda natura, allora l'educazione deve avere come primo obiettivo far sorgere nel subconscio della donna un sogno di Bellezza e di Perfezione capace di trascinare l'Umanità verso nuove direzioni, alla ricerca dell'Armonia e della Fratellanza Umana. Impossibile tutto ciò nell'attuale regime sociale. È necessario quindi che aumentino le schiere rivoluzionarie…

L'attuale regime sociale risolve il problema dell'assistenza all'infanzia?

Si moltiplicano gli *asili nido*, gli orfanotrofi, i reparti di maternità, segno evidente che l'infanzia continua il suo pellegrinaggio doloroso attraverso la miseria, il dolore, il vizio.

È logico: la carità non risolve il problema della povertà. Per quanto i potenti aprano le loro tasche, cornucopie piene del superfluo... essi non riescono ad accorciare il percorso di sofferenze dei diseredati.

Parliamo seriamente: esistono sentimenti di fratellanza?

Esiste davvero un desiderio di cose migliori, di un mondo meno misero, in cui non si vedano bambini affamati, donne coperte di piaghe, prostitute e protettori, ladri e avidi?

Le lacrime che scorgiamo negli occhi delle belle donne e degli uomini di buon cuore di fronte allo spettacolo della miseria materiale e morale sono il prodotto di un vero sentire o provengono piuttosto dal sentimentalismo sdolcinato del momento, che rende isterici, che fa ridere e piangere contemporaneamente, e che non vuole trovare la causa e alleviare il dolore?

È un'epoca di *pellicole*... cinematografiche e reali.

Si parla, si gesticola, si sente in un modo e si agisce in un altro completamente diverso.

Nessuno è contento, tutti protestano.

Al momento di agire e di dire, il coraggio scompare.

Vigliaccheria e miseria!

Riprendendo Blasco Ibanez[153] potremmo dire: "Il vecchio sistema ormai non esiste più, ciò che vediamo è il suo cadavere, ma un cadavere enorme, che si farà fatica a rimuovere, e la cui conservazione divora molti soldi. L'inquisizione vive ancora dentro di noi, non temiamo il rogo ma ci spaventa *quel che potrebbero dire*. La società statica e refrattaria a qualsiasi innovazione è il Santo Ufficio moderno".

Ci convinciamo che la putrefazione del cadavere avverrà fatalmente e sarà dolorosa per

---

[153] Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928), scrittore spagnolo. Nel 1909 si recò in Argentina per presenziare alla nascita di due nuove città e per tenere alcune conferenze su eventi storici e sulla letteratura spagnola. Come militante repubblicano fondò in gioventù nella sua città natale un giornale, *El Pueblo.*

tutti noi.

Le istituzioni sono decadute, l'educazione crea *almofadinhas* e *melindrosas*, l'adulterio è la norma tra persone che si rispettino... lo snobismo, lo scetticismo, i vizi, lo scandalo, il crimine – tutto ciò è *chic* tra gli intellettuali.

Cos'altro vogliamo per completare il quadro?

I rimedi hanno deluso.

La violenza – la legge del più forte – è dominante.

Il mezzo di protesta contro questa violenza è indicarla a tutti gli uomini e a tutte le donne che hanno sete di solidarietà, affinché alle società sia impressa una nuova direzione.

Vengono fondate associazioni di protezione all'infanzia.

E se non ci fossero bambini da proteggere?

Le *ruote* ci sono perché si abbandonano ancora i figli.

E quando non ci saranno figli da abbandonare?

Ciò avviene per pregiudizio, e per questo il *peso* è stato interamente addossato alla donna.

E quando le responsabilità verranno divise e risolte?

Nella società futura il bambino non sarà protetto, perché la solidarietà esclude la protezione e la carità.

Dobbiamo puntare sempre più in alto: dobbiamo pregare, sentire, agire a favore di un'altra società, più seria, più fraterna, più equa.

La protezione è inconcludente.

Permette ad alcuni di essere protettori e felici, e ad altri – da cui esige perfino gratitudine e umanità – offre miseria e assistenza.

E intorno ai filantropi, agli ospedali, agli *asili*, agli ospizi, ai patronati, ai reparti di maternità, c'è dolore, miseria e fame – niente è sufficiente, manca tutto.

Là dentro, ogni assistito è un numero; qui fuori, i diseredati si contano a migliaia, sono quasi tutti, sono la maggior parte.

E la miseria e la malattia si moltiplicano in tutto il mondo.

E quand'è che i membri dell'umanità si convinceranno che ogni cuore deve aprirsi a un

sentimento di assistenza immensa, ed essere un *asilo* per tutti i bambini?

Niente di tutto ciò può essere applicato a questo regime sociale: bisogna prima distruggere e poi ricostruire.

L'idea degli *asili nido* e così via, è naturalmente legata all'idea della cooperazione femminile.

A loro volta le donne sono guidate dal clero. Eccezionalmente questa o quella associazione è laica. Nel nostro Paese tutte hanno un orientamento spirituale, in maggioranza il credo religioso cattolico romano.

La donna è pertanto strumento a servizio di altre menti. Non decide da sola. Non ragiona.

Prova solamente sentimenti e li sente moltissimo, e così si consegna anima e corpo a servizio di terzi: le fa comodo accettare l'autorità, e non è a servizio del prossimo.

Non discute nemmeno gli ordini ricevuti, è una macchina.

Ebbene, tutti sanno che i rappresentanti della religione, nella maggioranza dei casi, non hanno altre occupazioni se non la religione stessa.

Le donne lavorano gratuitamente nelle associazioni caritatevoli e invece i sacerdoti non lo fanno, nonostante questi *abbiano bisogno di vivere*; e, a volte, proprio in fondo ad una immensa abnegazione troviamo moventi interessati...

Tra i rappresentanti religiosi avvengono lotte pecuniarie.

Perché i padri cattolici di Rio de Janeiro hanno dichiarato alla stampa che non spettava ai cattolici portare aiuto alla istituzione spiritista di carità Thereza de Jesus?

È una guerra tra cattolici e protestanti?

C'è un così grande desiderio di spingere l'umanità intera verso il cielo, anche a forza, affinché essa goda delle beatitudini eterne?

Il denaro, ecco la questione!

Quanto alla filantropia, non c'è dubbio che alcuni individui abbiano sete di fratellanza e diano tutto per la felicità di terzi: talento, energia, giovinezza, denaro. Lavorano tutta una vita a favore di un ideale, e si sacrificano eroicamente.

Nel frattempo, in mezzo a loro, ci sono gli istrioni della filantropia, che si arricchiscono a spese della carità per i diseredati.

Poco tempo fa, a Rio, qualcuno mi ha raccontato che gli era stato chiesto aiuto per un nuovo *asilo nido*, dicendo: "il dottor F. è giovane, ha bisogno di guadagnarsi da vivere e fare carriera, dobbiamo dargli una mano..."

E quando, in una famosa festa di beneficenza gran parte dei proventi è stato diviso e utilizzato in *abbigliamenti*[154] per il proprio piacere e per esibizione?

"Questi due processi sono indispensabili: evoluzione e rivoluzione, natura e coscienza" diceva Sílvio Romero in *Storia della Letteratura Brasiliana*[155].

Non credo che l'educazione di questa gente si raggiunga con l'evoluzione, ma solo con la rivoluzione...

La società attuale non risolve il problema dell'assistenza all'infanzia. Ciò che deve fare è combattere le cause che rendono necessaria questa protezione.

Non posso negare il servizio offerto dagli asili nido e dai reparti di maternità, e così via. Al contrario, si tratta di un'iniziativa degna di lode e filantropica, che dà un aiuto molto rilevante, degno di tutto il nostro appoggio materiale e morale.

Quello che è in discussione è ciò che sto per dire.

La protezione è necessaria in questa società, che ha riservato ad alcuni una grande fetta, e a chi muore, che manca del pane materiale e di quello spirituale, dà caritatevolmente quel che le avanza.

È necessario distruggere il silenzio che avvolge la grave questione economica e sociale.

Chi gode di più e lavora di meno sono i potenti, che accumulano fortune illecite.

Questi ottengono ricchezze a spese della miseria morale e del sacrificio della maggioranza.

Chi è che fa prosperare la produzione di alcool, le case di gioco e di immoralità, i ristoranti degli Assirios[156] e gli alberghi eleganti, la voluttà carnevalesca, gli affari loschi tra nazioni, il giro di *soldi*, se non i capitalisti e i *rappresentanti della Patria*?

Chi è soddisfatto, chi ha vinto nella vita, non si batte per il benessere degli altri.

---

[154] *Toilettes* nell'originale.

[155] S. Romero, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Garnier, 1888.

[156] Restaurante Assyrio, ispirato all'antica Babilonia, all'interno del Teatro Municipale di Rio de Janeiro, edificato nel 1909.

Chi è scontento, i diseredati e i giusti sono i costruttori della nuova civiltà.
L'interesse dei primi è che gli altri si rassegnino e rimangano nell'ignoranza. Il libero pensiero è un pericolo...
La lotta per la vita impedisce il progresso dei lavoratori.
Tutti quelli che pensano devono proclamare l'ideale di libertà, l'educazione razionale, i principi della fratellanza umana.
Costruiamo una barriera che renda impossibile, in futuro, il passaggio dei pregiudizi infiltrati nelle viscere della società attuale, affinché gli uomini di domani non li conoscano.
È il lavoro della scuola nuova che dovrà operare sull'inconscio collettivo.

Non esistono né pigri, né malati.
Non ci sono ladri poveri. Ci sono grandi ladri. I primi sono creature derubate legalmente dagli altri e che cercano di riavere qualcosa al di fuori della legge, in accordo con le leggi naturali.
Non esistono viziosi: ci sono vizi che la società astuta coltiva come fosse uno *sport*, e verso cui spinge un certo numero di vittime indifese, in modo che i ricchi godano del piacere di fingere di salvarle, *raccogliendole dal fango*, distribuendo loro mille miseri reais – i loro avanzi – a favore di ospizi per matti (conseguenza dell'alcool che li ha fatti arricchire) e asili nido di degenerati (figli di questi vittime).
Snobismo dell'*alta società*...

Non esistono malattie. Esiste gente che si lascia andare; esiste la miseria, la mancanza di pulizia, la degenerazione.
La tubercolosi, la sifilide, l'alcoolismo, i tre grandi fattori di degenerazione, sono mali del tutto evitabili.
E a che cosa serve un ricovero per tubercolotici se la causa della tubercolosi non viene combattuta?
Curare e porre rimedio non sono la soluzione. Evitare lo è.
I maestri dicono che i capricci dei bambini sono il risultato di energie muscolari

indisciplinate.
Nell'individuo ci sono energie latenti, delle forze interne sconosciute. Le passioni sono energie disordinate.
Esse devono essere coordinate, come i movimenti muscolari.
Gli indifferenti? Sono i disillusi, per i quali la filosofia del *laisser aller*[157] è speranza e conforto.

Non esistono uomini perversi: esistono individui sensibili, appassionati, che credono di trovare soddisfazione nella vendetta. Disordini interiori...
Essi hanno sbagliato nella vita forse perché i lori impulsi non erano spinti da un fine premeditato e utile; forse perché mancava loro la libertà per poter ampliare le proprie possibilità...
Chissà... Anime infinite di amore. Hanno sete di giustizia?
Oh, le tristezze della nostra infanzia!
Chi di noi non ha uno o più ricordi dolorosi della fanciullezza?
Pochissimi scrittori, un numero molto limitato, descrivono con colori vivaci i propri ricordi infantili.
E quanti prodigi letterari per riuscire a impressionare! Quanti merletti di fantasia tessono intorno a tristi ricordi.
La disperazione del bambino si risveglia nell'uomo.
Gli uomini cattivi sono bambini cresciuti a cui bisogna insegnare molte cose, e con i quali è necessario avere molta pazienza.
Per i bambini anormali: i riformatori.
Per gli adulti malati: le colonie di lavoro e di divertimento.
Non è del tutto inutile sognare o far pensare a un mondo migliore. Dopo di che, tutto quello che passerà per la mente dell'uomo verrà realizzato.
E, se dobbiamo sognare mezzo ideale, innalziamo subito l'intero ideale, scalando il cielo.
L'ingiustizia che ci avvolge è il segno evidente che ci vuole giustizia, è un attributo del

[157] Disinteresse, incuria. In francese nell'originale.

futuro.

L'oceano di lacrime, sparso sull'umanità sofferente attraverso i secoli, è quel che deve redimere quella stessa umanità.

È necessario che il lavoratore esiga questa restituzione, se il capitalismo non vuole comprendere l'impulso della nuova corrente rigeneratrice.

Quando siamo minacciati da un pericolo collettivo, cosa dobbiamo fare per prima cosa? Andare direttamente alla ricerca della causa, senza pensare alle inezie, salvare quel che più manca, evitare quel che può pregiudicare il gruppo; del resto niente potrebbe intralciare la nostra rovina se anche fuggissimo stupidamente, salvando in apparenza la nostra entità.

E che cosa sarebbe la nostra società senza la cooperazione individuale?

La nostra civiltà ha come caratteristiche l'Unione e il rispetto per l'individuo. Dobbiamo lavorare per questa Unione se vogliamo prenderci cura di noi stessi.

Perché non andiamo direttamente alla causa invece di accontentarci di palliativi guardando gli effetti?

È per questo che un soffio ribelle agita le anime grandi e veggenti.

Che gli intellettuali di tutto il mondo si arruolino per la grande armonia di un sogno precursore alla ricerca del benessere collettivo.

"Lasciate che i morti seppelliscano i morti", che la massa ignara si affatichi nel portare i cadaveri, e che questi concedano cerimonie come se la carne fosse la vita: ma a coloro che pensano spetta individuare il meglio.

Nella società attuale le terre, i mari, le miniere, le mogli, i figli, le masse lavoratrici – tutto è di proprietà.

Solo l'aria e il sole sono di tutti, perché sarebbe impossibile vendere l'aria misurandola attraverso la respirazione di ogni pianta o animale, e nessuno può tenere per sé o contenere tutta l'energia solare, a meno che....

E a volte neanche questo: negli alveari non entra neanche uno striscio di sole o un raggio di luce...

Tutto deve essere di tutti, e ciascuna creatura è libera di governare se stessa fino a dove non pregiudica il suo simile.

Il bambino non appartiene né ai genitori né a nessun altro. È venuto al mondo secondo una legge naturale e a volte per un disguido … e ha il diritto alla vita.

L'alimentazione, le cure che lo avvolgono da parte di chi gli vuole bene, non sono dispensati al bambino, bensì alla collettività.

Quanta più forza, salute e vigore fisico e intellettuale avrà, tanto più sviluppate e rinforzate saranno le sue facoltà morali; quanto più sarà rispettata la sua libertà, tanti più benefici potrà diffondere nell'ambiente in cui è nato.

Le abitudini di oggi ci obbligano molte volte all'indifferenza. Nessuno ha il diritto di maltrattare un bambino, e quando qualcuno sì crederà in diritto di intervenire in una scena brutale tra madre e figlio e tra uomo e bambino, allora staremo andando verso qualcosa di migliore.

È necessario che il figlio impotente, sofferente e infelice, si stacchi dalle braccia dei genitori che non lo meritano.

Quante volte, con ripugnanza e dolore nell'anima, assistiamo al pestaggio di bambini, senza poter intervenire; e quante volte la madre reagisce e viene bastonata, perché il più forte e il più potente è l'uomo.

Quando ciascun membro della società non darà fondo ai capitali per alimentare ed educare i figli, allora nessuno avrà paura di una famiglia numerosa, e gli obblighi tanto pesanti e le responsabilità scompariranno per lasciare spazio al lavoro contento di spendere energie per accumularne il doppio.

Il bambino sarà quindi speranza e conforto, una dolce alba. Nella sua attesa tutto si abbellirà, e non sarà come oggi che l'arrivo di un bel *bebè* è molte volte rimpianto con un vortice di lacrime se non di bestemmie.

Quando i giovani avranno nozioni di eugenetica, di responsabilità morali e di amore per i propri simili, allora non avremo figli ciechi per la sifilide e ricoperti di piaghe.

Nessuno si propone di portare la felicità sulla terra: sarebbe troppo complesso e abbraccerebbe un ampio punto di vita. Ma possiamo affermare che la lotta economica, causa di tutte le disgrazie, scomparirà quando la maggior parte della gente idealista e perseverante si convincerà che la miseria è la mancanza di igiene fisica e morale e "il peccato fisiologico" collettivo.

Conclusioni

Non si tratta di carità, e non è giusto dare *caritatevolmente* ciò che ci avanza e che a volte, o quasi sempre, accumuliamo a spese del lavoro e della miseria altrui. Esigiamo piuttosto la restituzione.

Chi sogna la fratellanza universale deve sviluppare in sé un ampio eclettismo e un coraggio energico e protestare contro il diritto del forte sul debole, al fine di accelerare la soluzione del problema economico e sopprimere la miseria del pane e del vizio dalla faccia della terra.

Imparare a pensare – ecco la grande questione.

Analizzare i problemi sociali, "la frequenza dei crimini e dei suicidi, termometro della degenerazione nervosa della società", osservare da vicino e in modo scientifico i danni prodotti dall'alcool, dalle malattie endemiche, dall'ignoranza delle superstizioni igieniche e morali; analizzare le rovine della miseria e del dolore fisico e morale; studiare le questioni di antropologia nelle quali salta agli occhi la debolezza dell'ideale di fratellanza a causa del pregiudizio razziale; studiare l'uomo e la donna nelle caratteristiche speciali di ciascun sesso, e la sociologia sulla base del miglioramento del carattere e dell'equità; concludere infine da tutto ciò che ogni creatura ha diritto alla vita e all'amore, e che ogni essere umano ha il dovere di contribuire al benessere sociale – questo è pensare, questo è usare il ragionamento.

Non è facile per la donna, fin qui obbligata all'ignoranza e all'inattività dell'intelletto, convinta di essere libera quando invece è un giocattolo di convenienza nelle mani di mascalzoni, con quella sua aria di umiltà e di sottomissione…

La carità non solo umilia, è anche antiprogressista. Caritatevoli, no; solidali, sì; egoismo collettivo. La disgrazia di A o B mi deve ferire: siamo tutti fratelli; dentro qualsiasi individuo esiste latente questa stessa scintilla che illumina la mia coscienza, la forza cosmica, l'energia universale. Partendo da questo ampio principio, la vita si dispiega in una immensità abbagliante, e l'amore cresce dentro il nostro petto.

Il mondo è di tutti, in modo uguale.

Educare la donna, toglierla dalla superstizione, dalla religiosità, dai pregiudizi, dal-

l'ignoranza, affinché essa sia elemento di progresso e non forza dispersiva e dannosa allo spirito di *unione*.

Eliminare i vizi.

Educare razionalmente i bambini.

Trasformare radicalmente l'ambiente scolastico.

Abolire le catene e le carceri. Le prigioni creano criminali. La catena umilia. Là esplodono le degenerazioni. Per i bambini, solo case di educazione e mai bacchetta, prigione, lavoro forzato o tribunale.

Riposo per i vecchi e gli invalidi.

Lavoro per tutti.

Divieto del lavoro minorile in fabbriche e officine.

Assistenza alle madri.

La miseria non diminuisce con la creazione di un patronato o di un *asilo nido*. Iniziative come queste sono gocce d'acqua nell'immenso oceano della miseria.

La soluzione non è l'*asilo nido*, ma la lotta sistematica contro le cause della miseria fisica e morale, del dolore umano, evitabile nella maggior parte dei casi.

Protestare contro lo sfruttamento da parte dei forti, dei ricchi, dei potenti.

Autoeducazione dell'*élite*, ed educazione delle masse per sentire e far sentire la necessità della realizzazione interiore, per fini più alti.

Libertà! Uguaglianza! Fratellanza! Ordine e Progresso[158]*!*

La disuguaglianza sociale!
Nelle case confortevoli l'inverno arriva quasi come una benedizione.
Motivo di piacere intenso, è il periodo delle spese, del lusso, dei viaggi, dei divertimenti eleganti, di sensazioni nuove...
E l'inverno per i poveri? È la miseria nella sua più alta espressione di dolore, è il tremare delle carni insoddisfatte, è la protesta organica nella materia fisiologica, è l'impoverimento, è la morte di chi non resiste più, è l'esaurimento di tutte le provviste, di tutte le speranze, di tutte le energie, è a volte il risveglio della bestia addormentata...
I bambini!
È penoso immaginare il dolore di tanta gente in giro, con un rifugio appena: non so neanche come fanno, con il figlio al collo, quasi nudo, rosso dal freddo, i piedini ghiacciati, le labbra tremolanti, in lacrime, che non capisce neanche da dove deriva il dolore...
Queste persone squallide, miserabili, dalle energie impoverite, le facce invecchiate precocemente, lo sguardo perso nell'incoscienza, i seni appassiti per la povertà di una linfa già spenta e degenerata, queste sembrano quasi statue viventi dell'indifferenza...
E le altre, quelle ricche mantengono la rigidità dei seni per ostentare il busto dritto sotto gli occhi sensuali nei saloni del fior fiore sociale!
E a questo viene dato il nome di *umanità*...

Il popolo ha i suoi rappresentanti, dicono.
Il popolo paga questa rappresentanza con il suo lavoro da Titano, giorno e notte, inverno e estate, di generazione in generazione, sempre schiavo attraverso i secoli di oppressione e dispotismo.
Queste generazioni si estinguono, degenerano, si corrompono perché la vita è insopportabile, le sofferenze insuperabili, la lotta gigantesca.
Di padre in figlio si trasmette il dolore di un essere miserabile, si forma la casta e il

[158] Riferimento all'espressione "Ordem e Progresso" presente nella bandiera del Brasile.

figlio del reietto non potrà arrivare ad essere cittadino libero, se non sulla carta, una lettera morta.
Diritti? Bugie.
Solo doveri.
Il suo diritto è il lavoro spossante, il compito di tutta una vita, è il morire sotto l'impalcatura, sotto le zampe del cavallo, sotterrato nelle miniere, impoverito nelle fabbriche, esploso in uno scoppio, confinato nelle celle di una prigione, ammanettato nel pensiero, privato del raziocinio.
E questa la chiamano uguaglianza sociale...

I rappresentanti di questo popolo svernano in città eleganti, danno feste su feste per commemorare l'entrata trionfale dell'inverno che là fuori distrugge molte vite, indebolendo l'organismo innocente dei bambini, ammazzando di dolore le madri, rendendo aridi i cuori.
I ricchi si corrompono, degenerano. Si viziano con lo *sport*, magari senza neanche ricordarsi che i loro poveri figlioletti consegneranno loro sotto forma di tare ereditarie i frutti di queste orgie provocate dall'ozio del corpo che corrompe l'anima.
E i nostri codici rivolgono preghiere alla Fratellanza.
E come dice Büchner:
"L'eccesso di povertà e l'eccesso di ricchezza, l'eccesso di forza e l'eccesso di impotenza, l'eccesso di felicità e l'eccesso di miseria, l'eccesso del superfluo e l'eccesso delle privazioni, una scienza fantastica e un'ignoranza fantastica, il lavoro più penoso e il godimento senza sforzo, tutti i generi di bellezza e di splendore e il più profondo degrado dell'esistenza e dell'essere: sono questi i segni che caratterizzano la società odierna, che, per la grandezza dei suoi contrasti, supera le peggiori epoche di oppressioni politica e di schiavitù".
Oh! Il suono della mia voce non arriverà a voi potenti, alle vostre orecchie.
Ma domani, alcuni di questi bambini che tremano di freddo oggi, bei bambini, e anche ingenui, come i vostri figli forse, si trasformeranno in anime senza cuore.

E siete stati voi, è stata la vostra indifferenza criminale o la carità umiliante fatta per sport, derivante dalla vostra mondanità, è stato l'esibire i vostri figli nutriti e protetti – è stato questo a farli crescere nell'odio verso di voi, nell'odio verso i loro fratelli.
Sono stati gli alberi illuminati di Natale, i giocattoli, i *bonbon*, i divertimenti dei figli dei ricchi che li hanno iniziati al sentiero del crimine, della brutalità, della selvatichezza verso le donne e i bambini.
È stata la mancanza del pane per il corpo, la privazione della vera scuola per la mente, che ha messo a tacere dentro loro stessi l'*io* divino e che ha fatto irrompere il grido feroce della "bestia" che risiede in ogni creatura.

La scuola di oggi non è per i poveri.
L'accoglienza è solo per i ricchi.
I dolci e la frutta non bastano ai potenti.
I cavallini di legno, le macchinette, tutti i giocattoli offerti nelle vetrine allo sguardo bramoso dei bambini affamati, sono esposti attraverso un vetro che ha questo significato: "Passate oltre, questo non è per voi".
Il povero nasce misero e finisce all'ospedale o in prigione. I suoi divertimenti sono il lavoro e il dilaniarsi gli arti nelle pulegge delle macchine.
Tutte queste cose sono per i bambini ricchi, quelli i cui genitori hanno ereditato o hanno vinto grazie allo sforzo del popolo, dei vostri genitori forse.
Loro, gli altri, hanno l'oro e l'oro è il meccanismo dell'intera società.
Quest'oro, se è stato acquisito illecitamente, non mi interessa.
Io so solo che l'oro compra tutto.
"Non fa per voi. Passate, andate al lavoro. Divertitevi come potete, mentre aspettate quello che non arriverà mai..."
È ciò che le vetrine di bonbon e di giocattoli dicono ai diseredati della vita.
E la rivolta cresce in ogni cellula di questi organismi, in ogni fibra di queste anime di reietti dell'umanità.
E il bambino si ribella quando è uomo.

Non vi sorprenda che, più tardi, essi protestino nel furore delle barricate, lanciando il fuoco della loro disperazione contro le casseforti delle vostra reazione.
Se sono diventati selvaggi, la colpa è della società che li ha isolati, come se fossero appestati.
L'arte, il teatro, le mostre, la musica, i viaggi, i libri, tutto quel che eleva nella contemplazione del Bello, nell'estasi della perfezione, tutto ciò è proibito a chi non ha denaro.
Per questi ultimi, ecco il cinema, scuola di vizio, di ladrocinio e di sensualità, l'alcool, il gioco, ciò che degrada, che addormenta la parte divina dell'uomo, ciò che lo degenera nella sue fibre più sensibili.
Questa è la Libertà che viene loro concessa... In seguito, la prigione, l'ospedale, i manicomi, gli ospizi per invalidi, le scuole per anormali, i bordelli.
Che disgraziato ordine sociale!
E le bambine? Quante ce ne sono, là fuori, nella promiscuità ripugnante nei vicoli e nei bassifondi, con in bocca la risata degli impuri, disposte alle più basse volgarità, incapaci di arrossire: non hanno avuto il tempo di conoscere cosa sia l'innocenza, il candore. Sono nate e hanno visto da subito il fango delle sconcezze umane.
Bambini che vivono i sogni più incantati dell'immaginazione infantile, la più bella tappa della vita, praticando azioni indegne...
Questo è "l'Ordine e il Progresso" dei nostri tempi...
Sbracciandosi lungo il portentoso litorale, attraversando ed aggrovigliandosi nelle foreste vergini, allungandosi vertiginosamente, paradossalmente con la civiltà, le malattie endemiche soffocano il paese nella sua vitalità.
A cosa ci serve tanta ricchezza?
Se il patriottismo è cantare inni e promuovere parate, fondare leghe burocratiche, esaltare le bellezze naturali di questa terra che stordisce, dove sgorgano le cascate di Paulo Afonso[159], in un'apoteosi abbagliante; se è mostrare l'iridescente tavolozza di colori che brilla delle stelle di questo cielo opulento; se è descrivere le munificenze delle foreste vergini o manifestare espressioni incandescenti di stupore davanti all'Amazzonia son-

[159] Le cascate Paulo Afonso interrompono la navigabilità del Rio São Francisco a circa 300 Km dalla foce, nello stato di Bahia.

tuosa, o scalare, con uno slancio, le cordigliere verdi dei nostri smeraldi pagani – ebbene sì, signori, siamo patrioti.

Ma a cosa serve tutto ciò?

L'alcool, la sifilide, il morbo di Chagas[160], la malaria, la verminosi stringono questa popolazione esangue in un cerchio di ferro, mentre i poeti cantano e cantano, stremando come le cicale.

Nessuno vuole rendersene conto.

Carlos Chagas, Oswaldo Cruz[161], Miguel Pereira[162], Belisario Penna[163] e altri ancora, hanno spalancato le porte di questo "immenso ospedale".

Euclides da Cunha aveva descritto con uno stile infuocato la vita dei nostri sertanejos[164].

Nessuno afferma più con convinzione che la povertà e la malattia sono una contingenza naturale, una fatalità.

Non serve ricorrere alle meravigliose descrizioni di Zola e Gorki per accertarsi che i poveri non abitano case bensì corridoi e mansarde senza luce né aria, umidi, senza scarichi, che odorano di marcio, che sanno di turpitudine.

È la Pigrizia, è l'alcool – mi hanno detto molte volte.

Sono d'accordo.

Ma cosa hanno fatto l'Unione, lo Stato, il Comune, il capitale, i poteri competenti per sottrarre il ragazzo alla questua, all'osteria, al vagabondaggio, all'analfabetismo, alle malattie evitabili? Che cosa ha fatto per incrementare le scuole professionali, le officine,

---

[160] Dal nome del suo scopritore, Carlos Chagas, medico brasiliano specializzato nello studio della malaria, che nel 1909 scoprì la Tripanosomiasi Americana, chiamata in seguito Morbo di Chagas. Si tratta di una malattia trasmessa all'uomo da una puntura di un insetto, il "barbeiro".

[161] Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), pioniere della medicina e della ricerca scientifica in Brasile.

[162] Miguel da Silva Pereira (1871-1918), medico e professore, membro dell'*Academia Nacional de Medicina*. Nella regione dell'attuale città di Miguel Pereira creò sanatori per il trattamento della tubercolosi.

[163] Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939), medico. Nel 1904 iniziò a collaborare alla lotta contro la febbre gialla, la malaria e altre malattie presenti in Brasile.

[164] Uomini e donne che vivono nel sertão, zona che si espande negli stati di Minas Gerais, Bahia, Tocantins e Goiás. Con l'arrivo dei colonizzatori europei e degli chiavi africani, la popolazione indigena che viveva queste terre si mescolò ai nuovi arrivati, tanto che oggi il sertanejo presenta tratti somatici dei tre gruppi. La sua cultura è caratterizzata dallo stretto legame con l'allevamento del bestiame, dai modi di vita semplici che si riflettono nell'organizzazione familiare, nell'abbigliamento e nell'alimentazione.

le piccole produzioni?

Che cosa ha fatto per dare impulso alla cultura?

È facile rispondere.

Ha aumentato le tasse, ha tolto, a caso, molte braccia all'agricoltura a favore della caserma, ha riunito membri del Congresso, ha dato privilegi ai magnati, ha aiutato grandi industriali, è passato da un'ALTA QUESTIONE all'altra, dalla *borsa* al *caffè* con potenze straniere, e ha moltiplicato le leggi.

L'indifferentismo criminale o ancor prima l'egoismo personale ovunque: nei circoli intellettuali, tra i *parvenu* della politica, nelle riunioni ultra eleganti.

Esiste l'ancilostomo duodenale ma esiste anche, di sicuro, un altro verme che corrode i nostri sentimenti e affievolisce la coscienza nazionale. Forse è un'ameba iconoclasta di idee e del carattere...

Mentre il tracoma, la lebbra, il barbeiro[165], la sifilide, l'alcool e la tubercolosi degenerano, ammazzano, fanno impazzire, la donna *chic* nei *tè tango* e al *tè delle cinque* parla francese, appare con Lulù di Pomerania[166] alle esposizioni di cani, va ai ricevimenti delle ambasciate dove conversa di beneficenza, di problematiche, di esibizioni e accompagna i capi delle Nazioni all'apertura di mostre... di canarini!

Mentre l'alcool deprime e la mortalità infantile spaventa, noi, i civilizzati, ci ritiriamo dietro un egoismo sordo, sfoggiamo uno spirito religioso che non possediamo, una carità mondana pretenziosa e quasi inutile.

Il sentimentalismo sciocco della donna deve scomparire dando luogo al sentimento razionale per il rinnovamento di tutto il mondo.

Non mancano poi tra i patrioti quelli che innalzano inni e glorificano questo Brasile eccezionale, quelli che esaltano il patriottismo con parole altisonanti, ma che si abbandonano a se stessi, o nei luoghi di divertimento, incapaci di agire, con uno slancio degno di cause veramente nazionali, o meglio, internazionali.

Quanto a questi poeti di second'ordine, dovremmo legiferare come il divino Platone:

---

[165] Insetto responsabile della Tripanosomiasi Americana. Succhia il sangue umano e in questo modo trasmette la malattia.

[166] Razza di cane, detto anche Spitz nano.

“Incoronateli di rose e cacciateli subito dopo”.

L’arte di oggi deve ispirarsi alle virtù anonime, alla gente semplice, ed elevarsi all’altezza della sua bontà sconosciuta e ingenua; deve rivolgersi ai bambini che non hanno diritto all’infanzia, alle donne di campagna la cui missione è solamente procreare invecchiando precocemente, a quei ragazzi degenerati dall’eredità dell’alcool e della sifilide, a quei vecchi la cui vita è stata un incubo, invece che un sogno alla ricerca dell’Ideale.

L’arte, la letteratura, la società, il teatro, il cinematografo, l’insegnante, tutti e tutto sono un fattore educativo, tutto deve servire al più alto dei problemi: RISANARE!

La stampa mercenaria! Gutenberg non immaginava che fosse capace di prestarsi alle più sporche ambizioni!

È più facile uccidere il *necator americanus*[167], che intossica il sangue, che annullare il valore dell’oro, che avvelena le anime.

Si tratta di una guerra senza tregua all’ancilostomo, al barbeiro, al tracoma, all’alcool: una guerra senza tregua ai ciarlatani degli uomini e dell’idea, parassiti sociali la cui vita fin dalla culla è mossa da ambizioni.

Nessuno mira ad altro se non al proprio *io*, e i genitori insegnano ai figli la grettezza e il disinteresse per tutto ciò che è bello, giusto, grandioso.

L’audacia per superare l’infinito in uno slancio di entusiasmo e di amore è una causa comune, e comporta la derisione di chi si arricchisce sulla miseria altrui.

E se un ragazzo tenta di volare più in alto nel sogno della vita, divinizzando il grande Ideale, lungo la strada che egli ha ricoperto di fiori, sopra i petali che profumano dell’immaginazione tropicale, trova l’uncino che gli sanguina il cuore rosso come un’alba di fuoco.

Le ispirazioni superiori – messe al bando.

L’interesse, il motivo di qualsiasi sforzo.

Che vergogna per noi il successo e il crollo delle famose società di mutuo soccorso!

Basta questo a definire la cupidigia che si è impossessata di tante anime riccone.

Per quanto riguarda i modi di sfruttamento, noi soffochiamo le nostre più belle capacità,

---

[167] Parassita che causa l’anchilostomiasi, malattia diffusa nei paesi tropicali a clima caldo-umido.

i nostri migliori sentimenti.

Il proletariato ha ragione a rivendicare a voce alta i diritti che gli spettano.

Il quadro delle coabitazioni e dello sfruttamento da parte dei proprietari, provano pienamente l'opinione di Bertarelli[168]: "le strade, la polvere, il lavoro, l'alimentazione e così via, tutte queste cose hanno la loro parte di responsabilità, ma la casa è il fattore determinante della tubercolosi". Lo sfruttamento da parte del commercio e del salario completano il quadro.

Quante persone concorrono inconsciamente alla tubercolosi delle classi produttrici?

Il cinematografo ci ha svelato la pena e la miseria degli abitanti lungo il San Francisco e i suoi affluenti.

Ciascun brasiliano in ogni sua nelle fibre deve singhiozzare davanti a tanta devastazione in mezzo a tanti splendori.

Clima benedetto...

Sole meraviglioso...

Splendida luce!...

Nel frattempo, malgrado tanta civiltà, nonostante i successi della scienza e delle teorie psicologiche, non ci sembra di essere molto lontani dal Medioevo in quanto all'igiene.

Teniamo ben vicino a noi alcuni volti leggendari, di luminari, di martiri e di santi, di re eminenti e di belle cortigiane...

Non serve ricorrere ai maestri per dire che la nostra coscienza, le azioni, il carattere, l'energia, il temperamento, l'intelligenza, che tutto insomma dipende o è sottomesso al nostro organismo, soprattutto alla condizione del sistema nervoso.

L'abbiamo sperimentato.

Non serve studiare le scienze per sapere che qualsiasi organo malato intacca la vita dei nervi e delle cellule.

Da ciò tutta una serie di turbamenti, malumori, indifferenza morbosa, indolenza del

---

[168] Ernesto Bertarelli (1873-1957), scienziato, medico, giornalista, divulgatore scientifico ed editore italiano. La sua attività di ricerca è stata dedicata soprattutto all'igiene e in particolare allo studio dei vaccini. Fu direttore dell'Istituto vaccinogeno di Berna e insegnò all'università di San Paolo del Brasile, di Rosario (Argentina), di Buenos Aires e alla Rockfeller Foundation. Tra le altre cose è noto anche per aver dimostrato la trasmissibilità della sifilide negli animali di laboratorio.

corpo e del carattere.

Riguardo al bambino, cosa si è fatto in Brasile? Pochissimo, solo iniziative individuali.

Tutto dorme: solo vegliano la politica e il capitalismo.

La donna elegante ha saputo che a Parigi è stata fondata l'opera dei *lettini candidi* e ha dato feste di beneficenza aderendo ad associazioni straniere.

E i nostri bambini, pieni di verminosi, degenerati dal barbeiro e dall'alcool, non conoscono né *lettini candidi*, né ospedali infantili, né colonie estive, né latte materno perché i seni delle madri povere si inaridiscono di miseria e di dolore.

Le altre madri, ricoperte di perle, vanno a teatro a esibire *toilettes* e a ascoltare buona musica.

I dirigenti zittiscono chi denuncia la verità sulle *frodi legalizzate*.

E *chi procura aborti clandestini* si fa pubblicità quotidianamente nelle colonne dei giornali!

Civiltà di pregiudizi, di avidità, di corruzione!

E solo adesso qualcuno ha notato: "Di tutte le energie che sono state scoperte e impiegate negli ultimi anni – l'elettricità, i raggi X, il telegrafo senza fili, la radio, il magnetismo, la telepatia eccetera – nessuna è utile, nessuna ha inciso con più efficacia a sollievo e a pro del bene dell'umanità dell'*energia femminile*. È la scoperta di cui dobbiamo essere più orgogliose..." e di cui dobbiamo vergognarci di più...

Ci sono cose che non si scoprono se non quando ci ostiniamo a non vederle.

Noi non sentiamo l'atmosfera che ci avvolge in un ciclone straordinario di forze ristoratrici.

Estasiate, in contemplazione, aspettiamo il *simoun*[169] in mezzo al deserto dell'ignoranza, dell'indifferenza.

La donna è tre volte schiava: schiava della sopravvivenza, della domesticità, della sottomissione all'uomo più autoritario e *superiore*.

Schiava del salario, del giogo del lavoro domestico obbligatorio per il sesso femminile, *protetta* dalle leggi e dall'uomo che le richiede un lavoro incompatibile con le sue forze

[169] Il *Simoun* è un vento forte, secco e polveroso che soffia nel deserto e produce un senso di soffocamento.

pagandolo di meno e comprando o vendendo il suo corpo dentro e fuori dal matrimonio, il tutto legalmente... Schiava, tutelata mentale, soggetta ai direttori spirituali attraverso la *diseducazione* millenaria, il cui obiettivo è vietarle il raziocinio, il libero esame, lo sviluppo della mentalità.

Cosa può pensare della vita e dell'evoluzione sociale una creatura schiavizzata con la forza e con i pregiudizi, tutelata dall'ambiente sociale, attaccata alla sua ragione da secoli i ginecei e di harem?

Questa è la *Libertà*! *Uguaglianza*! *Fratellanza*!

Questo è l' "Ordine e Progresso" della nostra civiltà di barbari insaziabili.

Fratellanza per l'Arte e per la Donna

> "Dov'è l'angolino blu verso il quale si gireranno gli spiriti che scalano il cielo che nasconde il futuro ai nostri occhi esitanti? Dov'è il raggio di sole che farà sciogliere le nevi dell'odio e lascerà nei cuori il calore vivo di pace e amore? Non è questo disorientamento della coscienza pubblica e questa misera ostilità a caratterizzare la nostra generazione? Questa perturbazione dei cervelli, questo delirio del pensiero, questa debolezza delle volontà si producono in tutte le epoche di transizione, quando l'umanità si ritrova ai confini di un mondo che se ne va e di un altro che nasce: è come l'ora mattutina in cui l'alba comincia vagamente a disegnarsi, su di un mondo oscuro, con gli oggetti mal illuminati".
>
> S. Faure, *Il dolore universale*[170]

Siamo degni di vivere in un secolo così grande?

Fine della civiltà: energie che si fossilizzano sfiorando le correnti ancestrali e conservatrici, che si mantengono reazionarie e ostacolano l'impeto delle forze nuove.

È l'inizio di un grande movimento in cui si confondono e si avvertono i tuoni delle tempeste minacciose, la brezza umida delle nuvole basse, l'atmosfera carica di movimenti tellurici, il secco scintillio dei lampi che fende le superfici e minaccia di farli crollare sin dalle fondamenta.

Due straordinarie correnti si scontrano e si sfidano in modo violento: il passato non cede facilmente il passo all'avvenire.

Forze ugualmente grandi e ugualmente potenti, che si irreggimentano e si armano in difesa dei propri principi e si battono nell'arena sociale.

Siamo di fronte a due eserciti maestosi.

Necessariamente uno deve cedere tutto all'altro, con un grande mutamento di valori morali. Dogma e pensiero libero, principio di autorità e principio di libertà, pregiudizio e benessere individuale, sono incompatibili.

---

[170] S. Faure, *Le douleur universelle*, Paris, Savine,1895.

È un crocevia.
Bisogna decidere freddamente e optare per uno dei due eserciti combattenti.
La via di mezzo, l'adattamento, l'indifferenza, l'egoismo, non sono neutrali: sono vestigie del passato, si arruolano nell'esercito della retroguardia, sono forze reazionarie, armi con le quali le idee fossilizzate pretendono di ingannare i portabandiera delle idee nobili.
Quante volte la prudenza serve da pretesto alla codardia?
Ecco perché la civiltà odierna ha due facce: una girata verso le macerie della società agonizzante, l'altra in estasi davanti alla bellezza aurorale del sole nascente.

Letteratura borghese

Ecco perché la letteratura si è suddivisa come tutto il resto: ci sono una letteratura e un'arte borghese, e una letteratura e un'arte ribelle, rinnovatrice, irrequieta e grande.
La letteratura borghese è strumento reazionario, accomodante, politico, capitalista, difende i principi autoritari e l'*ordine sociale* costruito su basi ingiuste, oppure è indifferente al benessere sociale e fa parte dell'*istituzione del mutuo elogio*.
La stampa mercenaria è nelle sue mani.
Si vendono e si comprano tra di loro.
Attaccano oggi quel che difendono domani, scrivono su commissione e per denaro, si sfidano per vanità, si incontrano ufficialmente, sbarrano la strada al nuovo, chiudono le porte al giornalismo vero, si trincerano dentro una cerchia ristretta dove nessuno può più penetrare. Si punzecchiano ma si elogiano reciprocamente in un assedio indispensabile alla riuscita effimera di una generazione.
Sono i giornalisti nelle cui mani sta quella critica fatta di elogi o di attacchi senza pietà, oltre alla tattica del silenzio, che è l'attacco più terribile. È questa la letteratura ufficiale di tutti i popoli: quella che appare, quella che viene a galla con l'effimero degli applausi delle masse contemporanee.
Questi artisti sono al servizio dei governi e visitano i proprietari della terra sfoggiando credenziali e basse adulazioni; predicano il *nazionalismo* e il *patriottismo* di facciata, vendendo le loro parole facili ma senza convinzione.
Questa letteratura non può essere presa sul serio. Questa non è arte. L'arte è vita, è

movimento, è rinnovamento. Essere conservatore significa soffocare intime vibrazioni e trasformazioni vitali; significa uccidere la sete interiore di Infinito che è aperta dentro ogni anima illuminata. L'artista è un creatore. Creare è vivere, è trasformarsi.

Essere conservatore significa voler respirare assieme ai cadaveri insepolti e alle loro idee morte da sole per l'evoluzione. Significherebbe corrompere, deteriorare i vivi, a contatto con l'inevitabile putrefazione...

Questa letteratura ufficiale e ufficiosa può aver forma ma non avrà carattere: le mancano la sincerità e l'energia delle convinzioni.

E se qualcuno di questi artisti ha scritto un'opera sentita, una perfetta opera d'arte, lo ha fatto in un momento felice di libertà, in cui non si è ricordato che poteva abbassare il suo talento nelle paludi dell'adulazione per acquistare guadagni o vittorie ufficiali.

Ma quando l'artista si adatta e si inginocchia in patriottismi d'ufficio o si china in slanci religiosi davanti all'altare fazioso di una qualsiasi setta e credo, politico e non, senza il coraggio delle convinzioni che è prova del carattere, si trasforma nel più vile dei lacchè e verrebbe scacciato dall'arena artistica se i suoi potenti non ne avessero bisogno per la difesa dei principi dell'autorità e delle istituzioni costituite a favore dei potenti e contro i deboli. Non è questa la Letteratura ribelle.

Nella poesia, nella musica, nel romanzo, nel saggio di critica sociale, nell'educazione, nella pittura, nella scultura, ci sono borghesi e ribelli.

I quadri storici svelano il pittore. Nel silenzio delle tele parlano anime antiche o respiri rivoluzionari.

Nel marmo c'è un grido ribelle o un gesto rassegnato.

Nelle tele o nei marmi, nella musica o nella danza, c'è castità e purezza assoluta oppure oscenità. Stoicismo non significa adattarsi.

C'è stoicismo nelle opere d'arte così come ci sono rassegnazione passiva e gridi di rivolta nelle braccia penzolanti delle statue o nelle tinte magiche delle tele celebri.

Il ribelle si rivela in tutte le creazioni.

Può essere stoico, eppure inadattabile...

La letteratura ribelle è creatrice, ha un'anima sensibile e leale, è forte come la verità, delicata come una sensitiva, e sussurra il grido lancinante del dolore universale.

Il vero rivoluzionario non si vende, non si mutila per vincere, non si presta a ruoli deprimenti, crea dentro se stesso l'ombra dell'Ideale e rinnova in ogni momento i voti di fede all'alba di altri sogni, e cammina con coraggio nella foresta densa di pregiudizi sociali, eliminando gli ostacoli per lasciare libere crocivie ai posteri...

Il ribelle fa l'*Arte Nuova*, l'*Arte Rivelatrice* e grande, l'*Arte Creatrice* l'*Arte Felice*: non questa pseudo-arte che cita nomi qualunque come se fossero grandi, ma l'Arte feconda, l'arte che divinizza il sogno degli uomini, di chi cammina lungo le strade della perfezioni indefinita, con un desiderio dolce di nuovi e più ampi orizzonti.

Il ribelle dopo Socrate è Giordano Bruno.

È la verità crocefissa, esiliata, bruciata nei roghi.

È Ipazia squartata, è tutto la cerchia di martiri da Cristo a Ferrer e Tiradentes[171], crocefissi per il proprio Ideale di giustizia, di Pace, di Saggezza e Amore.

Il ribelle è Victor Hugo, che fustiga ne *L'uomo che ride*, che frusta in *Novantatre* e ne *I Miserabili*, che canta i suoi poemi di dolore soffrendo le angustie umane, che fotografa e crea un fiume titanico di demolizioni per innalzare ciclopiche ricostruzioni a colpi di audacia...

Il ribelle è Zola, che distrugge e ricostruisce con l'anima in ginocchio davanti alle sofferenze e armato della nuda realtà delle miserie umane contro la ferocia degli uomini.

Il ribelle è Tolstoi, che compone i suoi Vangeli. È Élisée Réclus[172], il grande Réclus, il santo, il filosofo, il saggio.

È Dostoevskij, è Kropotkin[173], è Turgenev[174], è Gorky[175], è Zamenhof[176] contro la torre di Babele, è Istrati[177], è Pietro Gori[178]: sono tutti gli esiliati dalle idee vigenti, sono tutti gli eroi e i martiri dell'ideale rinnovatore.

---

[171] Joaquim José da Silva Xavier, più noto con lo pseudonimo di Tiradentes (1748-1792), politico e medico brasiliano, artefice insieme ad altri compagni, del tentativo insurrezionale contro il dominio portoghese noto con il nome di *Inconfidência Mineira*. Nel 1789 venne arrestato e condannato a morte. Venne decapitato il 21 aprile 1792, e il suo cadavere fu mostrato come segno di monito.

[172] Jacques Élisée Reclus (1830-1905), anarchico. Esiliato dalla Francia, visse anche in Sud America.

[173] Pëtr Alekseevič Kropotkin (1842-1921), filosofo libertario, teorico dell'anarchia e sostenitore dell'anarco-comunismo.

[174] Ivan Sergeevič Turgenev (1818-1883), scrittore e drammaturgo russo.

[175] Aleksey Maximovich Peshkov (1868-1936), scrittore russo, fondatore del realismo socialista.

[176] Ludwik Lejzer Zamenhof (1859-1917), medico e linguista polacco, noto per aver fondato le basi dell'esperanto.

Ribelle è Faure, è Jean Grave[179], è Hamon[180], è Malatesta[181]. È Faure, che demolisce e ricostruisce l'intero edificio della pedagogia; è Ingenieros[182]; sono i rappresentanti delle minoranze coscienti, le voci vibranti dei corifei dell'umanità idealista.

Ribelle è il figlio del popolo che, in uno slancio ciclopico, cerca di sentire gli impeti dei grandi delle idee e comunica con le loro anime, quando il corpo esausto e straziato riposa.

Ribelle è l'uomo del popolo che fa a pugni con la società borghese conservando la delicatezza della sua anima sensibile al dolore umano e si prepara, con coscienza, all'avvento della civiltà superiore.

Ribelle è il creatore e il demolitore e il costruttore, il muratore libero che costruisce con il cemento resistente della fede e dell'entusiasmo un futuro lontanissimo, sotterrandosi sotto civiltà guaste, ma gridando a pieni polmoni il suo sogno di bellezza, il suo desiderio di perfezione e equità.

E così l'artista spiana la strada, e porta la speranza con il pellegrinaggio delle sue tele o con la processione dei suoi marmi. Costruisce con le fiammelle delle sue grida ribelli o con la miniatura della sua arte creatrice, o con le critiche infuocate contro il regime di oppressione e di concorrenza in cui il motto millenario è stato sostituito dalle espressioni barbare di *mio* e *tuo*, dall'ansia dell'oro, del piacere, dell'ozio e dell'abbondanza per alcuni e dalla miseria e dal lavoro coatto per altri, e dello sfruttamento dell'uomo sull'uomo attraverso la più disumana delle schiavitù: il salariato.

E così bisogna demolire per ricostruire.

È ancora l'artista, il pensatore, l'uomo di lettere, gli emancipati, le é*lite* di tutte le classi sociali che noi vogliamo cercare per questo risveglio delle aurore.

È con la verità immortale, con la verità crocefissa in tutti i secoli, attraverso la scienza così come attraverso la fede, immolata sull'altare di tutti i *Moloch*, e con la verità

---

177 Panait Istrati (1884-1935), scrittore rumeno.
178 Pietro Gori (1865-1911), anarchico italiano.
179 Jean Grave (1854-1939), anarchico francese e figura di primo piano della stampa libertaria.
180 Augustin Hamon (1862-1945), anarchico francese.
181 Enrico Malatesta (1853-1932), anarchico italiano.
182 José Ingenieros (1877-1925), medico, scrittore e sociologo italo-argentino. I suoi studi sulla società affrontano aspetti morali e etici dell'Argentina di inizio novecento.

rediviva, che illumineremo le strade da percorrere lungo il sentiero dell'avvenire.
Ogni volta che i sacerdoti della verità incorruttibile muoiono nei roghi, sulla croce, nelle segrete o nelle secolari fortezze della prepotenza, la verità si spoglia della tunica di purezza per cingerne un'altra più immacolata per essere crocefissa, con un altro pretesto, fino a che in ogni civiltà l'umanità evolva verso una tappa successiva e cerchi di redimersi da sola salendo verso l'equità per tutti gli esseri e verso la bellezza per le coscienze addormentate. E ogni volta vengono svegliati dal letargo e dal cinismo rivoltante i *sottomessi*, i lacchè della prepotenza e i carnefici degli oppressi.
Ecco perché *l'élite idealista* e il proletariato ribelle, cosciente della sua schiavitù mascherata, sono nemici della *Politica dei partiti*. Questa politica è l'antitesi della verità.
Desideriamo la trasformazione radicale della società attuale, per procurare pane per tutte le bocche, affetto per tutti i bambini, conforto per tutte le madri, ricovero per tutti i vecchi, istruzione per ogni anima assetata di luce e di bellezze irraggiungibili.
Questa è l'opera dell'evoluzione sociale, una rivoluzione nelle mentalità volta alla presa della fortezza inespugnabile.
La politica dei partiti è sinonimo di farsa, di astuzia, di ambizione personale, di ipocrisia, di pregiudizi.
La verità è pura, non ha macchie, non conosce sotterfugi, si assume responsabilità, non fugge di fronte ai compromessi e ai doveri.
La politica è l'opposto. Sale da chi sta in alto, abbandona chi non riesce a star dietro alla "macchina sociale", ha intenzioni inconfessabili, traffica nei corridoi, aspira ad intese poco raccomandabili, si batte per l'interesse di un uomo a sfavore della collettività, cambia di nome e passa da un padrone all'altro, assume pose opposte, nega oggi quello che ha affermato ieri, fa gesti da commediante, parla, rappresenta la farsa umana, si abbiglia da vestale, piange facendo l'occhiolino, interpreta una tragedia ridendo, e bisbigliando una farsa, coltiva l'esercito dei buffoni del re...
La verità non si adatta a questi processi volgari, non accetta la stupidità, non si fossilizza, preferisce essere inchiodata sulla croce del suo calvario piuttosto che essere ricevuta e messa sul trono durante banchetti ufficiali o nei palazzi delle ambasciate.
E il popolo, stanco di cambiare padrone e protettore, stufo di essere protetto e deriso, ha

smascherato la farsa e detesta i commedianti di questo baccanale che si presta alle prese in giro. E il proletariato si arma e canta l'*Internazionale* in piedi, solennemente, sfidando il gruppo di chi calpesta la solidarietà umana; e suona i suoi clarini e supera le muraglie creando mentalità entusiaste per formare una nuova generazione di lavoratori coscienti.

Da lontano, scorgiamo di mano in mano la fiamma sacra, in un turbine di desideri precursori che sognano la leggendaria valle di Canaan...

E le masse proletarie ribelli separano la volgarità dalle cose vere.

Nessuno nasce più con gli occhi chiusi...

I proletari hanno scoperto i conformisti e li hanno messi a confronto con i rivoluzionari. Non si lasciano più ingannare facilmente. Ecco perché attraversiamo uno stranissimo periodo di trasformazione sociale.

E i due eserciti – quello del passato distruttore e quello del futuro – s'incontrano faccia a faccia, e iniziano una lotta tremenda e unica, perché l'uno legge negli occhi dell'altro.

Quante volte stiamo zitti per non essere indiscreti, dietro maschere, e assistiamo alla rappresentazione di farse...

E il proletariato si alza.

E le *élite* si irreggimentano.

È il principio di una Grande Fine...

Ma al popolo manca una scuola di ribellione.

La Scuola ufficiale, l'Università, è tradizionalista, antica, reazionaria, è la scuola del passato, con i suoi errori, impegnativa, piena di antichità polverose, incapace di un sogno inedito, incapace di una protesta cosciente e incapace di uno slancio rinnovatore.

Il nostro studente ha ancora impetuosi attacchi patriottardi, si sottomette, ripete luoghi comuni, ama la sensazione di salire attraverso processi consolidati, non cerca la soluzione da solo, preferisce il lavoro già pianificato. Desidera imparare a memoria e ripetere piuttosto che trovare le cose da solo, perché i tanghi, le jazz band infernali, i *cabaret*, il football, le conquiste facili, il sogno del denaro e la concorrenza lo conquistano sui banchi di scuola e affinano la sua immaginazione morbosa che ha generato una civiltà che ha come base l'oro e come conseguenza la sifilide.

Siamo arrivati al picco massimo, e lo stato selvaggio è tale che non si sente più una voce vibrante di un accademico se non per parlare in difesa dei *sacri principi del diritto e della giustizia*, con in bocca *libertà*, *fratellanza*, *uguaglianza*, in nome di parole risonanti, di emblemi consumati, laceri e disprezzati dai rappresentanti della stessa giustizia e dello stesso "ordine sociale" che si corazzano con indifferenza e egoismo.
L'accademico non volgare, emancipato, eloquente, idealista, è allontanato, astutamente messo da parte, cacciato e retrocesso *in un ambito privato*, a favore della reazione.
Le voci coscienti muoiono in gola. È il regno della mediocrità.

La scuola moderna

La scuola razionale, idealista, custode avanzata dei principi universali di tutti i secoli, è rivoluzionaria, è apostolato: è da qui che devono sorgere nuovi e vibranti voci di guerrieri che intonano l'inno solenne di redenzione sociale.
La verità è stata oltraggiata anche all'interno della scuola.
Ed è evidente che i cambiamenti di governo e delle forme statali non risolvono il problema della felicità umana nelle contingenze della vita terrena. La scuola è la forza.
Le rivoluzioni degenerano in barbarie se non c'è un ideale, se le anime non hanno una disciplina interiore, se le coscienze non sono all'altezza dei grandi sogni rinnovatori.
Finché la percentuale di analfabeti sarà quella che conosciamo in tutti i Paesi; finché l'istruzione rimarrà quella che è, accessibile appena ad una parte dell'umanità; finché il proletariato non si occuperà delle sue scuole, della sua cultura, slanciandosi titanicamente contro lo sfruttamento dell'uomo sull'uomo: finché dura tutto ciò è inutile pensare all'equità sociale, perché ci sarà sempre una fazione più furba che prenderà le redini dei governi e i posti privilegiati, a scapito di altri sogni più alti. È necessario quindi il pensiero individuale, il concetto di responsabilità.
Il nostro desiderio va ben più in là. L'educazione è una delle più straordinarie energie che portano alle grandi trasformazioni sociali, anzi, è la forza rivoluzionaria più potente.

L'igiene sociale è un'opera di scienza e un'opera di morale

Pensiamo come Grasset (*Idées paramédicales et médiosociales*[183]) che "l'Igiene sociale è un'opera di Scienza e un'opera di Morale. La Scienza non conosce, non studia e non dimostra che il Vero; essa ignora il Bene. Non è certamente immorale; essa è *amorale*. L'Igiene sociale non può esistere se non con la nozione e l'idea del dovere, che la Scienza ignora e che solo la Morale può donare. Se la biologia, ovvero la Scienza, governasse da sola la vita sociale, ci sarebbe guerra ovunque, una lotta per la vita; sarebbe il trionfo di quel che Tarde chiama «un vago pessimismo aristocratico e brutale», sarebbe il regno del più forte, che è una «sopravvivenza», e che ci riporterebbe all'era delle caverne.

Per realizzare il vero ideale del progresso sociale, bisogna ricorrere a un grande precetto: «amatevi e aiutatevi l'un con l'altro». Oppure, ecco un precetto obbligatorio di Morale che la Scienza non può dorare e che non ha mai avuto peraltro la pretesa di donare"[184].

Siamo contrari al trionfo della sociologia puramente scientifica, contrari alla sociologia biologica, che è vittoria della forza, della competizione atletica e dell'*aristocrazia procreatrice* e del super-uomo più muscoloso, oltre che fonte di guerre perpetue, moltiplicazione della specie e diminuzione dello spirito. "Quindi una società umana non può esistere, una sociologia feconda non può esser fondata se non si completano e non si correggono le leggi scientifiche della biologia e dell'igiene con delle leggi morali basate sulla mutua dedizione e sul sacrificio reciproco"[185].

Così, il nostro programma si basa sulla Scienza e sull'Etica, sulla Filosofia e sull'Amore.

La donna deve trasformarsi in una creatura cosciente, in una profetessa dell'AMORE, mossa da un'ampia concezione della Maternità cosciente, alla ricerca della rigenerazione umana e della rinascita delle anime.

---

[183] Docteur Grasset, *Idées paramédicales et médiosociales*, Paris, Librairie PLON, 1912. Grasset (1849-1918) è stato un medico neurologo francese, membro dell'Académie de médecine. Si specializzò nel campo delle malattie neurologiche, in particolare nello studio del cervello e della spina dorsale, ma anche nel ambito delle scienze occulte dell'ipnotismo e dello spiritismo.

[184] In francese nell'originale.

[185] Ibid.

L'educazione alla quale ci sottomettono, "diseducazione" per meglio dire, non crea donne sensibili alla maternità spirituale; questa educazione, dopo tanti secoli di sacrifici, ha dato come risultato la *melindrosa*.

Io non considero *melindrosa* o *almofadinha* gli individui che si vestono in questo o in quest'altro modo, chi si trucca o usa cosmetici: la moda esercita la sua influenza in un campo molto più ampio; tutti si sottomettono alla sua autorità: vecchi e giovani, statisti e scienziati, uomini e donne.

C'è bellezza e distinzione nel modo di vestire, e tutti se ne rendono conto. Il fatto è che la lotta economica è più forte del desiderio di apparire e di sentirsi appagati.

È futile fare di questo un motivo di eleganza, e l'eleganza l'unico motivo della vita. Vestirsi in modo trasandato è spregevole, denota povertà di spirito. Sottomettersi ciecamente agli obblighi della moda o pensare esclusivamente a se stessi, assorbiti da questa preoccupazione, è di una superficialità imperdonabile.

La melindrosa e l'*almofadinha*

La *melindrosa* o l'*almofadinha* sono quelli le cui degenerazioni mentali, le cui tare e il cui isterismo accentuato, originati dai vizi ancestrali e dall'educazione, o meglio, dalla diseducazione, costituiscono la teratologia psicofisica dei nostri tempi: uomini paurosi, nervosi, (effeminati, no!), dalle forme arrotondate, incapaci di pensare, voluttuosi e invecchiati precocemente, che rappresentano di sicuro un caso a parte nell'evoluzione della specie.

Donne dallo sviluppo fisico sospeso, dalle forme indecise, con le stesse caratteristiche patologiche dell'*almofadinha*, con il cervello indebolito da uno scetticismo incosciente, miscredenti su tutto, corrono da una parte all'altra per andare incontro a un qualcosa che non esiste, sognano una voluttà impossibile con occhiaie consumate da insonnie e da incubi, si precipitano verso i divertimenti uscendone insoddisfatte, infelici, senza ideali, senza pensiero, senza sapere cosa siano il dolore e il piacere, fingendo tutto quel sentire, sdraiandosi con *pose* da intellettuale e disprezzando le altre donne, isteriche, ibride: il loro *caso* è uguale a quello degli *almofadinhas*.

Sono frutti temporanei e scompariranno di sicuro.

Sono una caratteristica tipica delle civiltà decadenti.

Per questo, ci si domanda: la *melindrosa* è il perfetto tipo di donna, pura nel distinguere le sue virtù di dedizione, pura nell'essenza dell'Amore immortale, spirituale?

Nessuno mi risponderà di sì.

Sono le donne senza ideale, e non quelle che lottano per la propria emancipazione mentale, *quelle che rincorrono* i divertimenti di ogni genere, quelle che giocano alla roulette, quelle che fumano e si esaltano al tavolo da gioco, quelle che si suicidano e che causano suicidi, quelle che consegnano i figli a chiunque *per sentirsi libere*, quelle che rovinano la loro dignità e portano i mariti all'infiacchimento del carattere e al venir meno dei più nobili sentimenti.

Ci sono vecchi *almofadinhas* così come vecchie dame *melindrosas*: entrambi mancano di giudizio, di energia, di temperamento, di quel carattere che molte volte brilla in organizzazioni di giovani o di gente del popolo.

Bisogna gridare contro il *melindrosismo*, e lo strumento è l'ironia e la protesta energica, per mostrare alla donna la sua immortale bellezza nascosta nella parte più profonda delle anime sensibili.

E allora, in cosa consiste questa educazione? Nel continuare con quello che la scuola odierna insegna, così come lo ha fatto finora?

Questo significherebbe lasciare le cose come stanno. Perciò chiediamo un nuovo corso, allo scopo di aprire gli occhi per far sognare da svegli, di insegnare a guardare con la ragione, di insegnare a pensare e a giudicare, e di educare al sentimento attraverso la ragione.

L'educazione delle ragazze latine, fatta di quadri decorativi, di lavori di applicazione, di pittura, di lavori manuali, di musica, di studio delle lingue: tutto quel che le ragazze imparano non è sufficiente per chiamarlo educazione.

Non c'è dubbio che essa serva a *épater les bourgeois*, ma niente di tutto ciò è Arte, niente di tutto ciò è insegnare a pensare, niente di tutto ciò è capace di formare un'anima sensibile di donna finché si bada solo alla tecnica e all'insegnamento mnemonico, superficiale e metodico.

È all'Arte stessa che l'educazione moderna, razionale e scientifica chiede aiuto.

Attraverso i corsi di lingue, con la conoscenza della letteratura dei popoli civilizzati e delle leggende poetiche e suggestive, attraverso la recitazione, penetrando l'anima dei poeti dell'idealismo, attraverso feste dell'Arte, percorrendo le strade di dolore e di bellezza da cui sono passati pittori scultori musicisti, grazie all'euritmia sacra della danza classica di tutte le epoche e di tutti i popoli, e infine studiando i portamenti e le *pose* delle sculture, possiamo far comprendere che la donna, anche quella della società colta, nonostante sembri vivere dentro le preoccupazioni dell'Arte, non ha sentito la sua missione rigeneratrice, e che quella che chiamiamo Arte non è altro che profanazione del sentimento dell'Arte: è per questo che l'Umanità fa tanta fatica a fare un passo nella scala evolutiva, retrocede e si ferma, va e viene, in questa marcia di ascensione.

Sogniamo il risveglio della donna coinvolgendola nella corrente dell'Armonia Universale e facendole vivere il cantico dei Devas[186], abitanti del mondo interiore delle creature incoscienti.

Niente di più profondo del pensiero di Emerson[187]: "l'uomo è un re che abdica quando regna nel mondo".

La donna, svegliandosi per reintegrarsi nel Cosmo, prenderà possesso di se stessa.

È il risveglio che fa sentire l'incanto doloroso del generare e che feconda la Musa di coloro che sono ispirati dall'*Arte Nuova*, dall'*Arte rivoluzionaria* e grande.

L'educazione femminile deve basarsi sull'Arte ispiratrice, affinché la donna sia in maniera cosciente la sorgente da cui sgorghi la linfa benedetta della Bellezza.

Ma tornando alla decisiva domanda: come fare?

I mezzi dell'azione ci sembrano vani.

Questa educazione è impossibile con il caos, con le ambizioni, con la concorrenza, con la brutalità della civiltà borghese, con la routine ufficiale.

---

[186] Dal sanscrito "colui o ciò che emana luce", il termine Devas indica un dio o una divinità.

[187] Ralpho Waldo Emerson (1803-1882), scrittore, saggista e filosofo statunitense. Emerson è stato tra i primi a proporre un'etica individuale basata sulla fiducia in se stessi e sulla discussione dei valori tradizionali. L'asse portante del suo pensiero fu la definizione di "Superanima", descritta come una forza superiore che vigila e interviene sulla realtà, sul genio degli uomini, sulla filosofia e sulla poesia, come una porta d'accesso alla verità. La libertà degli uomini non è più, secondo Emerson, sfuggire o ribellarsi alla necessità e al senso del mondo, ma comprenderlo e accettarlo.

Con l'evoluzione? È troppo lenta e stretta da quella stessa civiltà di contrabbandieri dell'ideale.
Con la rivoluzione? E chi saranno l'Arjuna e il Pandava che contenderanno ai Kurava[188] il regno del bene e della giustizia sulla terra?
Gli uomini sono più o meno gli stessi.
Quelli che condannano la sfrenatezza dei detentori del potere sarebbero dittatori crudeli o si lascerebbero trascinare dagli ambiziosi, loro seguaci...
Solo dentro ai buoni cresce una razza eroica di Pandava...
E così si torna allo sviluppo individuale, alla necessità di toccare l'intimo di ciascuna creatura.
Sorge alla nostra coscienza la domanda decisiva... La rivoluzione? I nostri giorni *melindrosos* e sensuali non ne sono ancora degni.

Solidarietà e non *carità*

La carità soffoca, inganna, uccide l'iniziativa, crea rassegnati: è il rimorso dell'ingiustizia sociale.
Siccome le creature umane sono tutte sorelle, viaggiatrici lungo le stesse strade della vita, compenetrate delle stesse faville del Cosmo, noi siamo internazionalisti perché il cuore femminile deve essere presente in ogni luogo dove si accumula il dolore, e perché la morale o il diritto naturale (non la morale di ciascun popolo o la morale arbitraria) pongano le loro radici verso un futuro nel quale l'interesse delle collettività starà al di sopra dell'interesse delle Nazioni, e il Diritto Umano al di sopra del Diritto delle Patrie.
E la morale futura getterà le sue basi sul terreno della PACE, del lavoro produttivo e lieto.
Il pensiero è la realtà più potente della vita e l'ideale più facilmente realizzabile, il pensiero precede l'azione e tutto quel che l'uomo sogna finisce per realizzarsi sul piano delle forme: per questo vogliamo l'ideale e un pensiero vigoroso.

---

[188] Personaggi della Bhagavad-gita, testo filosofico indiano, ambientato in un campo di battaglia, dove i cugini Pandava e Kurava si fronteggiano. Arjuna invece, figlio di Pandu, si rifiuta di combattere.

Il nostro compito principale è *preparare l'ambiente e gettare il seme* che il sole di altre generazioni e la rugiada di altri sentimenti faranno germogliare un giorno.

Considerando che il mondo è dell'uomo e della donna, e che tutta la felicità acquistata da una metà del genere umano è condivisa dall'altra, e che dall'armonia può nascere solo l'Amore, così come l'odio può generare solo l'odio, noi del sesso debole tendiamo le mani verso l'uomo e non vogliamo altro se non accordo e reciproche mutue concessioni.

Desideriamo solo essere compagne in questa ascesa straordinaria, vogliamo un posto al suo fianco e non il ruolo deprimente di *soprammobili*, di animaletti domestici o di semplici strumenti per la continuazione della specie.

Siamo qualcosa di più di carne, qualcosa di più di una forma transitoria.

Rivendichiamo il diritto di pensare con la nostra testa, il diritto di accettare o no le idee di coloro che si proclamano direttori spirituali, che discutono la questione della tutela maschile come indispensabile alla donna, privilegio e piacere del sesso forte...

Aprire le orecchie delle donne per sentire e difendersi – gli occhi per vedere e la parola per avere il coraggio delle proprie convinzioni –, ecco il nostro obiettivo.

E sono certa che i miei lettori sono d'accordo con quel pensatore: se per tener chiusa mia moglie devo lavorare e avere preoccupazioni, allora essa non vale la chiave con la quale la chiudo.

E finché la donna si sente avvilita da questa tutela, non può sviluppare in sé il senso di responsabilità, non può pensare con la sua testa e ragionare con la sua mente.

Non vogliamo il *maschilismo femminile*: detestiamo le donne virago così come gli uomini *melindrosos*.

Bisogna svegliare le forze latenti della donna, le energie fisiche nascoste, e sviluppare le sue qualità di carattere che costituiscono la vera virtù, cosciente, una virtù che non si baserà sull'abitudine o sui costumi o sulle prigioni a sette chiavi ma sul sentimento del pudore cosciente, razionale (se è possibile), sulla responsabilità che il dovere impone, che la conoscenza indica e che la consapevolezza sa far prevalere.

Questa è la donna che sogniamo, in un futuro forse remoto.

Questa è l'educazione che raccomandiamo, questa la nostra aspirazione.

L'Umanità s'incammina verso fini più alti.

Sarà troppo per la donna aspirare alla fama scientifica, filosofica e etica?

Non è certo tra i tanghi e le orchestrine di ballo moderno, non è nella confusione della jazz band – riflesso del nostro stato di disordine in un periodo tumultuoso di decadenza – che si avviano riforme educatrici.

E non è ai ricevimenti o nelle sale da tè eleganti che si affrontano le questioni sociali, ma nel ritiro del pensiero idealista, nello studio, riflettendo sui processi di azione e formulando mezzi di propaganda libertaria; non sfogliando i poeti sensuali ma i pensatori, gli scienziati e i veri artisti; è vicino alle miserie dell'umanità, a contatto con la Natura e non nei *boudoirs* galanti o nelle penombre dei saloni illuminati dalla luce degli abat-jour che prendono il via le riforme o che la vita si dispiega ai nostri occhi in un concerto di energie prodigiose.

E questa critica all'educazione non è fatta all'insegna dal programma ristretto di uno Stato o di un Paese: essa parte dal sogno di tutti quelli che coltivano l'ideale della società nuova.

In Francia, come in India, in Uruguay, come in Argentina, in Russia come in Spagna, in Svezia, dovunque, si elaborano riforme sociali; il rinnovamento che non si fondi sul problema di una educazione non può poggiare su solide fondamenta.

Anatole France, al Congresso dei Sindacati dei Professori, a Tours, ha dichiarato: "Sì, non bisogna permettere che continui ad esistere, neanche per un istante, l'educazione che rese possibile e che favorì (essendo ormai quasi la stessa tra tutti i popoli che si proclamavano civilizzati) la terribile catastrofe sotto la quale ci consideriamo ancora, per così dire, sotterrati".

E Gustave Le Bon, uno dei massimi esponenti della letteratura ufficiale, scientifica e borghese, francese, condanna l'educazione latina e addita i nostri errori e i nostri difetti, quando, con un mirabile paragone, fa risaltare la superiorità anglosassone, dovuta quasi esclusivamente ai suoi processi educativi.

È la corrente di idee nuove che invade il mondo in un vortice di energie feconde, demolitrici e costruttrici.

Fin qui la scuola di tutti i popoli ha rappresentato un palliativo effimero: non va al

dunque, rimane in superficie, non smuove le forze interiori dell'individuo per toccarne il discernimento.

Il discernimento viene dall'osservazione, dalla riflessione, dalla meditazione. La donna non è stata abituata a osservare, a riflettere, a meditare; l'hanno educata a essere bella, a piacere, a brillare e a conquistare l'uomo.

E a questa stessa donna, alla quale non hanno insegnato a pensare, ridotta a essere una bambola, un'incosciente e leggera farfalla o uno strumento di lavoro e di sottomissione, sempre schiava e sempre odalisca: a questa donna consegnano i destini delle generazioni, nelle scuole e nei reparti di maternità.

Ma chi non è stata abituata a riflettere, come può infondere l'abitudine alla riflessione?

Le società potranno sollevarsi dal caos del vizio e del degrado morale solo quando le donne di tutte le nazioni saranno all'altezza della loro missione rigeneratrice e tenderanno le mani in un gesto di perdono e di invito.

Per questo vogliamo elevarle alla perfezione delle loro qualità latenti.

La perfezione viene dall'interno e va verso l'esterno.

E ogni anima che si purifica è una luce in più nei sentieri della vita.

L'azione è il prodotto della vita interiore, del pensiero, del grado di riflessione. Solo in seguito verrà l'azione cosciente, salutare.

Per far questo vogliamo educare la donna, emanciparla dal settarismo meschino delle costrizioni, allargare le sue idee sulla vita, e farle vedere i vasti orizzonti dell'intelligenza umana, in un sogno di redenzione ben più grande delle piccole minuzie della vita banale.

Questo vuol dire darle un'idea della sua missione rigeneratrice.

Questo vuol dire renderla più felice, più bella, più grande nella purezza cosciente: non riempita di pregiudizi, ma più bella nella forza della sua individualità.

Questo vuol dire trasformare la tragedia dell'esistenza in un canto sacro.

Ecco il tormento del nostro Ideale.

Camminiamo dunque verso queste stupende realizzazioni con il coraggio e la fede degli apostoli dalle idee nuove.

Viviamo delle nostre visioni.

Esse ci sfiorano come lampi che si perdono nei parchi sontuosi delle più care aspirazioni, nella semplicità lirica dei nostri casti sogni di amore, e nelle disillusioni di ogni istante...

Cogliamo rivelazioni nei turiboli dove brucia l'incenso delle bellezze che trascendono le esigenze della carne.

Una particella di Amore, un tassello di ideale rinnovatore e cosciente che si stacca dall'immaginazione per far risorgere nelle anime la purezza persa durante l'involuzione millenaria, non finisce nel nulla: rinasce in altre forme, in altri ritmi e ricade nello spazio infinito, apre spazi, allarga altre concezioni...

"Niente si perde"...

Elevarsi a pensieri delicati e agire sentendosi utili, amare come nei periodi aurei della leggenda, amare con i Devas nelle trascendenze dell'Amore quasi inaccessibile alla nostra comprensione, amare l'amore degli angeli: tutto ciò significa rivivere il paradiso perduto, significa intraprendere, dentro le stesse contingenze della carne, il pellegrinaggio sacro alla ricerca di altre soluzioni per realizzare la transustanziazione dell'Amore e vivere nell'immersione delle anime, cantando l'equità di tutti gli esseri.

Significa sentire la rivolta sacra contro le oppressioni e i modi di agire di una società decadente e barbara, e operare per l'avvento di una civiltà più dolce.

Significa trovare le opportunità per esercitare la Maternità spirituale, trovare gli araldi del Sogno e della Libertà e indicarli all'Umanità nelle sue opere d'Arte e nelle diverse manifestazioni dell'intelligenza e dei sentimenti.

Ecco perché mi sembra che la FRATELLANZA non sia realizzabile senza l'apporto della donna e senza la sensibilità dell'Artista.

È con l'Arte, è con l'intuizione che la vita si rivela a noi.

È con la Donna che l'Artista diverrà l'*uomo perfetto* descritto da Ibsen, da Tolstoj, da Renan e da tanti altri, come il superuomo: saggio, filosofo, sognatore e grande.

"La soluzione dell'enigma dell'Universo non s'impara, si vive". L'Arte è il riflesso della vita immortale, del Sogno della Mente Eterna...

Ma l'Artista, le cui cellule vibrano in una apoteosi di vibrazioni, sente, come Raffaello, più di chiunque altro, la lotta ciclopica dell'anima che vuole salire all'Olimpo, e della

carne che precipita nel fango della perversione e del vizio.
Lotta titanica di Prometeo soggiogato, crocifisso nella materia! È necessario che ogni Raffaello incontri, non l'incosciente Fornarina, la seducente e sensuale Kundri, bensì la Beatrice delle ascensioni, la Eva vittoriosa che reintegri in questo paradiso perduto le leggende e i sogni nostalgici.
Ecco il ditirambo che i nostri cuori bruciano nel rogo dell'Ideale, lanciando tra le fiamme sacre, come i Druidi di Gallia e di Bretagna, i petali profumati di visioni profetiche, in un messaggio di Fede nella PACE futura, sul sentiero dell'Armonia, della Bellezza, illuminando le costellazioni delle anime che vagano lungo i calvari della terra...

Ascoltiamo i suoni del clarini...
C'è un germoglio nuovo in ogni idea. Tutto si trasforma.
Si tratta di una lotta tra giganti, una lotta tra forze morali antagoniste.
Ed è stata la guerra stessa, armata dal capitalismo per l'egemonia imperialista, che ha cominciato a abbattere e abbatterà il parassitismo dei magnati del potere e del denaro.
Quella giovinezza ardente, che andava in guerra cantando gli inni delle proprie nazioni e innalzando le bandiere delle proprie patrie, proprio questa falange di ragazzi ha imparato nelle trincee l'*Internazionale*, ha stretto le mani dei compagni *nemici* ed è tornata cosciente, straziata, avendo scoperto, con coraggio, il nuovo itinerario nei sogni e nei canti tormentati dei ribelli, in un desiderio più profondo di ricerca della vera soluzione del benessere sociale.
Da questo caos sono sorti l'*Internazionale del Pensiero*, il *Pan umanesimo* e la cultura proletaria. Vedremo quando una grande minoranza si convincerà che stiamo andando verso il rosseggiare di nuove albe.
Ciò che ieri era utopia oggi è realtà.
Cosa ci aspetterà quando gli uomini si renderanno conto che non sono stati creati per strangolarsi come animali feroci?
Nelle trincee di guerra, scavate dall'egemonia dei nazionalismi e da un istinto collettivo di conservazione dell'ordine sociale costituito, l'uomo torna ad essere un troglodita.

In ognuno di noi c'è la scintilla della Bellezza Universale. Perché non accendere dentro questo altare interiore il desiderio intenso di perfezione e di un Ideale più elevato?
Ascoltiamo i suoni dei clarini dei nostri sogni rivoluzionari.
Sottomessi? Mai!
Nelle nostre anime sussurrano l'aspirazione solenne, il grido vibrante, la protesta cosciente, lo slancio ribelle, la maestosità del nostro bel desiderio di uguaglianza per tutti gli esseri della grande Patria dell'Universo.

L'inquisizione del pensiero

> Si è quindi arrivati effettivamente alla conclusione che la scienza e il cristianesimo romano si riconoscono reciprocamente incompatibili, che essi non possono coesistere, che uno deve cedere il posto all'altro, che l'umanità deve scegliere uno di essi?
>
> J. Draper, *Storia del Conflitto tra la Religione e la Scienza*[189]

> C'è un doloroso conflitto tra il raziocinio e la tendenza sentimentale. Il modo per evitare questo conflitto in futuro sarebbe quello di non sviluppare nel bambino, attraverso l'educazione, le parti della coscienza morale che oggi ci sembrano contrarie alla sana ragione. Non dobbiamo nascondere a noi stessi che vecchie abitudini trasformate nei nostri sentimenti più tirannici sono stati sicuramente in gran parte trasmessi in modo ereditario, e per il resto inculcati durante fanciullezza dai nostri antenati. La tradizione si unisce all'ereditarietà in modo tale che non possiamo sapere quale sia, nella genesi dei sentimenti individuali, la parte che proviene da un fattore o dall'altro.
>
> F. le Dantec, *Le influenze ancestrali*[190]

La scuola moderna tende sempre più a far rispettare l'individualità dell'alunno.
Il bambino precoce ci richiede spiegazioni sull'Universo e sulla vita, e non accetta assolutamente le fantasie che gli avi hanno insegnato ai nostri genitori. E il realismo sostituisce i racconti di fate.
Perché portiamo avanti il pregiudizio, indicando al bambino realista di oggi l'inferno, il purgatorio, il cielo, il seguito di angeli e la corte celestiale della mitologia cattolica?
Perché eliminare il valore del dovere, del bene per amore del bene, con la promessa di ricompense future?
L*'agire, proprio qui*: questo dev'essere l'obiettivo di tutte le speculazioni scolastiche. Non far volare *au de là de la vie* le aspirazioni infantili. È un crimine. Le religioni si preoccupano di predicare la rinuncia e risvegliano tristezze e

[189] J. Draper, *History of the Conflict between Religion and Science*, New York, D. Appleton and Company, 1874.
[190] F. Le Dantec, *Les Influences ancestrales*, Paris, Flammarion, 1904.

nostalgie...

Strappare il bambino dalla sua spensieratezza è una cosa blasfema.

Non si tratta di ingannarlo, di mostrare la vita per quel che è, tale e quale, ma predicare l'altruismo o egoismo superiore, se così vogliamo dire; predicare l'amore, la fratellanza, indicare le bellezze dell'Universo e farlo sognare attraverso l'arte, la scienza e la poesia.

Risvegliargli nell'anima l'intera scala cromatica del piacere di vivere la vita in maniera intensa, utile e ricca di ideali.

Mai additargli passivamente la croce per redimere, se mai fosse possibile, l'umanità.

La cattedra

Se in una scuola, anche laica, ascoltiamo il discorso di un positivista e se siamo suggestionabili, ne usciamo quasi convinti che *solo* le teorie di Comte possano risolvere tutte le questioni sociali: il problema è essenzialmente religioso, e solo la Religione dell'Umanità è capace di dargli il giusto valore.

Entriamo adesso nella scuola cattolica o tentiamo di ascoltare in un qualsiasi altro posto il discorso di un prete o di un cattolico *à outrance*[191].

La chiave di tutti i problemi sociali è dentro la Chiesa Romana.

Solo essa si crede in grado di promuovere la realizzazione della felicità collettiva.

Entriamo poi in una chiesa protestante: la verità è nella Bibbia e solo i riformatori hanno trovato la soluzione: nessun altro; e così via.

È sempre la stessa cosa, con o senza la rivelazione.

Ma non è solo nei discorsi che i rappresentanti delle religioni si propongono come propagandisti della propria fede: è anche dentro le aule, nonostante la nostra Costituzione proclami, bugiardamente, la separazione tra Chiesa e Stato[192]. E la preoccupazione di tali sacerdoti civili, o meglio irregimentati, è reclutare adepti a ogni costo.

La soluzione economica è trattata dall'alto, naturalmente in modo oscuro.

Quel che si predica alle masse è l'umiltà, l'abnegazione, l'altruismo, il disprezzo

[191] In francese nell'originale.

[192] Nota della terza edizione. Ciò è stato scritto molto prima della cosiddetta Nuova Repubblica... [NdA]

per i beni materiali e per la comodità, la rassegnazione, il desiderio di servire bene i signori e i padroni e il rispetto per le autorità e per le leggi.

Nelle scuole insegnano che il *bene* è ricompensato e che il *male* è castigato: sciocchezze per scaldare l'immaginazione dell'infanzia sprovveduta.

Un celebre educatore ha definito l'educazione come un potere di suggestione. Non dovrebbe esserlo, ma di fatto lo è.

Nelle scuole primarie religiose tutti i bambini desiderano essere preti o suore di carità, e sognano perfino il martirio.

Anch'io l'ho desiderato ardentemente! A nove anni giuravo che avrei seguito la mia vocazione di suora di carità! E conosco esempi di giovinette, oggi sorelle e monache, senza la minima vocazione alla vita monastica.

Dipende dall'ambiente.

Il ruolo di educatore consiste nel guidare verso il perfezionamento delle facoltà morali e dello sviluppo di quelle intellettuali: il benessere collettivo è il suo unico scopo.

Sviluppare, mettere a frutto, sostituire e non plasmare: ecco qual è la sua missione.

Non è così però che vanno le cose nella scuola.

Di conseguenza il disordine è infinito, l'ipocrisia è una forza che distrugge tutte le energie, lo scetticismo è la cura che apre sempre di più la piaga devastatrice.

La scuola, invece di essere strumento di progresso, si è trasformata in laboratorio di uomini senza carattere e di donne che si degradano in cose futili.

La religione cattolica, per esempio, predica l'uguaglianza, la fratellanza, mentre i palazzi dei vescovi, dei nunzi e dei cardinali ostentano sontuosità e ricevono governi e ambasciate.

Le persone non si meravigliano quando escono dalla scuola cattolica e vedono che la teoria è in disaccordo con la pratica: anche in questo caso si nota la gerarchia del denaro e della posizione sociale.

I suggerimenti dell'ambiente producono però il risultato desiderato: poca gente oggi è effettivamente cattolica e il clero lo sa. Nel frattempo, ciò che vuol fare è *vaccinare* l'individuo. Non so chi l'ha detto: chi è stato prete lo sarà sempre.

E chi è stato cattolico romano non sarà mai di un'altra religione; sotto sotto è

sempre cattolico romano, la tradizione ha fatto di lui l'uomo del passato, pronto a combattere contro qualsiasi ideale rinnovatore.
E l'influenza ancestrale manifesta il suo potere dispotico nel campo religioso.

Le superstizioni

Noi ridiamo delle pratiche dei selvaggi e nel frattempo le superstizioni più stupide sono quelle che osserviamo con più rigore. Non le spieghiamo, non le notiamo. Sono arrivate all'inconscio e le pratichiamo senza renderci conto.
Gli uomini più scettici, i *veri* liberi pensatori*,* si sottomettono a costumi e osservano assurde tradizioni appellandosi alla ragione.
Bisogna esaminare nella nostra psiche quel che proviene dai ricordi ancestrali, quel che è stato introdotto dall'educazione e quel che c'è nell'individuo stesso; bisogna estirpare queste radici, sostituire le abitudini superstiziose con costumi razionali e promuovere l'educazione nuova, non venata di pregiudizi e ipocrisie.
E noi non ci rivoltiamo contro l'inerzia che, per comodità, fa andare avanti un insieme di errori e di stupidaggini trasmesse dai nostri avi, che non sapevano cosa fosse meglio?
L'ereditarietà, l'abitudine, l'esempio e l'educazione non agiscono all'improvviso; non smettono il loro lavoro lento e implacabile; i costumi non si estirpano in una volta sola, e nemmeno si sostituiscono di colpo.
Serve un'educazione scientifica, razionale. Serve cercar di sapere il perché delle cose, discutere e dubitare: ciò caratterizza lo spirito critico di quest'epoca.
Cercare di annullare l'influenza ancestrale gesuitica è dovere della scuola moderna.
Non possiamo più ammettere dogmi.
Al di là di questo, nella società attuale, cristiana, esistono dei Torquemada allo stato latente: se date forza al clero, spunteranno come funghi.
Persino i bambini hanno già dubbi: non accettano di buon grado spiegazioni deboli insegnate tra l'altro controvoglia.
Il popolo sta comprendendo che tra lui e Dio non c'è bisogno di un intermediario, il prete.
In tutti gli *affari* l'intermediario è colui che ci guadagna di più.

È la legge della concorrenza persino nel potere spirituale.
Il sentimento e la ragione sono in conflitto in questa epoca di trasformazioni e di rinascite.
L'ossequio verso le parole e verso i costumi è un tiranno dentro di noi.
Il terrore superstizioso ci domina: abbiamo il timore di guardare in faccia le tradizioni. E rimaniamo qui, continuando a ripetere riti, ipnotizzati e arrabbiati con noi stessi per la nostra debolezza. Ecco lo stato spirituale delle generazioni odierne.
E se un qualsiasi individuo, meno schiavo, protesta contro l'abuso, la maggioranza gli si sottomette, e rivendica *la famiglia*.
E quante volte scrivono una protesta e praticano un rito!
Nemmeno la dignità che serve per predicare e realizzare, per vedere e ribellarsi con la parola e con l'azione.
L'educazione estetica, quella che chiamiamo morale, è la base dell'intero edificio educativo.
È il fondamento del benessere sociale, è la condizione essenziale per l'egoismo collettivo.

L'educazione morale

L'educazione morale si realizza solo attraverso l'esperienza, attraverso i fatti, e mai per mezzo di regole di condotta studiate nei catechismi.
Pretendere di educare il bambino mediante i sentimenti, indicandogli la prospettiva di una vita futura, è assurdo tanto quanto insegnare la morale a memoria.
L'esperienza e gli esempi sono gli unici maestri di vita.
È attraverso l'esperienza stessa che il bambino nella scuola sociale distingue i gradi di *bene* e *male*, l'idea di dovere, il rispetto per se stesso e il rispetto per i diritti degli altri.
L'orrore per la bugia, la fiducia in se stessi, l'iniziativa, il pensiero che viviamo per praticare la solidarietà con il prossimo – questi sono per esempio i precetti da infondere nelle individualità dei bambini.
I suggerimenti dell'ambiente influiscono in maniera considerevole.
L'imitazione è tipica dell'infanzia: il bambino che viene deriso è preso in giro da tutti i bambini che lo circondano. Se un bambino è rispettato, preso in conside-

razione in modo speciale, tutti gli altri gli rendono omaggio.

L'educazione morale è difficile in proporzione al ritardo morale dell'ambiente.

I genitori, in ogni istante, ammettono la loro impotenza di fronte al bambini. E l'ideale è sempre il collegio. Si affidano ai maestri, i quali possono fare ancora di meno, sena contare che il collegio è una caserma, un ambiente poco edificante.

Meglio controllare i figli facendoli sorvegliare sotto l'apparenza di una totale libertà.

La famiglia e il focolare hanno più influenza sui sentimenti.

E a partire dalla tenera età il bambino deve sognare la strada da seguire alla ricerca dell'amore, cioè la strada della solidarietà.

Nei paesi cattolici o di maggioranza cattolica non si fa differenza tra insegnamenti etici e precetti religiosi-cattolici-romani.

La tradizione non separa la Chiesa dallo Stato, così come la morale dalla religione.

Contemporaneamente però, i precetti morali che si devono osservare non hanno niente a che vedere con la fede: sono indispensabili in tutte le nazioni e in tutti gli individui, se definiamo morale "l'insieme di leggi alle quali gli individui si devono sottomettere per vivere in società". "È evidente che la miglior morale è quella che rende l'individuo il più felice possibile nella società la più prospera possibile".

Morale basata sull'utilità e sulla pace interiore.

Felix le Dantec fa osservare che confondiamo questa morale con la *coscienza morale* innata in tutti noi grazie all'ereditarietà, "indipendente dalle circostanze che hanno determinato la sua acquisizione".

Egli richiama l'attenzione sul seguente assunto: le condizioni della nostra vita sono *completamente* cambiate; se si gettassero le basi di una nuova morale vantaggiosa e piena di benefici per gli individui in una società la più prospera possibile, giungeremmo alla conclusione che questa morale sarebbe in disaccordo su molti punti con gli insegnamenti della nostra coscienza morale ereditaria.

Bisogna quindi educare le nuove generazioni con principi più ampi e convincere gli uomini di oggi che essi vivono governati sotto il giogo di pregiudizi e assurdità. Così, la scuola moderna deve essere anti-settaria *per davvero* e non solo di

nome. Laica, e pertanto *senza il dogma dello Stato*.
È l'assistenza morale alle generazioni future. È l'ideale del benessere per tutti.
Le religioni, più perdono di forza, più sono tradizionaliste e reazionarie.
Molta gente vive senza religione, tuttavia siamo tutti obbligati a rispettare i diritti degli altri.
Nella scuola, i discorsi, gli ordini e le norme della morale servono solo ad affaticare lo spirito e a rendere noioso lo studio.
Niente di tutto ciò educa né fortifica i sentimenti.
Mostrare la vita in famiglia, le relazioni tra amici, tra i membri della città, i mezzi di comunicazione che legano gli uomini, che fanno stringere rapporti di mutuo aiuto: ecco il ruolo dell'educazione morale.
Tutti noi abbiamo doveri gli uni verso gli altri.
Ben lontano da qui ci sono popoli che hanno bisogno di noi, così come noi viviamo dipendendo da loro.
Ovunque gli uomini si capiscono l'un l'altro per necessità.
Tutto ciò costituisce un insieme di fatti che derivano da norme di condotta e da regole di etica indipendenti dalla religione.

La scuola laica è il prodotto della Rivoluzione Francese, uno dei motivi per cui il gesuita insegna che "la Rivoluzione Francese è stata un grande male perché da essa sono nate tutte le idee di libertà che da allora si sono diffuse in tutta Europa[193]. (!)
"L'insegnamento confessionale – dice l'illustre pensatore – è proprio del clericalismo: quello interconfessionale è proprio di una aristocrazia conservatrice, tipico dell'imperialismo inglese o tedesco, quello laico è proprio della democrazia repubblicana".
Per noi, invece, l'educazione laica è la rivolta contro i nuovi dogmi e i protocolli governativi e contro l'ipocrisia religiosa.
Non si può trapiantare il regime educativo da un Paese all'altro, solo perché nel primo si fanno sentire buoni risultati.
Sostituire il dogma religioso con il dogma statale significa muoversi nella stessa

[193] J. A. de Sousa, Refois, *O Colégio de S. Fiel no Louriçal do campo e de N.a Sr.a da Conceição na Covilhã*, Coimbra, França Amado, 1901[2].

direzione.

La scuola cristiana interconfessionale dell'Inghilterra, relativamente liberale, va bene solo per i paesi protestanti, eppure è cristiana: il prete cattolico non accetta di dividere la guida o la direzione spirituale, e la vuole per intero.

La scuola difesa da Gladstone, il *christian gentlemen* di Thomas Arnold, la *University extension* dell'artista Ruskin, hanno lavorato contro l'"intransigenza settaria" dell'Inghilterra, la cui scuola non è mai stata laica.

Ma il popolo inglese può liberamente avere una scuola interconfessionale.

In Germania c'è una concezione più ampia di tolleranza: il culto cattolico e quello protestante hanno entrambi spazio.

Qualcuno crede che la causa sia il panteismo idealista tedesco o il concetto di Carlyle: "Tutte le religioni sono simboli".

La scuola interconfessionale in Germania è possibile perché il pensiero tedesco è il seguente: "tutte le religioni racchiudono una verità, altrimenti gli uomini non le avrebbero abbracciate".

Così si inserisce anche l'insegnamento religioso nella scuola.

L'educazione classico-filosofica necessaria allo spirito di tolleranza dell'intelligenza matura sta nello studiare l'ideale mistico di Gesù Cristo e del Buddha; nel ricostruire la morale di Confucio; nel conoscere Maometto, Zoroastro, Lutero, Calvino, Kardec, Blavatsky, eccetera; nello studiare le cause delle lotte religiose.

Deploriamo in qualsiasi luogo, in qualsiasi situazione, la scuola confessionale o l'assolutismo cattolico che è continuato fino alla fine del secolo XIX, o che regge fino a oggi le repubbliche ispano-americane.

Lo dica José Rizal con il suo *Noli me tangere. Nel paese dei frati*[194], lo dicano tanti altri martiri.

Il clero, in Brasile, lavora nell'ombra per la scuola confessionale.

Protestiamo con tutte le forze dei nostri sentimenti in nome dell'aiuto che dobbiamo ai nostri figli.

Il catechista

Arrivo all'estrema posizione di pensare che il maestro non debba essere catechista

[194] J. Rizal, *Noli me tangere. Nel paese dei frati*, 1887.

di nessuna religione *persino fuori dalla scuola.*

Questa abitudine s'infonde facilmente: l'insegnante, per il fatto stesso di essere insegnante, ha già tutto del catechista, del moralista; parla dalla cattedra, si impone. Un insegnante si riconosce facilmente, indottrina sempre.

E se quello stesso individuo si propone di insegnare religione, la mescola istintivamente con le lezioni scolastiche.

Ecco qui la scuola laica trasformata in scuola confessionale. È logico. Ne è prova l'esaltazione di Cristo nei Gruppi Scolastici, per lo meno nella regione del Minas Gerais: una campagna avviata dai preti, attraverso i maestri.

Dietro il tenero Nazareno c'è l'abito nero del clero. La croce di Cristo è il pretesto.

Il ruolo del professore è ben diverso.

Non può seguire il settarismo, né politico né religioso.

Il posto dell'insegnante, in futuro, dev'esser dato con scrupolo ai soggetti più belli, alle anime più brillanti ed emancipate.

Non si tratta di una neutralità assoluta. Nessuno vuol privare il maestro di parlare. C'è bisogno di fornire nozioni filosofiche e sociologiche nella scuola.

Si tratta di neutralità in materia religiosa, come voleva Jules Ferry[195] nel parlamento francese: "religione e insegnamento sono due cose che è necessario rispettare e non confondere".

Ancora di più, se è possibile, il razionalismo di Ferrer estirpa definitivamente il pregiudizio, senza cadere però in una prosaica "filosofia della disperazione".

Idealismo, riflessioni metafisiche e agire per una vita migliore, senza aspettarsi ricompense future.

Neutralità della scuola

"Esistono due tipi di neutralità nella scuola"[196], diceva il Ministro dell'Istruzione in Francia, parlando della legge del 1882: "C'è la neutralità confessionale e la neutralità filosofica. E non si opera all'interno della legge se non con la neutralità

[195] Jules François Camille Ferry (1832-1893), politico e avvocato francese, primo ministro per due volte. Considerato il fautore della separazione fra Stato e Chiesa, Jules Ferry creò le *écoles normales primaires*, i cui insegnanti dovevano essere laici, e promulgò leggi a favore della libertà di stampa e di pensiero.

[196] In francese nell'originale.

confessionale"[197].

Sì, obiettivo della scuola non sono solo le nozioni di lettura e di scrittura apprese meccanicamente.

Il bambino ha bisogno di imparare a pensare e a giudicare.

La filosofia si compenetra nella vita. Il primo uomo ha sicuramente filosofeggiato e anche il bambino filosofeggia. E come può l'insegnante dirigere l'anima infantile verso il benessere collettivo e verso la propria felicità senza far ricorso ai sentimenti, senza filosofeggiare?

Cos'è la morale senza filosofia?

L'educazione primaria dev'essere razionale, scientifica: nessuna disputa religiosa o politica.

Edgar Quinet[198], l'apostolo dell'insegnamento laico francese, non ci vede difficoltà. L'educazione morale è "tutta di intuizione", "è la cultura del senso morale che proviene da una sorta di appello simultaneo all'intelligenza, al cuore, all'immaginazione e alla volontà. Prendendo questo come punto di partenza, la neutralità consiste semplicemente nella separazione dei due domini, quello dell'educazione morale e quello dell'educazione religiosa".

Io non sono sostenitrice anche delle opinioni che vogliono basare l'insegnamento didattico e le regole della morale su un dogma filosofico, "sull'imperativo categorico" per esempio, che sostituiscono il catechismo religioso con una traduzione popolare della "Ragione Pratica" di Kant.

È sempre dogma, è sempre catechismo.

E anche gli studi delle lingue morte, condannati da grandi pedagoghi e educatori, devono essere sostituiti un po' alla volta, perché la vita diventa sempre più breve e il tempo è prezioso e vola.

Essi devono essere sostituiti dalla filosofia delle religioni, dalla scienza della vita.

E verrà introdotto perciò l'insegnamento estetico-filosofico in tutte le scuole.

Il perché della vita, l'aldilà che deve preoccupare sempre gli spiriti investigatori, e la libertà del pensiero, non possono essere esclusi in gioventù. La metafisica è una necessità dello spirito umano. Metafisica come poesia, e mai come rivelazione...

---

[197] In francese nell'originale.

[198] Edgar Quinet, (1803-1875), storico ed intellettuale repubblicano francese.

È necessario che le idee dei giovani volino attraverso i sensi, per attingere successivamente all'astratto.

Ci sono così tante cose belle da amare durante l'infanzia!

Le piante, gli uccelli, la terra, le stelle, il mondo degli affetti, l'arte – tutto fa ampliare la concezione dell'Universo nel cervello del bambino.

Non serve far appello alla superstizione, al mistero, al potere soprannaturale.

Inoltre, l'altruismo può esistere senza la fede; è esistito.

La morale può essere profondamente religiosa e assolutamente indipendente dalla religione: la Bellezza non obbedisce a dogmi, tuttavia insegna a pregare...

Il coraggio per affrontare la morte non è privilegio dell'individuo religioso di una determinata religione.

Quel coraggio può esser sviluppato nella scuola senza carattere settario.

Fa parte dell'estetica.

I sentimenti superiori si sviluppano più per imitazione e con l'esempio che con precetti.

La costituzione del cervello, modificata dall'educazione, con lo scorrere del tempo, secondo gli straordinari studi di Gall, di Spurzheim e dei suoi discepoli, ("L'eccellenza consiste nella bellezza della forma"[199]) concorre anche al perfezionamento dei costumi, chi può dirlo?, indipendentemente dalle religioni. Queste cercano di eliminare le innovazioni, e si rafforzano con il martirio inflitto ai predicatori rivoluzionari da parte delle regioni dominanti diventate reazionarie.

La religione è sempre l'ultimo guardiano del regime in vigore: il suo ruolo è quello della protesta o, mal che vada, di adattamento quando si accorge di aver perso terreno: è l'arma della Chiesa Romana.

Quando si forma una nuova religione, c'è perfetta fratellanza tra i suoi adepti; all'inizio essi vivevano in una *comune* o in una *città*, difendendosi dal nemico pericoloso – la religione stessa.

La vera educazione s'impone con lo scopo di far cessare l'intransigenza e di rendere la Terra un'immensa *comune*, governata da un'unica autorità, l'Amore, e dominata da una sola religione priva di dogmi, la ricerca della Verità.

Bisogna far sentire al bambino che egli non è nato per pensare e agire solamente

---

[199] Nell'originale: "L'excellence est dans la beauté de la forme".

per il proprio interesse e che, come membro di una grande società, dev'essere utile a tutti i suoi fratelli.

Beneficio sociale, senza pregiudizio dell'individuo.

Massima libertà individuale.

C'è l'imprescindibile necessità di una grandiosa trasformazione dei costumi di tutto il meccanismo sociale di oggi. Crolla tutto.

È la causa che deve scomparire.

Non si corregge o si migliora la società cercando solo si risolvere gli effetti.

È difficile trovare un insegnante assolutamente imparziale, indipendente di carattere e con ampi ideali di tolleranza.

E se tra gli eruditi, i professori di alto livello, c'è questa difficoltà, immaginiamoci in mezzo ai nostri maestri elementari!

E la neutralità non esiste: l'insegnante fa propaganda delle sue idee ogni volta che ne ha l'occasione.

La nostra scuola popolare non può essere neutra in materia religiosa o politica perché l'educazione è una macchina dello Stato, e lo Stato tiene per mano la Chiesa: sono entrambi proprietari e capitalisti...

Solo un nuovo regime sociale potrà risolvere la questione della neutralità religiosa e politica nella scuola.

La pedagogia moderna si fonda sulla concezione che l'etica non si basa su nessuna autorità o considerazione al di fuori dell'etica stessa.

Fare il bene per amore del bene e forse per egoismo proprio: io sono per l'uguaglianza economica e sociale perché la miseria del prossimo mi provoca dolore e la coscienza mi vieta di possedere un oggetto di lusso quando intorno a me ci sono bambini affamati.

L'esempio farà sì che l'infanzia ami il bene per abitudine, senza sapere neanche la differenza o la distanza tra bene e male.

L'ortopedia del cervello e l'ortofrenia del sentimento si realizzeranno per ereditarietà e grazie all'ambiente.

L'azione, la persuasione, l'educazione della volontà, l'interesse e l'imitazione fanno nascere dall'individuo stesso un secondo individuo.

La morale varia con le epoche. L'umanità si trasforma costantemente.

Essendo la morale la teoria della condotta di vita, "la tecnica dell'azione umana nella società", è ovvio che i suoi principi devono accompagnare l'evoluzione sociale e, se "una morale vale quel che vale la civiltà di cui essa è il risultato", siamo convinti che la morale attuale è decaduta a causa propria e che la nostra civiltà fa appello a un'altra morale.

Vediamo: viviamo in un regime democratico dove tutti sono uguali perché cittadini della stessa Repubblica. È vero?

Uguaglianza, Fratellanza, Libertà! Viviamo veramente anche uno solo di questi bellissimi concetti?

La costituzione mente nel dire che abbiamo il diritto di pensare liberamente: lo provano le prigioni e le deportazioni di operai brasiliani.

I diritti sono uguali per tutti?

La donna è la regina del focolare?

È una bugia, è tutto una bugia. Quel che dobbiamo insegnare o predicare nella scuola è la verità – un precetto che metta d'accordo tutti e che non pregiudichi neanche una sola persona.

L'esempio parla da sé. L'imitazione fa il resto.

La base di tutta la riforma educativa è togliere la donna dal dominio cattolico romano.

Perché privilegi di scuole ufficiali ai collegi di frati, suore e sorelle di carità, perché scuole statali religiose in un paese dove si afferma bugiardamente che la Chiesa è separata dallo Stato?

Finché durerà questo pregiudizio ereditario, come abbiamo proposto di chiamarlo tra noi, l'educazione femminile viene prima di tutto – è una scuola di ipocrisia.

E ancora: bandito il prete dalla scuola, rimane ancora il focolare, dove egli si annida, si insinua, dominando la famiglia tramite la donna e il bambino, stabilendo la discordia e a volte la corruzione.

Sono i liberi pensatori e persino gli atei, totalmente contrari alla religione cattolica romana, a *decretare* la necessità di una religione; altri vanno oltre, decretando la necessità del cattolicesimo per la moglie e le figlie.

Ci considerano mentalmente inferiori, incapaci di governarci spiritualmente, con

uno *spirito debole*. E parlano di un *freno*!...

L'educazione oggi non si può basare su principi dogmatici, sulla fede, sulla leggenda.

Occorre strappare l'anima femminile dal confessionale, senza la qual cosa non si farà niente di utile per la società.

Lo spirito è libero.

A dodici anni, a diciotto, a venti, un ragazzo e una ragazza hanno il diritto di pretendere dal professore il rispetto verso la propria ragione alla ricerca della verità.

Imporre delle idee a un bambino è assurdo tanto quanto battezzare i bambini appena nati.

E poi, cos'è che si impara nei collegi cattolici?

Una volta, lingue antiche e principalmente latino nelle scuole per ragazzi, un'educazione classica che tende a sparire.

Nei collegi femminili, lingue e religione cattolica.

La storia e tutto quel che si studia in quei luoghi è basato sulla religione, e neppure la religione cattolica stessa viene effettivamente insegnata o appresa: il metodo è far imparare a memoria…

Il ragionamento non può andare molto lontano, andrebbe contro la regola dell'Ordine gesuitico, il cui scopo è mantenere l'intelligenza avvolta in uno spesso velo di depressione e ignoranza.

L'insegnamento scientifico non deve esser divulgato perché la chiesa condanna la scienza.

Perché si possano governare le masse è necessario tenerle nella mediocrità intellettuale.

Il generale dell'Ordine, padre Beck[200], in una lettera al Ministro dei culti dell'Impero austriaco (1854), ha scritto: "i ginnasi [licei] rimarranno quel che sono per natura, una ginnastica dello spirito, fondata molto meno nell'assimilazione di materiali reali e nell'acquisizione di conoscenze diverse, e consistente di più in una *cultura di pura forma*.

I gesuiti sembrano aver trovato il punto a cui si può portare la cultura intellettuale

---

[200] Peter Beck (1795-1887), belga, generale dei gesuiti dal 1853 al 1887.

senza arrivare all'emancipazione intellettuale", afferma l'illustre pensatore.

L'educazione nelle mani dei gesuiti è uno strumento di propaganda religiosa e di profitto politico. Essi, ancora oggi, tollerano e animano lo spionaggio e la delazione. I loro metodi di insegnamento sono gli stessi degli antichi inquisitori, con poche modifiche elastiche in grado di adattarsi…

Il codice pedagogico dei Gesuiti, la *Ratio studiorum*, è pieno di precetti inquisitori contro il pensiero.

"Bisogna andar piano con il desiderio di sapere", dice padre Jouvency[201].

Il *Ritratto del perfetto studente* (Giovan Battista di Schultaus, poi membro dell'Ordine), pubblicato nel XVI secolo (1599), e studiato da Compayré[202], racchiude l'intero grande sogno della Compagnia.

È l'ultima parola.

È l'obbedienza del cadavere, al punto da *non considerare peccato uccidere il padre per servire Dio*, mettendo in pratica la massima "il fine giustifica i mezzi".

Il codice rimane inalterabile solo per la proprietà di elasticità adattabile ai casi che servono: qui sta il segreto di quanto viene inoculato nelle classi dirigenti.

Nonostante la condanna dell'insegnamento laico da parte della chiesa, nelle parole di Pio IX e di Leone XIII, perché esso ha "conseguenze funeste", è "contrario alla fede, ai buoni costumi e al benessere sociale", ed è un "sistema bugiardo", tanto che la Chiesa "proibisce di frequentare la scuola neutra per i pericoli che la fede e la virtù dei bambini trovano in quel luogo": nonostante questo, "in ogni caso la Chiesa *tollera* il frequentare la scuola neutra quando ci sono motivi seri per farlo", ad alcune condizioni. (Buisson, *Neutralité scolaire*[203]).

A tal punto arriva la stupefacente elasticità!

Per il popolo, il regolamento è sempre lo stesso e si riassume in ciò che segue: "nessuno tra chi è impiegato nei servizi domestici della Società dovrà saper leggere e scrivere, chi lo saprà fare non dovrà imparare nient'altro".

---

[201] Joseph de Jouvancy (1643-1719), poeta, pedagogo, filologo e storico, fu chiamato a Roma come storico della Compagnia di Gesù per continuare l'*Historia Societatis Jesu*. Nel 1710 concluse la quinta parte, dedicata agli anni 1591-1616.

[202] Jules Gabriel Compayré (1843-1913), professore di pedagogia, poi ispettore generale della Pubblica Istruzione, tentò di conciliare la tradizione spiritualistica francese con una visione laica dell'educazione e della scuola. Fra le sue opere: *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le XVI*e *siècle* (1879), *Histoire de la pédagogie* (1885).

[203] Articolo presente nel *Nouvau Dictionnaire de pédagogie*, Paris, Hachette, 1911.

Monita Secreta[204]

La "Monita Secreta", le Istruzioni riservate della Compagnia di Gesù, recita così nel capitolo 8, intitolato: *I mezzi impiegati affinché i figli di ricche vedove abbraccino lo stato religioso o di devozione*.

1. Per riuscire in tal proposito, dobbiamo fare in modo che le madri trattino i propri figli con rigore, mentre noi li trattiamo con amore [...] alla fine, far sì che vengano utilizzati dei modi che producano nelle figlie delle vedove un vero disgusto verso il modo in cui vivono le madri e decidano di entrare in convento.

2. I figli delle vedove verranno trattati con intimità dai nostri. [...] Si parli dei viaggi che i gesuiti fanno in diversi paesi, dei loro legami con i principi e di tutto quel che possa conquistare i giovani.

4. Verrà fatto tutto il possibile perché gli insegnanti dei giovani siano della Compagnia: l'obiettivo è vigilarli sempre e dare consigli. Tuttavia, se non fosse possibile sedurli, si cerchi di privarli di qualcosa, in modo tale che le loro madri manifestino loro i guai e le regole di casa, cosicché essi si stufino di una vita di questo tipo. E alla fine, se non riuscissimo a farli entrare nella Compagnia di loro spontanea volontà, si lavori per spedirli in altri nostri collegi per farli studiare, cercando di impedire che le madri diano loro molto affetto, e continuando da parte nostra ad attrarli con le maniere dolci.

Nel capitolo 13, intitolato: *La scelta dei giovani che devono essere ammessi nella Società e il modo per trattenerli*, si legge:

1. Servono buon senso e prudenza nella scelta dei giovani intelligenti, nobili e fisicamente ben fatti, o, per lo meno, che spicchino in una di queste qualità.

4. Da noi non verranno castigati, e neppure si obbligherà la maggioranza degli allievi all'adempimento dei propri doveri.

5. Bisogna intrattenerli con piccoli doni e privilegi...

9. È necessario ammonirli affinché non rivelino le loro vocazioni a nessuno dei loro amici, né ai genitori, prima di essere ammessi...

10. Riguardo ai figli dei grandi, dei potenti e dei nobili, si deve cercare di convin-

---

[204] I *Monita Secreta* sono un documento apocrifo dell'ordine dei gesuiti: un manuale destinato ai superiori della Compagnia di Gesù con lo scopo di accrescere il potere terreno dell'ordine. Il manuale comprendeva infatti una vasta serie di regole di condotta morale che disciplinavano il trattamento riservato ai traditori dell'ordine. Maria Lacerda lo considera un falso autentico.

cere i genitori, avvalendosi dell'influenza dei nostri amici, che conviene mandarli in altre province o università distanti, che dipendono dai nostri preti. Ma prima di tutto, si rimettano agli insegnanti istruzioni precise riguardo la qualità e le condizioni dei nostri alunni, con lo scopo di infondere loro attaccamento verso la Società.

12. [...] E durante le conversazioni private disapproveremo il cattivo uso delle ricchezze, facendo vedere che se non si apprezza il dono di una vera vocazione, ci si condanna alle eterne pene dell'inferno.

13. [...] Quando s'incontrino delle difficoltà, vista la notevole giovinezza di alcuni, si deve ricordare la dolcezza dell'istituto che non ha regole che si possano definire austere, tranne l'osservanza dei tre voti, e che soprattutto nessuna è obbligatoria e nemmeno sotto pena di peccato veniale.

Nel capitolo 17: *Mezzi per ingrandire la Compagnia*:

9. Alla fine, quando la società godrà dell'autorità e dei favori del sovrani, cercherà di farsi temere il più possibile dai suoi avversari.

E nel *Prologo*: "[...] È necessaria molta cautela affinché queste avvertenze non cadano in mano di estranei, perché essi, per invidia verso il nostro ordine, darebbero loro un senso sinistro. Se questo accadesse (Dio non voglia!), si deve negare che questi sono i fini della Società.

Che i superiori investighino sempre con attenzione e prudenza se qualcuno dei nostri riveli queste istruzioni ad estranei, perché nessuno potrà copiarle né per sé né per altri, e nemmeno verranno permesse copie senza il consenso del Generale o del Provinciale. E, nel caso in cui non siano capaci di mantenere dei segreti così grandi, si dica loro tutto il contrario e li si mandi via".

Ancora oggi è questo il codice dei collegi religiosi. L'obiettivo è la Gloria della Società o la Gloria di Dio...

È nell'ignoranza che si annida il grande potere del prete. Il prete non è strumento di civiltà, non è quindi nella condizione di assumere la direzione dell'insegnamento, e ancor meno dell'educazione popolare.

È un terribile ostacolo nella marcia del progresso umano. La donna deve smettere di bere l'acqua torbida delle paludi secolari, e cercare nuove fonti penetrate dal

fuoco sacro della curiosità, per conoscere le leggi naturali e per sostenere uno sforzo collettivo e individuale, alla ricerca di ideali più ampi di solidarietà anche se non fondati su concezioni religiose, sul soprannaturale, su ricompense problematiche per virtù ancora più problematiche.

Il bene per amore del bene, per il piacere di essere utile, ansia di equità, sogno di redenzione umana per l'umanità stessa.

Nel rinnovamento sociale non si farà niente senza l'educazione della donna.

E l'emancipazione va ancora più in là.

Ci sono grandi talenti e straordinarie erudizioni, che volano nel pensiero umano senza arrivare mai all'emancipazione intellettuale.

La donna è una forza sopraffatta dalla Chiesa: come corollario, il bambino è alla mercé dell'educazione cattolica e quindi è "vaccinato".

Il ragazzo educato con affetto, gesuiticamente dal prete, forse non sarà cattolico con la ragione o con il cuore, ma lo sarà socialmente parlando e sarà incapace di attaccare l'infallibilità del papa o il lusso stesso del cardinale Arcoverde[205] o dell'arcivescovo Sebastião Leme[206].

Al ragazzo è stato messo un freno in modo tale che egli non sappia neppure se ce l'ha o meno.

Non crede, ma non discute neanche, non ragiona, ha paura ad approfondire, non ha il coraggio di guardare davanti a sé.

La conseguenza è l'inganno.

Quale educazione può dare alla prole questa gente debole, letteralmente senza fiducia?

A tutto ciò si aggiunge la concorrenza che assorbe tutto, il desiderio di ascesa a costo di comportamenti meschini e di bassezze, la mancanza di carattere dei deboli e degli adulatori – il tipo medio della generazione, pusillanime e furbo –, dei *parvenu* della civiltà.

Dall'altro lato, le convenzioni, gli "atti seri" nella vita delle *melindrosas*; la comunione, la confessione, le diverse pratiche religiose eccetera, completano il quadro dell'ipocrisia.

---

[205] Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850-1930), cardinale brasiliano.
[206] Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882-1942), cardinale brasiliano.

Non ci credono, non sanno il significato dei riti praticati, ma nella loro vita sono incapaci di abbandonarli per nessuna cosa al mondo, perché è una tradizione tramandata dagli avi all'inconscio collettivo.

Melindrosas, spose adultere e persino etère vanno in Chiesa, fanno dire messe, ricevono la comunione, digiunano.

Questa non mi sembra religione.

In sintesi: atti quasi istintivi a causa dell'influenza del passato.

Non c'è ragione e ancor meno emancipazione intellettuale.

Io non sarei anticlericale per natura, per educazione, per sistema, quasi per istinto, se non schiavizzassero l'anima del bambino, se non tentassero di macchiare l'amore per Cristo vendendo miserabilmente i suoi sogni mistici di fratellanza in nome delle sue dottrine di amore e rinuncia.

È rivoltante!

Nessuno può predicare la verità se tollera o tende le mani all'ipocrisia.

E se l'individuo che ricerca la verità si muove con passione, non può considerare alla stessa stregua lo stoicismo e il vizio.

Adattarsi alla situazione e tollerarla è un crimine.

Se abbiamo conosciuto, attraverso i secoli, la lotta titanica della Chiesa che si opponeva alla ragione, e lo abbiamo fatto solo perché in fondo al Cattolicesimo Romano scorgiamo la scintilla della luce che illumina il Cristianesimo, dobbiamo forse lasciare che i ciarlatani di coscienze puntino le loro artiglierie indegne e attraversino incolumi altrettante generazioni, rallentando il progresso umano lungo la sua marcia evolutiva?

No!

È proprio la figura angelica di Cristo che ci spinge ad alzare le braccia e a chiedere una tregua con un gesto energico.

Se "ogni essere umano ha bisogno di felicità e di condizioni che favoriscano la sua evoluzione, è dovere delle società creare un ambiente che gliele offra"; è quindi dovere di ciascuno di noi protestare contro il regime della Chiesa, che cerca di difendere e di accumulare ricchezze, favorendo e aumentando la fame, la nudità e il vizio.

"La nascita di un essere umano in una società dà un diritto al neonato e un dovere

alla società", ecco il bel motto del nostro obiettivo.
E che diritti ha un paria in questa civiltà di gerarchie economico-sociali il cui ruolo principale è ricoperto dal Vaticano?
Uno solo: il diritto al lavoro coatto, alla miseria, al dolore, alla vergogna, alla degenerazione.
Nessuno gli tende la mano tranne l'iniziativa privata, incrementata la maggior parte delle volte dal Cattolicesimo Romano stesso, allo scopo di aprire la "finestra della coscienza" e di conquistare altre anime convertite, sotto la maschera della carità umiliante.
Dobbiamo affrontare l'odio implacabile degli avversari, che schiacciano la ragione umana col peso del denaro.
Dopo la guerra sono rimasti tutti delusi.
Durante il pericolo gli statisti hanno fatto abbondanti promesse, promesse non mantenute una volta passato il momento di panico.
Continua a essere tutto uguale, se non peggiore.
Non possiamo più aver fiducia nelle autorità costituite e, tra loro, soprattutto nella Chiesa Romana.
Tutto il nostro magnifico arcobaleno di speranze deve dirigersi verso l'Internazionale del Pensiero, contro la superstizione papale, a favore della libera coscienza.
Non prendete le mie parole d'amore come parole d'odio: esse sono la massima espressione del mio infinito sentimento di fronte al Dolore Universale.
La mia parola non è di attacco, è di resistenza.
Alla sfrontatezza di qualsiasi setta, religione o partito che cerchi con tutti i mezzi di dominare il pensiero umano, di imporre la sua autorità con diplomazia, di aver a che fare con l'educazione dei giovani e di promuovere l'Unione della Chiesa con lo Stato, e di fronte alla stupidità o all'egoismo di chi non ha coraggio, bisogna contrapporre la protesta energica, un'audacia proporzionale.
L'Umanità è mutilata dalla prepotenza clericale e dalla superstizione governativa.
Tante energie sprecate, tanta generosità latente nell'essere femminile, anche in quello che ci sembra più infimo, tanta ansia di elevazione e tanti sogni di equità, messi a tacere dal suono degli organi delle cattedrali usurpatrici, cattedrali che

illuminano maestosamente le inconsapevoli navate di marmo, che lasciano i cuori sommersi in abissi di ombre, in inferni di dubbi...

Chi ha contribuito a far sprofondare la donna nel sonno nel corso di tanti secoli, chi l'ha resa depressa?
È stato il cristianesimo degli uomini – non il cristianesimo dolce di Gesù, il super-uomo, il primo vero femminista che la terra ha visto nascere.
Cristo ha elevato la donna e la Chiesa romana l'ha abbassata di nuovo con la misoginia dei suoi superiori.
Vediamolo in breve:

"[...] Ho trovato qualcosa di più amaro della morte: la donna, il cui cuore è una trappola, e le cui mani sono tranelli" (*Ecclesiastico*).

"Tutto il peccato proviene dalla donna e per colpa sua moriremo tutti" (*Ecclesiastico*).

"Origine dei crimini, arma del diavolo! Quando vedete una donna, pensate che non siete di fronte a un essere umano, e nemmeno a un animale feroce, ma al diavolo in persona. La sua voce è il sibilo del serpente" (*Sant'Antonio*).

"La donna assomiglia allo scorpione, è sempre pronta a mordere" (*S. Bonaventura*).

"La donna è la peste delle pesti! Dardo del demonio!" (*S. Giovanni Crisostomo*).

"[...] la ferita che sanguina e puzza" (*S. Tommaso d'Aquino*).

"[...] Perché anche l'uomo non è stato creato dalla donna;
Le mogli siano sottomesse ai mariti come al Signore. Il marito infatti è capo della moglie, come anche Cristo è capo della Chiesa, lui che è il salvatore del suo corpo. E come la Chiesa sta sottomessa a Cristo, così anche le mogli *siano* soggette ai loro mariti in tutto"[207]; "Non l'uomo deriva dalla donna, ma la donna dall'uomo; né l'uomo fu creato per la donna, ma la donna per l'uomo." (*San Paolo*)[208].

---

[207] *San Paolo*, Lettera agli Efesini, 5,22.
[208] *San Paolo*, I Lettera ai Corinzi, 11,8.

Tutto ciò fa molto comodo persino ai positivisti, agli atei, ai liberi pensatori, agli ebrei, e a tutta la casta di massoni e di *uomini generosi*... e l'eterna idiota applaude e si avvicina sempre più alla sagrestia, e, per comodità, per pigrizia, per istinto, non vuole vedere. Nel frattempo, è incoerente ad ogni passo, non obbedisce a San Paolo riguardo alla moda. Vediamo:

"Ogni uomo che prega o profetizza con il capo coperto, manca di riguardo al proprio capo.
Ma ogni donna che prega o profetizza senza velo sul capo, manca di riguardo al proprio capo, poiché è lo stesso che se fosse rasata.
Se dunque una donna non vuol mettersi il velo, si tagli anche i capelli! Ma se è vergogna per una donna tagliarsi i capelli o radersi, allora si copra. [...]
Per questo la donna deve portare sul capo un *segno* della sua dipendenza a motivo degli angeli.[...]
È conveniente che una donna faccia preghiera a Dio col capo scoperto? [...]
Mentre e' una gloria per la donna lasciarseli crescere? La chioma le è stata data a guisa di velo. Se poi qualcuno ha il gusto della contestazione, noi non abbiamo questa consuetudine e neanche le Chiese di Dio[209].
Cosa rispondono tutte le cattoliche che hanno il taglio *à la garçonne*?
Nella lotta della Chiesa romana per far vincere i suoi principi, i suoi privilegi, l'autoritarismo diplomatico e le sue ricchezze, la schiavitù mentale femminile è stata uno strumento potente.
Non è arrivato il momento di rompere le catene del dogmatismo affinché l'immaginazione della donna voli fino al raziocinio cosciente?
Cosi saprà pensare per scegliere meglio, per essere cosciente di se stessa e per condurre l'Umanità ad una vita migliore.
La purificazione del mondo sarebbe così in mano alla donna.

Conclusioni

La scuola non può avere un indirizzo religioso.

[209] *San Paolo*, I Lettera ai Corinzi, 11

Gli insegnanti devono conoscere i fondamenti religiosi per predicare il principio della tolleranza.

Le scuole per gli insegnanti hanno bisogno dunque di un corso di religione senza la minima idea preconcetta o settaria. L'educatore non può essere un libero pensatore in un gregge.

Bisogna sperare in un futuro migliore del presente, un futuro in cui non ci siano rivalità esclusive di sette in costante concorrenza.

Possiamo affermare, e non è un paradosso, che le religioni sono sempre state nemiche della fratellanza universale. Ce lo dice la storia dell'Inquisizione.

La solidarietà umana, lo spirito di *unione* – caratteristica della civiltà che ci apprestiamo a scoprire – esige dalla scuola un ampio spirito di tolleranza che abbracci tutti gli individui e tutte le idee che abbiano per unico obiettivo il progresso umano e il benessere collettivo.

Il settarismo è passionale. La passione acceca e provoca odio.

La religione ne è la prova; ha già dimostrato la sua incapacità ad assicurare la pace e la felicità tra le nazioni.

Il razionalismo non esclude l'analisi di forze o di energie cosmiche.

Leggi naturali, e non miracoli.

La scuola moderna deve essere scientifica e razionalista.

L'anima della donna[210]

Gina Lombroso, con il suo triste libro, rassegnato e passivo, che ha fatto ovunque risuonare applausi, ci dice che "le ingiustizie (apparenti) contro la donna, dipendono da un qualcosa di più alto e fatale della prepotenza o dell'ingiustizia sociale".

Che la donna sia diversa dall'uomo, che la sua missione sia ben diversa e che questa differenza sia la condizione essenziale per l'armonia della vita collettiva, è un fatto risaputo e indiscutibile.

E dunque, per la natura più delicata della donna, per il suo ruolo di dedizione e sacrificio, per la sua missione educativa, per la missione rigeneratrice e per il fatto di portare in seno il germe delle generazioni successive, essa dev'essere fatalmente, inevitabilmente e naturalmente schiava in eterno, una tutelata sociale?

Nella prefazione Gina Lombroso dichiara che il suo libro "non vuol essere un libro scientifico"[211], nonostante sia scritto da "un modesto cultore della scienza"[212].

È imperdonabile che una scienziata, un medico, scriva su *L'anima della donna* un libro senza nessuna preoccupazione scientifica. Con un paragone cattivo mi fa persino ricordare il libro del professor Austregésilo[213] *Profilo della donna brasiliana*[214].

Il libro dell'eminente italiana conserva le tradizioni della sua educazione, ricordi ancestrali e influenze lombrosiane. È naturale.

È da ammirare per le osservazioni psicologiche sulla donna: e infatti, chi è più competente di una donna per parlare di individui del suo sesso?

---

[210] In italiano nell'originale. Si riferisce a G. Lombroso, *L'anima della donna: riflessioni sulla vita*, Bologna, Zanichelli, 1920.

[211] In italiano nell'originale.

[212] Ibid.

[213] Antônio Austregésilo (1876-1960), professore di Neurologia all'Universidade do Brasil, fondatore della prima scuola di Neurologia brasiliana, creatore degli *Arquivos Brasileiros di Medicina* e degli *Arquivos Brasileiros de Neurologia e de Psiquiatria*, e membro dell'*Academia Nacional de Medicina e* della *Sociedade Brasileira de Neurologia*. Secondo Susan Besse gli uomini come il rinomato psichiatra Antonio Austregésilo Lima valorizzavano l'emancipazione femminile esclusivamente per garantire "l'evoluzione della razza e la prosperità della nazione". (S. Besse, *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 214).

[214] Antônio Austregésilo, *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*, Lisboa -Paris, Livrairie Aillaud e Bertrand, 1923.

È un libro che traduce perfettamente tutte le sottigliezze di un'anima di donna – schiava secolare – e smaschera la sua autrice, descrive i suoi sentimenti, fino alle amarezze più intime.

Nel frattempo, non va oltre il tema dell'amore, non va oltre la passività femminile, la *fatalità* del destino della donna, il suo *altruismo* in contrapposizione all'egoismo maschile – la solita solfa –, non porta una sola novità, una sola scintilla di speranza o un gesto energico alla ricerca di giorni migliori della sfruttata millenaria.

E dice: "la donna manca della spina dorsale che l'egoismo concede all'uomo; per questo ha bisogno di lui, ha bisogno di questo punto fisso, il quale non si smuova e commuova continuamente come tenderebbe a muoversi lei, che non la lasci preda alle correnti di tutti i venti che ne disperdano le forze, come tenderebbe a cadere lei, ha bisogno di una forza che ne concentri l'ardore e lo diriga i una data direzione"[215].

Ebbene, non serviva il libro di una scienziata per sentirci ripetere la leggenda di Eva e sentirci dire che siamo uscite dalle costole di un Adamo addormentato... e che per questo dipendiamo fatalmente dall'amore e dall'*oggetto amato*...

Per Gina la vita della donna "è nelle mani del caso"[216], dell'amore e dell'istinto.

"Non sono dunque le circostanze avverse, non le leggi umane, non la malvolenza degli uomini, che determinano le maggiori tragedie di cui la donna è vittima; ma la sua missione che la fa dipendere dagli esseri vivi, di cui ha bisogno, per amarli e per essere amata"[217].

Siccome la donna è indecisa, Gina Lombroso condanna persino la libertà femminile e conclude: "Più che emancipare la donna io insisterei per rendere più cavalleresco l'uomo, il che avrebbe il doppio vantaggio di ingentilire l'uomo e soddisfare la donna"[218].

Che illusione! E come si soddisfa facilmente Gina Lombroso!

Che razza di soluzione ai problemi della felicità umana!

"L'armonia sociale ha dunque lucro cessante e danno emergente dall'eman-

---

[215] In italiano nell'originale.
[216] Ibid.
[217] Ibid.
[218] Ibid.

cipazione femminile, mentre che la società e donne han tutto da guadagnare a costringere l'uomo ad essere cavalleresco, a prestar aiuto alla donna, il che migliora l'uomo e porta grato sollievo al mondo femminile"[219].

E Gina non indaga il motivo per cui la donna è fatta così e non in un altro modo, non pensa ai secoli di schiavitù, ai ginecei e agli harem; non vede l'ignoranza coltivata con calcolo dalla donna; vede solo le conseguenze, il suo stato psicologico depresso; non pensa se ciò possa derivare dalla tutela e dal servilismo millenario.

Considera giusto che la società esiga "che la sua eroina sia prima di tutto bella e buona", "perché questa è la missione che inconsciamente le assegna", "una funzione sociale che ha una importanza generale, tale e quale come quella del medico, del maestro, dell'artigiano, del soldato"[220].

Non sarà necessario citare altro per dimostrare quanto sia dannosa e quanto deprima l'educazione ufficiale e consuetudinaria, che in tutti i Paesi forma donne medico incapaci di trovare un'uscita nell'intricata *via crucis* della donna.

Gina Lombroso non vede la schiavitù sociale femminile: vede solo la tragedia, la fatalità inerente alla sua missione e al suo altruismo necessario, causa della sua stessa schiavitù.

Non pensa in questo modo: "Il leone, non solo difende la femmina in caso di pericolo, ma, come racconta Brehm[221], va a caccia per lei, e spinge la sua delicatezza al punto tale da lasciare la preda a sua disposizione, e iniziare a mangiare solo dopo che essa è soddisfatta".

Al contrario, in alcune tribù dell'Africa, la donna ha diritto di mangiare solo dopo l'uomo; lo stesso tra gli indios.

"Gli abitanti della Terra del Fuoco divorano le loro donne, come fanno molte tribù africane, ma risparmiano i cani, perché per loro valgono di più". "In Australia non si trovano tombe di donne". Di fronte all'antropofagia, l'animale o il nemico sono un ente superiore; la donna è un alimento, una preda, né più né meno".

"In quasi tutta l'Africa, la donna adultera è punita con la morte; in quasi tutta

[219] Ibid.
[220] Ibid.
[221] Alfred Edmund Brehm (1829-1884), biologo e scrittore tedesco. L'opera *Vita degli Animali* lo ha reso molto famoso nel mondo scientifico e in particolare in quello della letteratura zoologica popolare.

l'Africa i mariti affittano, prestano o vendono le donne" (Tito Livio). La donna è una proprietà, come la terra o il raccolto.

In molte tribù selvagge, l'uomo lancia alla donna i resti dei suoi pasti con lo stesso gesto con cui si lanciano i bocconi ai cani.

E Gina Lombroso, davanti alla storia e all'antropologia, può affermare, con coscienza, che non c'è ingiustizia sociale, che questa ingiustizia è apparente, e che la situazione della donna è una fatalità necessaria per l'armonia sociale?

"I maltrattamenti cronici producono l'*inferiorità fisica*, e l'inferiorità fisica tende a scacciare i sentimenti che potrebbero impedire quei maltrattamenti", ci dice Spencer.

M. Angelo Vaccaro in *La lotta per l'esistenza*[222] dice di più: "Generalmente le donne di razze inferiori sono più brutte degli uomini". "I Puttoachs sono brutti e di bassissima statura, ma il premio di bruttezza va alle donne, ancora più brutte e piccole. E la ragione è che vivono sovraccaricate di lavoro e di cattiva alimentazione".

"Si tratta di un vero *adattamento degenerativo*".

Lo stesso autore dice: "Spencer continua a dimostrare che la selezione nella donna ha accumulato anche un sentimento esagerato di potere e di autorità, il che l'ha resa superstiziosa in ambito religioso, e *piena di rispetto per i simboli dell'autorità governativa e sociale*. Questo basta, a mio parere, per provare che l'oppressione della donna ha prodotto la sua degenerazione fisica e psichica".

Le espressioni *adattamento degenerativo* e *degenerazione fisica e psichica* sono felici se si affronta la questione dal punto di vista della schiavitù sociale. Faccio mia la teoria di Vaccaro, e la rilancio agli innumerevoli sostenitori della pseudo scienza dei vari Bombarda...

Considero imperdonabile nel libro di Gina Lombroso l'idea che alla donna manchi la spina dorsale.

Oltre ad essere deprimente e umiliante, è estremamente offensivo: è l'ultima cosa che si possa dire a una creatura; è la prova decisiva del servilismo di chi lo afferma relativamente al proprio sesso.

Frequentare un'accademia di Medicina per venirci a dire, a tutti noi, cose così

---

[222] M. Angelo Vaccaro, *La lotta per l'esistenza e i suoi effetti nell'umanità*, Roma, Bocca, 1886.

poco gradevoli e incapaci di elevarci, espressioni che tendono a conservare religiosamente la nostra irresponsabilità, la tutela e persino i maltrattamenti dell'uomo sulla donna; venirci a predicare la rassegnazione passiva, il servilismo, la spudoratezza e la mancanza di carattere; venirci a indicare come un'unica uscita alla sua sorella sofferente di consegnarsi all'amore e di dedicarsi al primo uomo che colpisce i suoi sensi, perché egli ha la spina dorsale, egli è il punto fisso che alla donna manca!

Dire che la donna deve sottomettersi, che è inevitabile soffrire le umiliazioni, prendere le botte addirittura, perdonare sempre, assoggettarsi alle imposizioni di un bruto qualsiasi, solo perché ha forma umana, il sesso opposto al nostro e la meravigliosa spina dorsale che ci manca!

Se Gina Lombroso non vuole ribellarsi, se tollera, se si sottomette di gusto al giogo del punto fisso, se abbassa la testa all'*autorità* maschile dell'uomo (anche quando egli non ha ragione o le è inferiore), che colpa ne ha la donna?

Lasci almeno che la colonna vertebrale di altre donne provi il contrario. Lasci che esse protestino, che piangano in silenzio e da sole le loro pene, passivamente; non scriva libri per venirci a dire che una *tragedia* – una *fatalità* – ci toglie il diritto di respirare liberamente nell'ambiente domestico e sociale.

E come pretendere di rendere l'uomo più cavaliere con noi se noi stesse ci diamo poca importanza? se non ci sappiamo conquistare la considerazione degli individui dell'altro sesso?

Come esigere dai nostri figli maschi il rispetto, l'ossequio e l'ammirazione, se non abbiamo neppure la spina dorsale?...

Come possiamo considerarci educatrici dei nostri figli se loro sanno della nostra inferiorità e se ogni consiglio li prepara a ridere di noi, noi che siamo prive del punto fisso che nostro figlio di dieci anni è consapevole di avere?

Quel punto fisso, quella spina dorsale, sarà l'arma con cui ci allontaneranno sempre.

Non mi stupirei se un discendente di Gina Lombroso dicesse a lei e a tutte noi cose ancora più spiacevoli.

Da quanti secoli la leggenda di Adamo ed Eva è un intralcio per la donna!

E se le scienziate moderne e le donne studiose continuano ad essere contente dei

maltrattamenti e del poco conto in cui sono tenute dagli uomini, del ruolo subalterno di femmina mammifera nella scala zoologica, semplice strumento di piacere e di lavoro; se esse trovano una scusa alla brutalità degli uomini della Terra del Fuoco o dei neri d'Africa o delle tribù australiane, è perché la domesticità millenaria è andata al di là del normale, e l'incapacità di vedere la propria spina dorsale inibisce di andare oltre...

È desolante vedere fino a che punto arrivi l'influenza deprimente dell'uomo del passato sulla donna – strumento reazionario nelle mani degli egoisti, dei furbastri, dei *superiori*, dei padroni, unici proprietari della spina dorsale...

Ecco come Gina Lombroso liquida la questione. È anti femminista perché vede nelle rivendicazioni femminili la sfrontatezza, l'audacia di barbari moderni che vogliono prendere e assaltare le posizioni degli uomini e abbandonare il focolare a favore dell'impiego pubblico, delle attività politiche e così via.

Non vede che tutto ciò è la conseguenza inevitabile dell'organizzazione sociale moderna: è la lotta per la vita, è l'ansia di voluttà.

Dietro quelle che vanno alla ricerca del pane e degli abiti, segue la massa incosciente e pazza di quelle che cercano il piacere, la comodità materiale, il lusso, la vanità e la soddisfazione dell'istinto: conseguenza del regime capitalista, dell'organizzazione fatta di di privilegi e pregiudizi in cui la donna non è che una *cosa*.

Se esaminassimo la questione alla luce della ragione e del sentimento, vedremmo che gli orizzonti sono molto più vasti e non si limitano al diritto al suffragio – una truffa – e nemmeno alla semplice entrata della donna nel campo delle occupazioni maschili.

La guerra ha aperto nuovi orizzonti: è stata un gigantesco strappo nelle coscienze; energie smisurate hanno risvegliato nell'intelligenza umana un grande desiderio di ricerca di ideali più ampi.

In questo caos, in cui i partiti si sono irregimentati alla ricerca di altre soluzioni, sorgeranno nuovi destini, nuove forme e nuovi regimi sociali; chiamateli come volete, certo è che la solidarietà, l'equità e il benessere sono incompatibili con il regime attuale di concorrenza annientatrice, di violenza, di dispotismo e di ladrocini ufficiali che ricercano l'indipendenza economica anche a costo degli occhi del prossimo.

La borghesia stessa racconta la storia dei regni che si sono succeduti, dei cambiamenti degli Stati, delle trasformazioni sociali inevitabili, delle cadute delle classi e delle caste attraverso l'evoluzione storica, e, nel frattempo si aggrappa come un'ostrica alla democrazia confederale o parlamentare, come se questa fosse l'ultima tappa di tutte le civiltà, di tutti i secoli da lì in avanti. Lo Stato borghese e capitalista ha i giorni contati, è chiaro. Tutto passa, ed è già il momento di superare questa repubblica e questo Stato governato da mezza dozzina di padroni e spadaccini, le cui mani si intrecciano ai meccanismi dei magnati industriali, del clero capitalista, a scapito della grande maggioranza di affamati e derelitti di questo e di altri paesi senza uguali, con cascate da capogiro, con miniere d'oro e montagne di smeraldi... nelle mani di stranieri più capaci – affamati e derelitti di questo paese in cui tutto è grande e gli uomini vengono *educati* a non superare la mediocrità.

Nessuno vuole vedere che la causa della concorrenza, dell'incetta, dell'egoismo personale, della sordità, della cupidigia insaziabile, dei crimini commerciali e dei privilegi, e che la tristezza infinita provocata dalla lotta per la vita, si fondano sull'attuale organizzazione capitalista. È il denaro, il maledetto oro, la causa di tutti i mali evitabili, ciò che assicura l'ozio della classe parassitaria che vive a spese del sacrificio della maggioranza umana.

La causa di tutte le miserie, dell'alcool, della sifilide, della tubercolosi, della prostituzione, dei crimini della maternità, dello sfruttamento della donna e del bambino, dello sfruttamento del forte sul debole, della voragine che incetta tante vite nell'officina, negli alveari, nella penuria, tutto, tutto quanto, nasce dall'attuale regime sociale la cui massima si riassume in queste parole: se non strappo gli occhi del prossimo, sarà lui a strappare i miei.

È chiaro che questi privilegi odiosi devono essere fatalmente rovesciati come lo è stata la Bastiglia inespugnabile dell'aristocrazia francese e la bastiglia feudale della Russia zarista.

Peggio si farà, meglio sarà...

La morfina, l'oppio, la cocaina, lo champagne e l'alcool a buon mercato preparano la dissolutezza delle classi parassitarie al massimo grado: il gioco è già *chic* nell'*alta società*, nella *buona società*: grandi dame, mogli di politici, di diplo-

matici, di capitalisti e di industriali, e persino piccole borghesi che vogliono *far bella figura*, frequentano le roulette e il tavolo verde e fanno maestose *comparse* nei Casinò delle grandi città.

Ai veglioni, signore e signorine della *miglior società*, di quella *alta*, sono già state viste uscire ubriache come ragazzi e caricate su automobili lussuose.

E ai veglioni e alle roulette (conviene ripetere sempre), non incontriamo altro che *donne che rincorrono* divertimenti di ogni specie, e non le idealiste, le donne emancipate, quelle che si battono per la felicità umana, quelle che sanno cosa sono la lotta per la vita, il lavoro e il salario. Là ci sono le *religiose*, le *patriote*... quelle che vivono per il focolare e dentro il focolare, quelle protette dall'uomo...

E se l'uomo va al Club, va a giocare e vive la vita notturna, cosa vuole la donna dell'*alta società*, la *religiosa*, la *caritatevole*, la *pietosa*, se non i ricevimenti, l'abbigliamento, la collana di perle, l'esibizione, i tè di beneficenza e persino gli ammiratori intimi?

Il lusso femminile prende tutto per sé. Quelle donne passano la vita a farsi le unghie, a vestirsi e a svestirsi, incapaci di immaginare qualcos'altro che non sia il corpo.

Ripeto le parole di Gilka Machado[223], quando scrisse le sue impressioni sul mio libro: "Quando la miseria ci assale, è inutile ricorrere a un'aristocratica: essa non sa cosa siano la carità (che io chiamerei solidarietà) e il dovere umano, e *protegge solamente* in determinati giorni, attraverso tè, concerti e ancheggiamenti di tango; per lei la disgrazia è sempre motivo di divertimento".

E finché la donna rimane tra gli astucci per la manicure, tra le tappezzerie, tra i cofanetti di gioielli, nelle sale degli hotel *chic* o nelle sale da tè delle case di alta moda, tutte prese dai tanghi e dall'orchestrina pazza dell'infernale jazz band – un mezzo sicuro per soffocare le voci interiori –; finché respira religiosità superstiziose e suppone che per la donna sia impossibile e persino immorale vivere senza inginocchiarsi ai piedi di qualsiasi divinità o dei suoi rappresentanti; finché crede che la tutela sociale o per lo meno la tutela maschile sia indispensabile; e finché si alimenta di pregiudizi; allora merita di esser trattata in questo modo, con tanto disprezzo, come se fosse una cosa, un oggetto con quale si prova piacere,

[223] Gilka Machado (1893-1980), poetessa brasiliana.

che si allontana perché non si può prestare, un oggetto che si compra o si vende, un animaletto di lusso, un *soprammobile* o... un animale da soma, una femmina mammifera...

E pensare che l'operaia, quella che poteva aspirare a un briciolo di libertà e coscienza, perché indipendente grazie al suo lavoro, perché capace di nutrirsi e di vestirsi con il suo salario; e pensare che questa donna abbandona quasi sempre le prerogative che la sua condizione economica le offre per imitare la donna borghese, per cadere nelle trappole che i borghesi le tendono; e pensare che tutte queste aspirano ad essere *signore* quando non saranno altro che schiave; pensare che dimenticano la loro condizione di libertà dai pregiudizi per buttarsi nell'incoscienza, nel servilismo, nel servilità dell'essere protetta, tutelata!... Che differenza tra lo sforzo titanico, ribelle e rivoluzionario dell'operaio cosciente in lotta contro la borghesia reazionaria e contro il salariato, in lotta all'interno del focolare contro la reazione tremenda della famiglia religiosa, rassegnata e ignorante, e lo sforzo della operaia che desidera solamente le comodità, il lusso e il piacere delle donne borghesi! E ancora:

Tutte le donne, dalle classi più benestanti fino alle classi sociali più umili, tutte sono state irreggimentate per escludere dall'umanità quale cosa indegna, causa di tutti i mali e peste delle pesti, la *donna perduta*. La *donna perduta*!

Perduta perché?

Potremmo chiamarla decaduta, disonesta, immorale, tutto quel che vogliamo, ma perché perduta?

Per caso qualcuno dice che l'uomo è *perduto*?

Se prendiamo il più abominevole degli uomini – viziato libertino truffatore –, la viltà lo rende un uomo perduto se ha denaro o una posizione sociale?

Se è un duca, un conte, un principe o un erede di qualunque titolo idiota comprato a spese dello sfruttamento di altri uomini, non frequenterà forse l'intimità delle famiglie della cosiddetta *buona* e *alta società*?

E per caso l'uomo più onesto, più virtuoso, più puro (ammesso che esista), sarà forse migliore della donna più disonesta, sarà più elevato della donna perduta?

Che vigliaccata!

Com'è gesuiticamente organizzata la *buona società*!

Credo nell'influenza decisiva della parola vigorosa, della protesta energica e della rivolta del verbo incandescente di indignazione, che lancia dardi di fuoco sulle coscienze addormentate dall'influenza ancestrale, contro il peso erculeo del passato. È il risveglio...
Non pensiamo a leggi: vale di più ripetere senza tregua. È il passaggio verso l'inconscio...

L'applauso non mi tocca, così come l'attacco.
Mi sono decisa a conquistare il diritto di dire a voce alta le mie convinzioni.
La vita è un minuto e in questo momento fugace e doloroso vale di più parlare di una verità, anche se l'audacia costa cara, piuttosto che rifugiarsi nell'egoismo o nel cinismo della gente addomesticata e servile e vivere nell'ipocrisia ufficiale e ufficiosa.
Ho il diritto di lasciare un segno della mia protesta cosciente: non faccio parte di una bugia legalizzata e sociale.
Le critiche aspre, le battute ironiche e gli attacchi incoscienti o calcolati mi piovono addosso da tutte le parti. Persino e soprattutto da parte della donna!
Oltretutto essa diffida di noi: vuole portare avanti la sonnolenza millenaria, le piacciono il direttore spirituale e la tutela maschile. E, estremamente sensibile com'è, non può vivere senza affetti; il sacerdote e le pratiche religiose le riempiono il cuore, in qualche modo, al di là delle esigenze del marito rozzo o indifferente, al di là delle lotte quotidiane estenuanti o dell'ozio smisurato. Non le basta una sola spina dorsale...
La religione le impedisce la ragione e lei si tappa le orecchie a qualsiasi altra voce.
Gli ideali femminili non vanno oltre la carità mondana. Questa è la questione sociale più grande e definitiva relativamente al cervello della donna.
La scuola ufficiale, la mondanità e la religione esercitano su di lei la una dittatura implacabile.
Contro questa resistenza, secolare molte volte, serve lo stiletto appuntito che ferisca senza pietà, che lasci all'interno la spina sottile del dubbio, l'incertezza, lo squilibrio che tortura, l'amarezza delle cadute, castelli demoliti, la disperazione

per la causa sconfitta, la mancanza di fede, la rovina delle cose consumate e passate e la necessità di trovare riparo su un terreno più stabile...

E la semina...

Che ci restringano pure il campo di azione nella società, nella scuola ufficiale, nella stampa: è giusto.

Ci resta lo spirito combattivo: prenderemo a pugni le circostanze della vita e lasceremo alle generazioni future l'esempio del carattere incorruttibile, il coraggio delle convinzioni, la protesta energica e il grido di entusiasmo per tutte le giuste cause, tra le quali segnaliamo, in questo volume, il libero esame per la mente femminile. Desidero molte cose: il benessere sociale, l'educazione razionale, l'Arte e tutte le emozioni del Bello e della Verità Scientifica.

E sono convinta che i nostri giorni *melindrosos* costeranno caro all'aspirazione dei suoi idealisti, dei precursori e dei suoi rappresentanti.

Mi trincero dietro il mio ampio punto di vista, mi faccio scudo e mi armo per proteggermi dai possibili attacchi e forse dal ridicolo con cui vogliono ricevere il mio libro.

Rendo conto solo alla mia coscienza.

Ma perché dire tutto ciò?

Viviamo in un Paese dove disgraziatamente la donna non ha il diritto di essere responsabile!

È sempre una *minore*, *sotto tutela*; può essere pazza o tarata, divertente o originale, ma eternamente infantile: ci ricevono con il sorriso benevolo… dei *superiori*.

E questa irresponsabilità è anche un'arma, anche se preferiremmo la responsabilità diretta: mineremo, da parte nostra, le basi di tutte quelle convenienze sociale, a poco a poco, lentamente, avendo fiducia in altre voci, in altre semine... che il sole fecondo di nuove generazioni e la rugiada di altre albe maturino per abbondanti raccolti.

Bibliografia geral

AA.VV., *Anarquismo e pedagogia libertária*, disponível em www.portalgens.com.br/.../anarquismo_e_pedagogia_libertaria.pdf

Avilés J., *Francisco Ferrer Y Guardia. Pedagogo, anarquista y mártir*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2006.

Babini V. P. - Minuz F. - Tagliavini A., *La donna nelle scienze e nell'uomo*, Milano, Franco Angeli, 1986.

Bernardon de Oliveira T., *Anarquismo, sindacatos e revolução no Brasil (1906-1936)*, Dissertação de Pós-Graduação, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009, disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp090965.pdf

Buzeli Bonomi A., *Anarquismo em São Paulo: As razões do Declíno (1920-1935)*, Dissertação do Mestrado, São Paulo, Puc-SP, 2007, disponível em http://www.4Shared.com/get/SCwWUcYN/Anarquismo_em_So_Paulo_As_Raze.html

Codello F., *"La buona educazione". Esperienze libertarie e teorie anarchiche in Europa da Godwin a Neill*, Milano, Franco Angeli, 2005.

Dantas Mota L. (org.), *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, Vol. 1, São Paulo, Senac, 1999.

Dias E., *História das lutas sociais no Brasil*, São Paulo, Edaglit, 1962.

Dos Santos J. A., *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000, disponível em http://www.google.it/#hl=it&source=hp&biw=&bih=&q=LUIZETTO%2C+F.+V.+Presen%C3%A7a+do+anarquismo+no+Brasil+um+estudo+dos+epis%C3%B3dios+liter%C3%A1rio+e+educacional%E2%80%93+1900%2F1920.+1984.+%28Tese+de+Doutorado%29+download&aq=f&aqi=&aql=&oq=&fp=1

Fausto B., *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo, Difel, 1983.

Fenerik J. A., *A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos*, disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/viewFile/194/181

French J. D., *The Brazilian workers'ABC: class conflict and alliances in modern São Paulo*, The University of North Carolina Press, 1992.

Giannotti V., *Historía das lutas dos trabalhadores no Brasil*, Rio de Janiero, Mauad, 2007.

Glick T. F., Puig-Samper M. A., Ruiz R., *The reception of Darwinism in the Iberian world: Spain, Spanish America, and Brazil*, Dordrecht, Kluwer Academic Publisher, 2001.

Kent Besse S., *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940*, São Paulo, Edusp, 1999.

Lombroso-o G., *Nell'America Meridionale. Note e impressioni*, Milano, Fratelli Treves, 1908.

Lopez A. - Mota C. G., *História do Brasil: uma interpretação*, São Paulo, Senac, 2008.

Macena F. F., *Madames, mademoiselles, melindrosas: representações femininas na revista Fon-Fon (1920-1930)*, Dissertação de Pós-Graduação, Brasília, Universidade de Brasília, 2010, disponível em repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/.../2010_FabianaFranciscaMacena.pdf

Pereira A. L., Pita J. R. (org.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e singularidades de uma época*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

Pombo Rocha J. F., *História do Brasil*, São Paulo, Melhoramentos, 1963.

Prado Arnoni A. (org.), *Libertários & militantes: arte, memória e cultura anarquista*, Campinas (SP), Unicamp, 1985.

Id., *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1986.

Rama C. M., Cappelletti A. J., *El Anarquismo en América Latina*, Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1990.

Rodrigues E., *Lavoratori italiani in Brasile*, Casavelino Scala, Galzerano, 1985.

Id., *Novos rumos, pesquisa social: História do movimento operário e das lutas sociais no Brasil, 1922-1946*, Rio de Janeiro, Mundo livre, 1978.

Samis A., *Sindacalismo e Anarquismo no Brasil*, s.d., disponível em http://www.4shared.com/get/r68__Bw5/Anarquismo_no_Brasil.html;jsessionid=66139615DDBC9A716C9361F88E5B584D.dc278

Scarzanella E. (org.), *Fascisti in Sud America*, Firenze, Le Lettere, 2005.

Toledo C., *Il marxismo e il problema dell'emancipazione della donna*, disponível em www.alternativacomunista.it/.../Sulla%20questione%20femminile.pdf

Toledo, E. T., "Em torno do jornal "O Amigo do Povo": os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século", *Cadernos AEL*, Campinas (SP), Unicamp/Ifch, n.8/9 (1998), pp. 89-113.

Trento A., *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel, 1989.

Ventura T., *Nem barbárie nem civilização!*, São Paulo, Annablume, 2006.

Wolfe J., *Working women, working men: São Paulo and the rise of Brazil's industrial working class (1900-1955)*, Durham/London, Duke University Press, 1993.

Woodcock G., *L'Anarchia. Storia delle idee e dei movimenti libertari*, Milano, Feltrinelli, 1966.

Bibliografia sobre Maria Lacerda de Moura

Brasileiro Medeiros Silva A. A., "Embates Representacionais em busca de uma

personagem: Maria Lacerda de Moura no tráfico de luzes e sons", *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, Universidade do Estado de Rio de Janeiro, 2009.

Camp Valenti S., "La pensadora Maria Lacerda de Moura", *Estúdios*, Barcelona, IX, n. 90 (fevereiro 1931).

Correia F., "Mulheres libertárias: um roteiro", in Prado, *Libertários no Brasil,* cit.

Gonçalves A. - Silva J., "Maria Lacerda de Moura, Uma anarquista individualista brasileira", *Revista Utopia*, n. 9.

Hahner J. E., "Feminism, Women's Rights, and the Suffrage Movement in Brazil, 1850-1932", *Latin American Research Review*, vol. 15 (1980), n. 1, pp. 65-111.

Ead., "Recent Research on Women in Brasil", *Latin American Research Review*, vol. 20 (1985), n. 3, pp. 163-179.

Lavrin A., "Women in Latin American History", *The History Teacher*, vol. 14, n. 3 (may 1981), Special Issue on Teaching American History, pp. 387-399.

Leite Moreira M. L., *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, Ática, 1984.

Leite Moreira M. L., "Maria Lacerda de Moura e o anarquismo", in: Prado, *Libertários no Brasil* cit.

Leite Moreira M. L., *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*, Florianopolis, Editora Mulheres, 2005.

Mendes Colhado S., *Anarquismo e Feminismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889 -1930)*, Franca, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", s.d.

Ead., *As mulheres anarquistas na cidade de Sao Paulo (1889-1930)*, Franca, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2010.

Miranda J. V. de, "*Recuso-me"! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura*,

Dissertação em História, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006, disponível em http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=719

Moura, Maria Lacerda de, *Amatevi e non moltiplicatevi. Educazione, femminismo, libertà sessuale, antimilitarismo*, Leite Moreira M. L. (org.), Caserta, Spartaco, 2005.

Rago M., *Entre a História e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*, São Paulo, Unesp, 2001.

Ead., *Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri*, disponível em http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf

Richter, Peters L., *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*, Dissertação de Mestrado, Campinas (SP), Unicamp, 1998.

Schpun M. R., *Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde Entrevista com Miriam Moreira Leite**

Obras de Maria Lacerda de Moura

Em torno da Educação, São Paulo, Teixeira, 1918.

A mulher é uma degenerada?, São Paulo, Typ. Paulista, 1924.

Clero e Estado. Rio de Janeiro, Liga Anticlerical, 1931.

Religião do Amor e da Beleza, São Paulo, Condor, 1926.

Han Ryner e o Amor Plural, São Paulo, Unitas, 1928.

Prefácio a Júlio Barcos, *Liberdade Sexual das Mulheres*. Tradução de Maria Lacerda de Moura, s/e, 1929.

Civilização – tronco de escravos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1931.

Amai e... não vos multipliqueis, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me!Denuncio!, São Paulo, A Sementeira, 1933.

Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores, São Paulo, Editorial Paulista, 1934.

Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica, São Paulo, Editorial Paulista, 1934.

Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital, São Paulo, Editorial Paulista, 1934.

Artigos de Maria Lacerda de Moura

Moura, Maria Lacerda de, "Guerra á Guerra", *O Combate*, São Paulo, n. 4560, (19 novembro 1927), p. 3.

Moura, Maria Lacerda de, "A Emancipação Feminina", *O Combate*, São Paulo, n. 4604, (12 janeiro 1928), p. 3,

Moura, Maria Lacerda de, "Uma anarquista individualista brasileira", *Revista Utopia*, n. 9.

Moura, Maria Lacerda de, "Para o despertar da mulher", *A Tribuna*, São Paulo, (8 outubro 1921).

Moura, Maria Lacerda de, "Feminismo? Caridade?", disponível em http://www.Nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/10feminismocaridade.htm

Dicionários

Buarque de Holanda Ferreira A., Novo Dicionario Aurélio da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Nova Frontera, 1986[2].

Houaiss A., Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Objectiva, 2001.

Mea G., O Dicionário Português-Italiano: dizionario portoghese-italiano, italiano-portoghese, Vol. I e II, Porto, Zanichelli/Porto Editora, 1990.

Michaelis, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, Melhoramentos, 1998.

Nevez O., Dicionário de Expressoes correntes, Lisboa, Notícias, 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em www.priberam.pt